



BAIXA REPRESENTAÇÃO

Presença feminina desafia partidos

Barreiras sociais limitam participação das mulheres. **Página 13**

Efeitos do El Niño põem aves em risco

Mudanças climáticas tendem a prejudicar a oferta de água, alimento e abrigo e modificar ciclos reprodutivos, afetando a qualidade de vida dos animais.

Página 20



Foto: Carla Miranda



Exposição de crianças a padrões da vida adulta preocupa especialistas

Processo de assimilação precoce de comportamentos, conhecido como “adultização”, induz a riscos cognitivos, sociais e emocionais incompatíveis com a idade.

Página 7

Nos 204 anos da Independência, o conceito de soberania ganha novos contornos



Imagem: Elaborada com IA

Antes restrito à ideia de autoridade na tomada das próprias decisões políticas, o termo passou a englobar novos instrumentos de poder ao longo dos séculos, e fatores como a tecnologia, influência de corporações e o uso de recursos naturais ganham cada vez mais destaque.

Página 8

Flávia Wenceslau reencontra o público paraibano em show no Paulo Pontes

Radcada na Bahia há mais de 20 anos, a paraibana apresenta-se hoje, às 19h, com um repertório de músicas que marcaram sua carreira e composições do seu mais recente trabalho, *Sob o mesmo céu*.

Página 9



Carros abandonados viram risco nas ruas de João Pessoa

Veículos desprezados pelos donos ocupam vias públicas, acumulam sujeira e podem favorecer perigo à saúde e à mobilidade.

Página 5

Alimentos proteicos ganham espaço nos supermercados

Busca por saúde e longevidade muda hábitos de consumo e amplia a presença de produtos funcionais nas gôndolas.

Página 17



Auto Esporte celebra 90 anos em meio à crise

Clube faz aniversário amanhã, no mesmo dia em que o Treze chega aos 101 anos.

Página 24

■ “Nós também sabemos quem somos a partir daqueles que colocamos do outro lado da fronteira. O ‘nós’ precisa de um ‘eles’”.

Estevam Dedalus

Página 10

■ “Países que dominam tecnologias possuem maior capacidade de enfrentar crises, gerar riqueza e definir seu próprio destino”.

Marcílio Correia

Página 17

■ “Antigamente, a turma se superava em fazer regulamento. E simplesmente o empate forçou um terceiro jogo”.

Pedro Alves

Página 23

Editorial

De novo, a questão!

A Organização das Nações Unidas (ONU) e a maioria dos governos de países desenvolvidos precisam urgentemente acertar os ponteiros, como reza o conhecido ditado popular. Isso no quesito de preservação do meio ambiente, no qual as divergências entre a agência internacional e os interesses econômicos, políticos, militares e culturais de grandes potências são graves e notórias, assinalando um preocupante descompasso de interesses.

Enquanto os Estados Unidos da América (EUA) e a China, por exemplo, travam uma guerra não declarada pelos mercados mundiais em potencial ou já consolidados, desconsiderando, cada um a seu modo, os imperativos da degradação ambiental em escala planetária, a ONU, para “desaquecer” o aquecimento global, quer a eliminação gradual dos combustíveis fósseis e um amplo investimento em similares renováveis.

Ora, é certo, como afirma o secretário-geral da ONU, António Guterres, que “cada fração de aumento de temperatura evitada é essencial para a sobrevivência humana”. Ocorre que o planeta está, literal e figurativamente, pegando fogo, e líderes mundiais, como o estadunidense Donald Trump e o chinês Xi Jinping, pelo que se vê, estão pouco se lixando para a Terra, de olho apenas nos interesses das terras que os viram nascer.

Trump ataca países do Oriente Médio com armas de última geração, sequestra presidente na América Latina, faz ameaças comerciais a torto e a direito e, como se não bastasse, declara, em outras palavras, que pensa transformar em estados ou possessões dos EUA a Groenlândia, o Canadá, a Venezuela, o Canal do Panamá e a Faixa de Gaza. Como cobrar-lhe tempo para cuidar da Terra, se ela não lhe pertence no todo, como ele quer?

As calotas polares derretem, aumentando o nível dos oceanos, com efeitos nefastos para a terra, a água e o ar. O colapso glacial na fronteira entre o Nepal e o Tibete causou a tragédia que devastou e enlutou a região, assombrando o mundo. Ondas de calor extremo, inundações e incêndios florestais cataclísmicos mostram, sem margem para dúvidas, como exalta a ONU, que o mundo se agita no limite da segurança climática.

O mais recente plano apresentado pela ONU, no que diz respeito a soluções para conter a crise ambiental, prescreve “acabar rapidamente com a dependência de combustíveis fósseis, acelerar o uso de energias renováveis, reduzir drasticamente as emissões de gás metano e recuperar ecossistemas essenciais, como florestas e oceanos”. Haverá compromisso político e financeiro real para essas iniciativas? Eis, de novo, a questão!

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Brejo das Freiras: a história de um nome

Recorri ao amigo Wergniaud Breckenfeld para obter informações que me esclarecessem as razões da denominação da estância termal localizada no município de São João do Rio do Peixe, no Alto Sertão paraibano, conhecida como “Hotel Brejo das Freiras”. Ele me enviou um texto escrito por Antônio Nogueira da Nóbrega, no qual pude, enfim, conhecer os motivos pelos quais aquela estação balneária recebeu esse nome.

As terras pertenciam às freiras do Convento da Glória, situado em Recife, Pernambuco. Elas as haviam recebido por doação dos irmãos Francisco de Araújo Carvalho Gondim e Manuel de Araújo Carvalho Gondim, ambos padres.

No livro *Apanhados Históricos, Geográficos e Genealógicos do Grande Pombal*, editado em 1970, Antônio José de Sousa registra que “quem primeiro deu notícia da existência dessas fontes termais foi Manoel Garro, isso no ano de 1700, quando, após um sangrento ataque indígena desfechado contra o velho Arraial de Piranhas (hoje Pombal), ele organizou uma poderosa coluna e marchou contra os índios rebelados, afugentando-os para cima das serras. Chegando ao pé do serrote, descobriu as fontes termais”.

Originalmente, a localidade era conhecida como “Olho D’Água dos Araújo”, por pertencer ao coronel Manoel de Araújo de Carvalho, que a obteve por arrendamento junto à Casa da Torre, da Bahia, no início do século XVIII. Anos depois, sua viúva, Ana Fonseca Gondim, requereu, por sesmaria, as terras anteriormente arrendadas pelo marido, Brejo e Olho D’Água, que passaram, por sucessão hereditária, aos padres acima referidos.

A denominação “Brejo das Freiras” somente surgiu posteriormente, quando as terras passaram ao domínio das religiosas do Convento da Glória. Foi a partir daí que o antigo Olho D’Água dos Araújo se tornou conhecido pelo nome que permanece até os nossos dias.

Por interesse médico e científico, o clínico sertanejo Fausto Meira de Vasconcelos estudou as propriedades das águas, considerando-as entre as mais puras do país. O reconhecimento de suas características e de suas propriedades terapêuticas contribuiu para transformar o lugar em uma importante estação balneária.

Durante décadas, a Estância Termal de Brejo das Freiras tornou-se um dos grandes destinos turísticos do interior paraibano, chegando a integrar o circuito brasileiro de turismo associado às águas minerais e termais. A fama de suas águas, aliada à beleza e ao isolamento da região, fez do lugar um ponto de atração para visitantes em busca de descanso e dos benefícios atribuídos aos banhos termais.

A partir de 1964, o hotel passou a ser administrado pelo Governo do Estado da Paraíba. Durante esse período, merece registro especial a presença de Dona Etina, viúva do major Jacob Frantz, que foi eleito prefeito do município por cinco vezes. Dona Etina tornou-se uma personagem importante da memória afetiva da estância. Sua presença, durante os anos em que esteve à frente da administração do hotel, ficou associada à história cotidiana de Brejo das Freiras e às lembranças de muitas pessoas que passaram por aquele lugar.

É uma história que merece ser preservada. Não apenas pela importância da Estância Termal para o turismo paraibano, mas também porque, nas suas fontes e na memória daqueles que ali viveram ou a visitaram, permanece uma parte significativa da história do Alto Sertão da Paraíba.

O clínico

sertanejo

Fausto Meira

de Vasconcelos

estudou as

propriedades

das águas,

considerando-

-as entre as mais

puras do país

Opinião

Foto Legenda

EDIÇÃO: Gisa Velga
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca

Carlos Rodrigo



Últimos ajustes na obra

Artigo

José Octávio de Arruda Mello
Colaborador

Picuí em tema de Alberto Sales

Advogado dos mais conceituados e marido de Patrícia de Andrade Sales, como grande amiga de minha falecida esposa, Amável, Alberto Sales faz-se um dos melhores apresentadores de nossa televisão. Por isso responde semanal presença na TV Master, na qual seu programa prima pela categoria.

Além de jornalista, Alberto é também amigo, capaz de verdadeiros gestos. Como agora, brindando-me com *Abílio César de Oliveira – O vulto literário de Picuí* (2026), de autoria de Damião Silva. Em tudo por tudo vinculado à terra dos ancestrais, o estudo reafirma a força de Picuí. Não apenas como a terra da carne de sol, mas das iniciativas pedagógicas de Felipe Tiago Gomes, à frente da Cenec, e abordagens de Fabiana Agra, responsável por algumas das mais consistentes monografias do interior do estado.

Igualmente conhecido como “Damião Seridó”, Damião Silva não destoa desse contexto. Apaixonado pelas coisas de Picuí, recomenda-se por incursões nos campos do cordel, poesia e história em quadrinhos, o que explica prêmios em concursos literários e sucesso da atual empreitada. Nesta, que li com prazer, lamento apenas inflação de conceitos, que o leva a, sucessivamente, contemplar seu biografado com onze e oito adjetivos. Seria necessário tanto?

Fora daí, todavia, procurando “mostrar como a cultura brasileira pode se constituir fora dos núcleos tradicionais da consagração cultural”, o autor construiu obra em que, manifestamente didático, expressou autêntico modelo para o gênero.

Recorrendo à biblioteca do amigo Marcio Pacheco, opulenta bibliografia do final do texto e noção de tempo e espaço, Damião Silva evidencia a trajetória de Abílio César de Oliveira, repartida à sombra do pai, para, entre Rio Grande do Norte e Paraíba, recair no velho Picuí de tantas singularidades.

Nesta última, como espaço de maior afirmação, a construção torna-se antológica ao reconstituir o despertar de cidadezinha “dos movimentos imperceptíveis e vibrantes”, “aboio dos tangerinos da madrugada”, caminhadas pelos coreto e adro da Igreja Matriz,

e, enfim, abordagem do moleque engraxate: “Vai uma graxinha hoje?”.

A partir dessas situações, a vida de Abílio César desdobra-se em apropriadas passagens. Ele perfaz as primeiras letras em grupos escolares de Picuí e Currais Novos, avança pelas inclinações literárias de Acari, acompanha os jornaizinhos editados pelo pai em Caraúba dos Dantas e, em 1925, casa em Jardim de Seridó, para, afinal, retornar à terra natal, em 1936.

Após incursão de três anos em São Paulo, Abílio, mesmo sem nunca perder os vínculos com Jardim de Seridó, instala-se definitivamente em Picuí, onde exerce cargos na prefeitura, torna-se professor e contador de cooperativa, advogado provisionado, diretor social na Cnec local e, afinal, vereador eleito em 1947. Durante essas atividades e excursões pela vizinhança, recolheu subsídios para seu trabalho *Município de Picuí – Esboço Histórico* (1963), infelizmente não reeditado.

Personalidade essencialmente comunitária, conquanto autodidata, Abílio César de Oliveira converteu-se em intelectual e homem de letras de sua circunstância, humanista, orador, conferencista, credor de amizades como a de José de Azevedo Dantas, “trabalhador incansável e cidadão acessível” e “pioneiro de ideias avançadas”, talqualmente as classificações do biógrafo.

Na biografia que lhe diz respeito, o ponto alto reside na seção “Seu tempo, sua época”, em que despontam as Velha e Nova República, Era Vargas, secas de 1915 e 32, acompanhadas das obras que as enfrentam, estrada de ferro que não se concretizou, cangaço de Lampião e Antônio Silvino, assassinato de João Pessoa, advento da mineração, polêmicas de Felipe Tiago Gomes com o pernambucano Mario Melo, arrombamento de 28 açudes a 26 de março de 1960, surto sisaleiro e “a imprensa local, atuante, embora quase sempre incipiente”.

Abílio César de Oliveira – O vulto literário de Picuí transformou-se, assim, em animado capítulo da história da Paraíba. Conceptualmente, resultou de fusão entre Abílio César, Damião Silva e Alberto Dantas Sales aos quais creditamos a simpatia destas linhas.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

MERCADO DE TRABALHO

Empresas juniores abrem portas para estudantes

Organizações desenvolvem competências técnicas, gerenciais e sociais

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Ter experiência no trabalho faz muita diferença na hora de arrumar um emprego, mas pode se tornar um desafio para quem é recém-formado e está iniciando a vida profissional. Uma boa opção para estudantes universitários vivenciarem desde cedo as profissões escolhidas são as empresas juniores (EJ). Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), existem diversas empresas juniores em diferentes áreas de atuação.

As EJ são organizadas e geridas por estudantes de graduação, com o objetivo de desenvolver competências técnicas, gerenciais e sociais por meio da execução de projetos e serviços. No âmbito da UFPB, de acordo com a Resolução Consuni nº 04/2018, as empresas juniores são reconhecidas como atividades de extensão.

Atualmente, a Pró-Reitoria de Extensão (Proex) possui 35 empresas juniores reconhecidas pela UFPB, embora nem todas estejam, neste momento, atuantes. Dessas, nove



Foto: Arquivo/A União

No âmbito da UFPB, as empresas juniores são reconhecidas como atividades de extensão

empresas estão regularizadas, são elas: SIE – Soluções e Inovações em Energia, Rural Junior, Actuar Consultoria, Internacionalize Consultoria, Agrocon, Executive Consultoria Júnior, Candeiro, Líderi e Planej. Dessas 35 empresas, 25 estão vinculadas ao Campus I, oito ao Campus III e duas ao Campus IV.

A pró-reitora de Extensão da UFPB, Bernardina Frei-

re, afirmou que a empresa júnior tem grande importância na formação dos estudantes, porque aproxima a universidade do mundo profissional, permitindo que o conhecimento adquirido em sala de aula seja aplicado em situações reais.

Documento enviado pela pró-reitora à reportagem de **A União** enumera as principais contribuições

das empresas juniores da universidade: integração entre teoria e prática; desenvolvimento de competências profissionais; formação empreendedora; autonomia e protagonismo estudantil; responsabilidade social; integração com o mercado de trabalho; interdisciplinaridade e fortalecimento da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão.

Experiência é importante para a profissão

A Planej, por exemplo, é uma empresa de projetos de arquitetura e engenharia civil, envolvendo estudantes dos dois cursos de graduação. Criada em 2015, atualmente a empresa júnior tem uma equipe de 20 pessoas, que se dividem em diversas funções, como *marketing*, financeiro e comercial, além das que são diretamente ligadas às suas áreas de estudo.

O presidente da Planej, Cleyton Henrique Potter, tem apenas 19 anos e destacou a importância da experiência para o seu futuro profissional. “A gente também tem a parte de comercial, que é lidar com os clientes, a parte de venda. Tudo isso é muito importante, porque quando eu chegar no mercado, se eu não for seguir carreira de pesquisa, a gente precisa lidar com o cliente e saber o que ele quer”, observou.

Não é porque a empresa é formada por estudantes que não deve ser levada a sério. Eles precisam cumprir horários e alcançar metas, como em qualquer outra empresa. A diferença é que a carga horária é reduzida para ser compatível com os estudos. Na Planej, por exemplo, são 12 horas semanais, sendo metade presencial e metade na modalidade virtual. Os estudantes são supervisionados por um professor ou, no caso da Planej, dois professores, um para cada curso envolvido.

Um dos profissionais fica responsável por assinar as Anotações de Responsabilidade Técnica (ARTs) exigidas pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea), enquanto o outro assina os Registros de Responsabilidade Técnica (RRTs) exigidos pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU).



Foto: Leonardo Áriei

Cleyton Henrique Potter é presidente da Planej, na UFPB

A empresa possui Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e emite notas fiscais normalmente. A diferença é que ela não tem fins lucrativos e os estudantes não são remunerados. O dinheiro recebido pelos serviços prestados é reinvestido na própria empresa para possibilitar a aquisição de equipamentos e custear a participação dos estudantes em encontros da área. Ao deixar a empresa, o estudante recebe um certificado.

Por não visar o lucro, as empresas juniores conseguem oferecer preços mais competitivos em relação às empresas seniores. “A gente consegue fazer com que pessoas que não têm uma renda tão alta também tenham acesso a esse tipo de projeto”, afirmou Cleyton. Além disso, ele garantiu que os projetos possuem ótima qualidade, pois todos que participam da empresa passam por processos de qualificação.

Outra empresa júnior que já atua há muito tempo na UFPB é a Internacionalize Consultoria, dos estudantes de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais e dos alunos de Tradução.

“Com 13 anos no mercado, temos mais de 100 proje-

tos vendidos. Em 2023, apresentamos um *case* de sucesso no ENEJ (Encontro Nacional de Empresas Juniores) que tem em média 4 mil pessoas do Brasil todo”, contou o diretor de Projetos e Inovação da empresa, Érico Luahn.

Ele explicou que a empresa funciona em três eixos. O primeiro oferece soluções de consultoria em comércio exterior, focadas em pequenas e médias empresas que estão começando o processo de exportação de seus produtos. Isso inclui análise de capacidade exportadora, mapeamento e acessibilidade de países, análise de mercado internacional, estudo burocrático, estudo logístico e prospecção internacional.

“Acho interessante ressaltar que, neste ano, conquistamos uma consultoria completa no ramo de caça-rias, que foi algo novo para nós e está sendo muito enriquecedor”, afirmou Érico. “Nossos serviços são muito aprofundados e personalizados e já prestamos consultoria em exportação de artesanato paraibano, pão de queijo, cachaças e marmitas *fitness* congeladas”, completou.

O segundo eixo é voltado para empreendedores que

precisam se posicionar melhor no mercado internacional e oferece serviços como internacionalização e adaptação de espaços, tradução simultânea de reuniões eventos e conferências, *marketing* internacional, promoção comercial e portfólio multilíngue (português brasileiro, inglês, espanhol e francês).

Já o terceiro eixo é focado na tradução linguística de gêneros textuais diversos. Nesse caso as soluções consistem em traduções técnicas, literárias, acadêmicas, de etiquetas e juramentadas. “Um adendo importante e que sempre dizemos é que a Internacionalize não faz traduções juramentadas, porém temos tradutores juramentados parceiros que realizam esse serviço”, esclareceu Érico.

Ele esclareceu, ainda, que, em 2025, a Internacionalize conquistou o primeiro projeto de impacto da federação paraibana de empresas juniores. “Para que um projeto seja considerado de impacto no Movimento Empresa Júnior, ele precisa contemplar ticket-médio com rentabilidade competitiva, abarcar os pilares do movimento e ter impacto real para a sociedade”, explicou.

“Nosso projeto foi a tradução de um vasto manual de aviação de uma companhia aérea da República Dominicana. A companhia queria expandir seus negócios para os Estados Unidos, porém o manual precisava estar em inglês. Tratou-se de uma tradução técnica do espanhol para o inglês, que era prevista para ser executada em quatro meses e realizamos em duas semanas, com excelente padrão de qualidade”, afirmou Érico.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O último suspiro de Gaia e o fim de nossa era

Ouvi dizer que, antes do silêncio, houve um estrondo. Não o trovão das monções, mas o ranger profundo de ossos milenares se partindo. No Nepal, a terra abriu-se como uma boca sedenta, engolindo vilarejos, templos e preces. As geleiras do Himalaia, sentinelas brancas de um equilíbrio antigo, desceram pelas encostas como lágrimas de um deus esquecido. E, no entanto, continuamos a olhar para o céu, esperando um sinal que nunca virá.

Porque o sinal já foi dado. Ele está no derretimento silencioso dos polos, no pulso febril dos oceanos, no desespero dos pássaros que migram para lugar nenhum. Gaia, essa entidade que por bilhões de anos teceu a vida com paciência de artesã, agora agoniza. E nós, seus filhos ingratos, assistimos ao espetáculo como quem folheia um jornal velho, entre um gole de café e uma olhada no relógio.

Não foi um deus furioso que rachou o solo nepalês. Foi a matemática fria do capital. Essa máquina insaciável que transforma rios em esgoto, florestas em cinzas, montanhas em minas. Ela devora mundos com a elegância de um parasita: primeiro consome os recursos, depois os povos, por fim a esperança. O capitalismo não é um sistema econômico, é uma mitologia e seus alta-

res são os poços de petróleo, seus sacerdotes usam gravatas, seu ritual é o lucro. E o sacrifício? Ah, o sacrifício é sempre a vida.

O Nepal é apenas um capítulo de uma tragédia maior. Lá, a terra tremeu porque foi obrigada a suportar o peso de nossa ambição. Desmatamos as encostas, perfuramos as entranhas, aquecemos o ar. E quando Gaia, em seu espasmo final, se contorce, culpamos a “natureza impiedosa”. Mas a natureza não é impiedosa, ela é apenas consequen-

No Nepal, a terra abriu-se como uma boca sedenta, engolindo vilarejos, templos e preces

te. Nós somos os impiedosos, os que trocamos o amanhã por uma moeda de cobre.

A era que se encerra não tem nome de rei ou revolução. É a era em que a Terra ainda respirava. Em breve, contaremos às crianças (se houver crianças) sobre um tempo em que as estações eram previsíveis e os rios corriam limpos. Elas nos olharão com a mesma incredulidade com que olhamos para os mitos de Atlântida. E terão razão: fomos uma civilização que construiu cidades sobre o gelo e surpreendeu-se quando ele derreteu.

O último suspiro de Gaia não virá como um estrondo, mas como um lamento. Talvez seja ouvido primeiro nas montanhas do Himalaia, onde os fantasmas dos alpinistas misturam-se ao vento. Depois, nos manguezais que recuam, nos recifes que embranquecem, nos campos que secam. Será um som baixo, quase um sussurro, como o de uma mãe que, cansada de chamar os filhos para casa, decide partir sozinha.

E nós? Continuaremos a medir o PIB, a imprimir dinheiro, a erguer arranha-céus. Até que um dia, sem alarde, o último de nós olhará para o céu e verá que as estrelas já não nos reconhecem. Então, só então, entenderemos que Gaia não precisava de nós. Éramos apenas uma nota de rodapé em sua longa canção — e a música, agora, terminou.



Foto: RS/Fotos Públicas

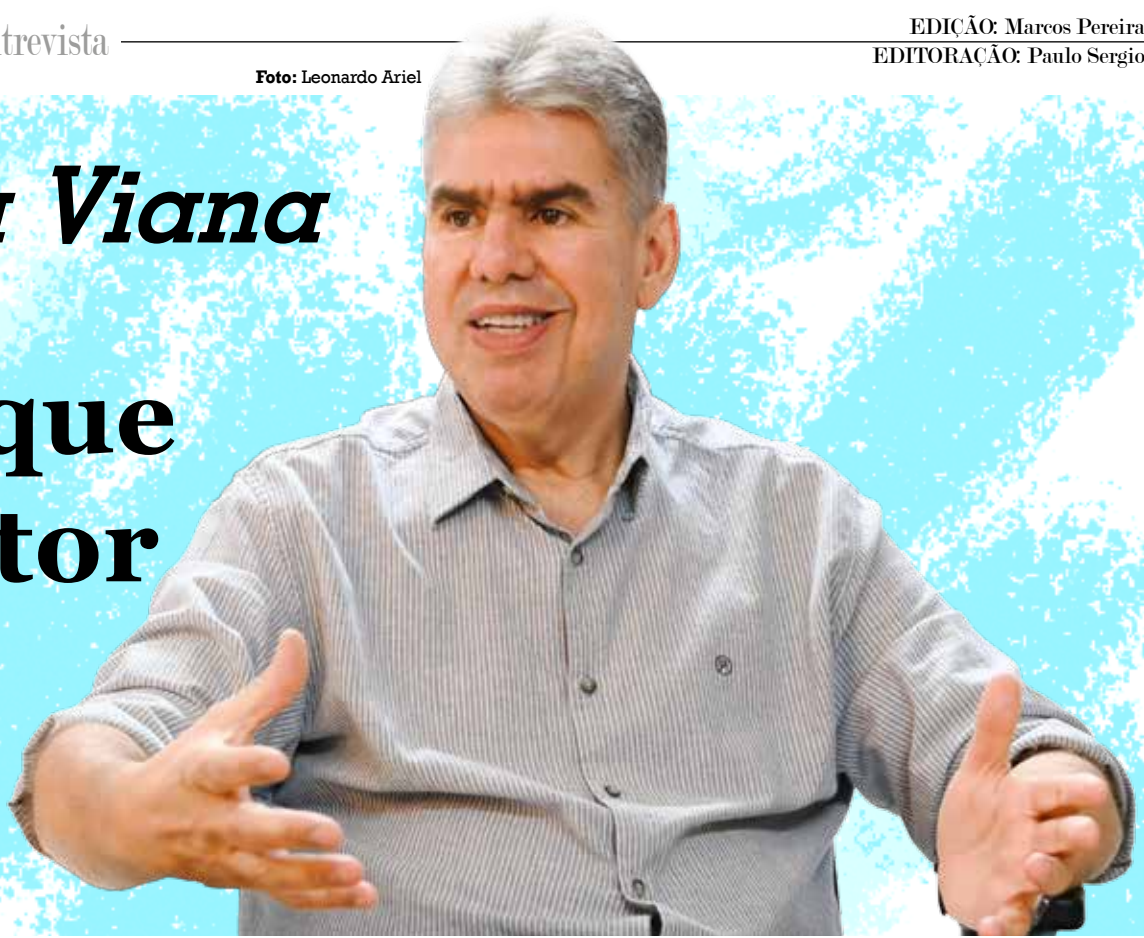
Colapso de geleira provocou desastre no Nepal

Colunista colaborador

André Pacelli Bezerra Viana

Presidente-executivo do Sistema OCB-PB

“A Paraíba é destaque no Nordeste, no setor das cooperativas de crédito”



Em entrevista, gestor da OCB-PB destaca o bom desempenho do sistema no estado e o aumento do número de cooperados

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Organizado em nove ramos — agropecuário, consumo, crédito, infraestrutura, saúde, seguros, trabalho, produção de bens e serviços e transporte —, o cooperativismo é um modelo de negócio oficialmente reconhecido como manifestação da cultura nacional, que vem ocupando um papel de destaque na organização socioeconômica do país. A publicação recente do Anuário Coop 2026, divulgado pela Organização das Cooperativas Brasileiras (Sistema OCB) em 31 de julho, revelou que a Paraíba tem ampliado sua base de cooperados e alcançado índices relevantes em incrementos e ativos.

Para saber mais sobre o desempenho do sistema no estado, o jornal A União conversou com o atual presidente executivo da OCB-PB, André Pacelli.

Entrevista

■ O cooperativismo, na Paraíba, atingiu marcas históricas de adesão nos últimos anos. O modelo é uma tradição histórica no estado, ou a adesão a ele é mais recente?

Aqui no estado, o modelo teve início com as cooperativas rurais, nas décadas de 70 e 80, sobretudo com o algodão. Mais recentemente, nos últimos anos, surgiram as cooperativas urbanas, como as do setor saúde e do financeiro, que nós chamamos de “cooperativas de crédito”. Entretanto, também temos, hoje, um aumento substancial de cooperativas agrícolas, sobretudo da agricultura familiar, estimulada por alguns programas do Governo do Estado. Então há, sim, uma certa tradição, que vem sendo estimulada, divulgada e vem gerando essa adesão.

■ Atualmente, a Paraíba acumula R\$ 10 bilhões em ativos no cooperativismo e movimentou R\$ 3,5 bilhões em ingressos. Como o desempenho do estado está posicionado no cenário regional do Nordeste e no contexto nacional?

O cooperativismo passa por um bom momento aqui na Paraíba. Tem crescido bastante e repercutido na economia do estado, de uma forma que podemos chamar de “expressiva”, sobretudo através dos ramos de saúde, crédito e agropecuário. A Paraíba, inclusive, é destaque no Nordeste, no setor das cooperativas de crédito. O Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob) e o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicred) estão muito fortes aqui no estado, e ambas as cooperativas possuem centrais em João Pessoa. Nos últimos anos, aumentamos mais de 150% o número de cooperados. E, além da movimentação financeira, também há grande empregabilidade. No estado, temos 77 cooperativas, 138,6 mil cooperados e já temos mais de 4.500 pessoas, contratadas diretamente por cooperativas, sem contar a cadeia que se gera. E, dentro do Planejamento Estratégico 2025–2030, plano nacional que orienta as organizações estaduais, como o nosso sistema, no fortalecimento da governança, representação política e inovação das cooperativas brasileiras, temos o plano, a nível nacional, de atingir R\$ 1 trilhão de movimentações até 2027. Chegamos, agora, a quase R\$ 800 bilhões, então há uma expectativa grande que a gente atinja esse montante até o ano que vem.

Também temos conseguido atingir nossas metas estaduais, e isso mostra que a sociedade tem percebido as cooperativas, em todos os setores, como algo seguro. O cenário é muito promissor.

■ O ramo agropecuário lidera em quantidade de unidades e representa 27 das 77 cooperativas ativas na Paraíba. O que, além de ter sido um dos primeiros a ser desenvolvido, explica a força desse setor na estrutura cooperativista paraibana?

Acredito que esse setor é o que tem o maior número de cooperativas a nível nacional. E, aqui, acho que vale uma nota: se você observar, o número de cooperativas em alguns ramos tem diminuído, mas isso não significa que o setor dele está enfraquecendo. As cooperativas financeiras, por exemplo, têm realizado um processo de incorporação, de fusão, para que elas fiquem mais robustas, mais fortes. Agora, no setor agro, a gente tem crescido bastante aqui na Paraíba, em decorrência de várias cadeias produtivas que temos no estado, como a cadeia pecuária, a da caprinovinocultura, da avicultura caipira, da fruticultura. São várias cadeias, e cada uma delas têm desenvolvido cooperativas. Também temos visto o surgimento de algumas agroindústrias de cooperativas aqui na Paraíba, que têm transformado a produção de leite em queijos, coalhadas e iogurtes. Inclusive, os queijos de algumas cooperativas têm sido premiados a nível mundial, e isso mostra que nossas cooperativas estão muito preocupadas em oferecer produtos de qualidade. Foi um dos primeiros setores, sim, mas também é um ramo que está em expansão, o da agricultura familiar aqui no nosso estado.

■ O setor cooperativo tem algum plano de ação para apoiar segmentos emergentes, como o artesanato?

Temos poucas cooperativas de artesanato aqui na Paraíba. Entre as que se destacam, temos a Cooperativa Arteza, no Distrito de Ribeira, Zona Rural da cidade de Cabaceiras. Eles se organizaram a partir do curtimento do couro e, desde então, vêm ganhando espaço por todo o Brasil. A expansão gerou empregos e turismo para a cidade, e hoje é uma das principais fontes de renda

dos habitantes da região. Os produtos são de muita qualidade e conseguem participar de feiras nacionais e internacionais. Entre outras coisas, o nosso Sistema OCB-PB atua no fortalecimento dos setores produtivos, apoiando iniciativas. Então, os artesãos e integrantes dos setores criativos que se organizarem, nesse sentido, podem nos procurar, que vamos apoiá-los. Um outro exemplo que temos é a Cooperativa Mista Agroartesanal de Juarez Távora, uma organização voltada para a agricultura familiar e o fortalecimento da economia local, destacando-se principalmente pela produção artesanal do tradicional bordado labirinto e de peças têxteis associadas à cultura regional. Além da geração de renda, essas cooperativas também desenvolvem um trabalho de revitalizar e manter tradições culturais locais. É muito bonito e muito interessante.

■ Dados do IBGE indicam que apenas 37% das empresas tradicionais sobrevivem após cinco anos, enquanto as cooperativas são mais resistentes e duradouras. Só na Paraíba, temos 42 cooperativas com mais de duas décadas de mercado. O que torna esse modelo tão longo, em comparação com outros?

O cooperativismo é um sistema baseado na união voluntária de pessoas, pautado em ajuda mútua. Ele promove o que chamamos de “ciclo virtuoso de desenvolvimento”, que é quando pessoas se unem por um propósito, crescem juntas e, a partir disso, geram mais trabalho, renda e aquecem a economia local. Vou dar o exemplo do crédito: o cooperado é cliente e, ao mesmo tempo, dono do negócio. E a possibilidade de gestão democrática, de participação na tomada de decisões, é uma das coisas que, acredito, fortalece o cooperativismo. Inclusive, o cooperativismo tem, também, a característica de agregar não apenas os cooperados, mas a comunidade. Através da intercooperação, os colaboradores também se envolvem muito. Então as pessoas acreditam na força desse modelo e querem que dê certo. O cooperativismo organiza categorias profissionais, organiza cadeias produtivas, e eu acho que essa questão da coletividade conta muito. A participação é empoderadora, e um dos princípios fundamentais do cooperativismo é a transparência. Acredito que tudo isso contribui para a longevidade do modelo.

■ Ao contrário das empresas privadas convencionais, no fim de cada exercício, os resultados ou “sobras” do cooperativismo são redistribuídos entre os sócios. De que forma essa devolução de recursos ajuda a economia?

No cooperativismo, a participação nos resultados é proporcional à movimentação financeira realizada ao longo do ano por cada cooperado. Mas, independente disso, todos ganham. No setor agropecuário, por exemplo, você pode ter uma grande produção na sua propriedade, e eu posso ser um pequeno produtor, e nós dois conseguimos conviver harmonicamente, com nossos

resultados proporcionais. Quando há sobra, é feita a distribuição, e os resultados são investidos na própria região. Com isso, as pessoas evoluem. Quem produz milho, por exemplo, pode investir em maquinário e equipamento para ampliar a cadeia produtiva. No setor saúde, o médico investe no seu consultório e traz mais inovação tecnológica. Cada setor investe para aumentar o padrão e melhorar a qualidade dos produtos e serviços. Enquanto isso, em uma empresa mercantil, o retorno é para os acionistas, aqueles que investem no negócio. No cooperativismo, isso é para o produtor. Na comunidade, esse retorno estimula a economia local. É uma cadeia.

■ Aqui no estado, o cooperativismo conta com o suporte integrado da OCB-PB, do SESCOOP-PB e da FECCOOP-NE. Como essa estrutura funciona?

As Fecoop são as Federações dos Sindicatos das Cooperativas, federações estaduais ou regionais que atuam negociando convenções coletivas de trabalho, representando as cooperativas empregadoras em dissídios e conectando a base regional à Confederação Nacional das Cooperativas, que é a CNCoop. O SESCOOP, Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo, é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que foca na formação profissional de cooperados e colaboradores, na promoção social dos envolvidos e no monitoramento e aperfeiçoamento da gestão e da governança das cooperativas. Já a OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras, é a entidade máxima de representação política e institucional do cooperativismo no Brasil, responsável por defender os interesses das cooperativas perante os poderes público e Legislativo. E a gente tem uma agenda institucional, preparada anualmente, a nível estadual e nacional. Para a Agenda Institucional do Cooperativismo Paraíba 2026, por exemplo, fizemos uma pesquisa com os dirigentes das cooperativas e elencamos as prioridades que precisam ser trabalhadas. Lançamos essas demandas há cerca de dois meses, para que os parlamentares possam se engajar e defender essas causas a nível municipal, estadual e federal. Na agenda, existe todo um arcabouço de projetos legislativos e executivos, que a gente faz para que as cooperativas possam seguir nesse ambiente promissor, para desenvolver seus negócios.

■ Em 2025, as mulheres representavam 67,02% do total de empregados nas cooperativas da Paraíba, mas ocupavam apenas 26,25% dos cargos de direção. Porém, o Sistema OCB-PB tem atuado para promover uma cultura de equidade no estado. Existem programas ou metas específicas em andamento para incentivar a chegada de mais mulheres à alta gestão das cooperativas?

Temos um comitê de mulheres no Sistema OCB, o Elas pelo Coop, criado justamente para ampliar a liderança e a participação feminina na gestão de cooperativas. Hoje, em nossa governança aqui no estado, temos nossa vice-presidente, Janete

Xavier Leite, que também preside a Cooperativa Mista dos Produtores Rurais na Agricultura Familiar do Estado da Paraíba (Cooprafe). E, a nível nacional, temos a presidente-executiva do Sistema OCB, Tania Zanella, que neste ano foi reconhecida pela revista *Forbes* como uma das mulheres mais poderosas do Brasil. A gente reconhece que esse desafio existe nas cooperativas, mas estamos fazendo esse trabalho e, inclusive, orientando e incentivando que as cooperativas desenvolvam comitês com a presença de mulheres. Também incentivamos outras representações em cargos de liderança, como, por exemplo, pessoas com deficiência (PcD).

■ A base de cooperados na Paraíba saltou 182% desde 2019, gerando atualmente mais de quatro mil empregos diretos. Diante dessa expansão, qual é a projeção de geração de novos postos de trabalho para os próximos anos?

O que a gente espera, sempre, é cada vez mais profissionalização, e isso requer, também, mais investimento em tecnologia, inovação e melhoria da qualificação dos processos e na qualidade dos produtos, com certificação. O maior desafio do segmento, eu diria que é tornar o cooperativismo mais conhecido da sociedade. Por mais que a gente tenha crescido — no Brasil, chegamos a 30 milhões de associados —, o número que vemos ainda é pequeno em relação à totalidade da população, estimada em aproximadamente 213,4 milhões. Por isso, temos uma campanha chamada “Somos Coop”, para que as pessoas possam receber mais informações e consumir os produtos e serviços que contenham esse selo, para dar continuidade à geração de todos aqueles benefícios que a gente já citou.

■ O Sistema OCB defende o cooperativismo como um modelo socioeconômico capaz de criar um mercado mais justo e equilibrado. Por que o senhor diria que o cooperativismo é o caminho para um futuro melhor?

Por duas vezes, o cooperativismo já foi homenageado na Organização das Nações Unidas (ONU), através do Ano Internacional das Cooperativas, em 2012 e em 2025. O modelo é destacado como motor para o desenvolvimento sustentável e a inclusão social e, em ambas as ocasiões, o slogan adotado foi “Cooperativas constroem um mundo melhor.” O setor apoia os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e tem uma capacidade única de promover o crescimento inclusivo e fortalecer as comunidades onde atuam. As cooperativas contribuem com a segurança alimentar da população e têm papel essencial no alcance dos ODS e na inclusão de pequenos produtores rurais e trabalhadores autônomos na economia. O cooperativismo, junto com a economia criativa, foram os únicos modelos de negócio no mundo a serem homenageados pela ONU com um ano internacional, e isso evidencia o impacto global positivo do cooperativismo.

VEÍCULOS ABANDONADOS

Casos representam riscos diversos

Deixados em vias públicas, automóveis podem gerar problemas para o trânsito, o meio ambiente e a saúde

Barbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Marisa Rocha
contato.marisarocha@gmail.com

Veículos que ficam por semanas, meses ou até anos parados em vias públicas passam a fazer parte da paisagem de alguns bairros de João Pessoa. Em alguns casos, os automóveis ainda apresentam boas condições de conservação, mas permanecem sem utilização. Em outros, o tempo e a exposição ao ambiente provocam deterioração, acúmulo de sujeira e danos na estrutura.

Marli Paulino mora no bairro Muçumagro, na Zona Sul da capital, e sempre observa carros abandonados com sinais de deterioração no percurso até o trabalho, em Jaguaribe. Para ela, os automóveis juntam muita vegetação ao redor, trazendo riscos para a população. “É perigoso, porque pode atrair o mosquito da dengue e outros insetos”, afirma.

Há cerca de três meses, os moradores da Rua Funcionário Público Normando Spinelli de Oliveira, no bairro Ernesto Geisel, convivem com um veículo abandonado na rua. O carro está em bom estado, mas com os pneus esvaziados, e não se sabe ao certo a quem pertence, porém acredita-se que seja de um mora-

Obstáculo

Moradores de uma rua no bairro Ernesto Geisel têm tido de conviver com um carro esquecido na pista; no Varjão, há um Gol abandonado em frente à USF da região

dor da região. Uma pessoa da vizinhança, que preferiu não se identificar, relatou que, em alguns momentos, o veículo acaba dificultando as manobras na rua, que não é tão larga, e espera que ele seja removido pela Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP) ou pelo próprio proprietário.

Outro automóvel em situação de abandono está na BR-101, próximo à entrada da Perimetral Sul. Trata-se de um Fiat Uno, deixado sobre um canteiro, parcialmente encoberto pela vegetação e ainda com a chave na ignição. De acordo com testemunhas, o veículo teria sido abandonado no ponto há mais de um ano. A história que se conta,



Foto: Leonardo Ariel

Parcialmente encoberto pela vegetação, o Fiat Uno que está parado em um canteiro da BR-101 teria sido largado ali após quebrar

na região, é que uma mulher conduzia o carro pela área e decidiu deixá-lo ali após ele ter quebrado.

Também nas proximidades da rodovia federal, um Gol permanece parado há, pelo menos, cinco meses, sem as rodas, com sinais de des-

gaste na pintura e rodeado de pneus. A proprietária, que não quis se identificar, contou que o veículo era utilizado para serviços de frete, mas apresentou problemas no motor e, como ela não conseguiu encontrar alguém para realizar o conserto, acabou dei-

xando-o no local. Segundo a proprietária, contudo, a intenção ainda é consertar o carro para colocá-lo à venda.

Já na Rua Bom Jesus, no bairro Varjão, pode-se ver outro Gol, parado sob uma árvore, há cerca de um ano. Carlos é funcionário da unidade de

saúde da família (USF), que fica em frente ao local, e ressalta que nenhum profissional ou paciente reclamou até o momento. Mesmo assim, ele reconhece que o veículo, que apresenta pneus secos e vidros quebrados, apresenta riscos à saúde da população.

Máquinas abertas viram fontes de doença

Embora nem todo automóvel abandonado por um longo período represente, necessariamente, uma ameaça à saúde, as condições em que ele permanece podem transformá-lo em um ponto de acúmulo de água e abrigo para animais transmissores de doenças. Segundo o médico infectologista Fernando Chagas, carros deteriorados, especialmente aqueles com janelas quebradas ou outras partes abertas, favorecem a formação de criadouros do mosquito *Aedes aegypti* — transmissor dos vírus causadores de dengue, *chikungunya* e *zika*. O especialista explica que mesmo pequenas quantidades de água já são suficientes para criar condições favoráveis à reprodução do mosquito.

Entre os riscos à saúde, está a presença de roedores, responsáveis pela transmissão da leptospirose. “O rato pode desenvolver um ninho no veículo e, numa eventual chuva forte, a urina do animal que estiver ali depositada pode escoar para o ambiente”, pontua Fernando, lembrando que o contato com o líquido favorece o desenvolvimento da doença, que pode apresentar quadros graves.

O estado de conservação do carro também aumenta o risco de acidentes. Ferragens expostas, partes quebradas e superfícies deterioradas podem ocasionar cortes e perfurações em quem tenta entrar ou mexer no automóvel.



Foto: Marisa Rocha

Também há a possibilidade de substâncias químicas vazadas contaminarem o solo

O infectologista ressalta, porém, que o risco não está simplesmente no fato de o veículo estar abandonado: “O carro, por si só, não é um risco, mas as condições ambientais ao redor é que vão ditar muito isso”.

Fernando recomenda que, ao identificar situações que possam oferecer riscos, a população acione os serviços responsáveis pela fiscalização. “É muito importante a pessoa não tomar a iniciativa de colocar veneno por conta própria. Os ratos, devem ser aplicados por pessoas treinadas e já acostumadas com isso. Até o tipo de veneno pode ser bem específico para o tipo de roedor que pode surgir naquele ambiente”.

Além dos riscos à saúde, a permanência prolongada de um veículo em via pública

pode provocar impactos ambientais. Ketyla Karla Rodrigues, engenheira sanitária e ambiental, explica que a deterioração do automóvel pode liberar diferentes tipos de contaminantes no ambiente. “Com a exposição contínua ao sol, à chuva e a variações de temperatura, ocorre corrosão da carroceria, ressecamento de mangueiras e perda da estanqueidade — quando o sistema deixa de impedir o vazamento de líquidos — de reservatórios e componentes mecânicos”.

Os principais problemas incluem vazamentos de óleo lubrificante, combustível, fluido de freio e outros produtos químicos, além da geração de resíduos de plástico, borracha, vidro e metal. O risco é maior quando o carro permanece sobre um lugar sem pavimentação. “Em

áreas não impermeabilizadas, parte dos contaminantes pode penetrar no terreno e ser transportada pela água da chuva para camadas mais profundas. Dependendo das características do solo, da quantidade derramada e da profundidade do aquífero, existe possibilidade de atingir as águas subterrâneas”, explica Ketyla.

Automóveis estacionados por muito tempo próximos ao meio-fio ainda podem favorecer o acúmulo de folhas, lixo e outros resíduos ao redor e embaixo deles, dificultando o acesso das equipes responsáveis pela limpeza e pela manutenção da drenagem urbana. “Em chuvas intensas, esses fatores podem contribuir para empoçamentos e pequenos alagamentos, especialmente em ruas que já apresentam deficiência de drenagem”, diz a engenheira.

Nova lei municipal define regras para remoção

Para quem identificar veículos abandonados em áreas públicas, a orientação é comunicar o caso ao órgão responsável pela via. Em rodovias federais, as denúncias podem ser feitas à Polícia Rodoviária Federal (PRF), pelo telefone 191. Já nas estaduais, a responsabilidade é do Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER-PB), que atende por meio do site da Ouvidoria estadual (ouvidoria.pb.gov.br) ou dos telefones (83) 3216-2861/2862 e 0800 083 0789. Após o recebimento da denúncia, as equipes realizam uma averiguação no local para verificar a situação e adotar as medidas cabíveis.

A atuação dos órgãos de trânsito, no entanto, é limitada às áreas sob sua responsabilidade. Veículos deixados em terrenos ou estacionamentos privados não podem ser removidos por essas entidades, mesmo quando tais espaços sejam abertos ao público. Nesses casos, a retirada do automóvel depende do responsável pelo local ou do proprietário.

Quanto às vias públicas municipais, a denúncia deve ser encaminhada ao órgão de trânsito da cidade, que poderá realizar uma vistoria para averiguar as condições do veículo e, se for constatada a situação de abandono, conforme a legislação local, adotar as medidas para sua remoção.

Em João Pessoa, a retirada desses carros passou a contar com uma norma específica. Em vigor desde outubro do ano passado, a Lei Municipal nº 15.648/2025 regula a atuação da Semob-JP na retenção, na remoção, na guarda e na destinação de veículos abandonados ou apreendidos em vias públicas da capital.

A legislação considera em situação de abandono veículos estacionados em locais públicos por período superior a 30 dias ou que apresentem condições de conservação que indiquem abandono, como ferrugem e sinais evidentes de colisão.

A Semob-JP informou que está reestruturando o setor e os protocolos relacionados à remoção de veículos abandonados e que, em breve, divulgará mais informações sobre os procedimentos. Atualmente, o órgão recebe denúncias e reclamações pelo telefone (83) 98760-2134.

■ Além dos órgãos de trânsito das cidades, denúncias podem ser dirigidas à PRF e ao DER-PB, a depender da ocorrência

SEMPRE CONECTADO

Hábito desenvolve novas doenças

Inflamações nos tendões e patologias psicológicas estão entre as ocorrências mais comuns em jovens e adultos

Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

A internet trouxe inúmeras facilidades para a vida cotidiana: a possibilidade de trabalhar a partir de qualquer lugar do mundo, conectar-se com pessoas de diferentes países, pedir comida ou comprar produtos e receber em casa, sem precisar de muito esforço e tendo uma gama quase infinita de escolhas. No entanto, o uso frequente de aparelhos eletrônicos, como celulares, computadores e *videogames*, além do constante “escrolar” nas redes sociais, pode causar doenças tanto físicas quanto psicológicas.

Uma das condições mais comuns, inclusive, leva o nome do aplicativo de mensagens instantâneas mais usado pelos brasileiros, segundo dados da Statista: o WhatsApp. Trata-se da “*whatsappite*”, uma inflamação nos tendões dos polegares causada pelo esforço repetitivo e excessivo da digitação no celular e pelo movimento de rolar a tela para cima e para baixo.

O médico ortopedista Fábio Gondim explica que essa condição foi uma das primeiras relacionadas exclusivamente ao uso dos meios digitais. “Tudo que termina com ‘-ite’ significa processo inflamatório. Ou seja, a ‘*whatsappite*’ é uma tendinite crônica do extensor do polegar, causada pelo uso excessivo para rolar a tela. Outra condição comum é o ‘pescoço da *internet*’, o ‘*neck tech*’, em inglês. Ela é desencadeada pelo ato de ficar usando muito os aparelhos eletrônicos ali no travesseiro, de cabeça baixa, o que causa contraturas musculares e problemas de postura, como cifose e escoliose. É algo que prejudica muito a coluna, principalmente a região cervical”, explicou o especialista.

As condições descritas pelo ortopedista são mais comuns devido ao uso excessivo do aparelho celular. Já outras patologias, como a síndrome do túnel do carpo, por exemplo, costumam ser mais causadas pelo uso de computadores de mesa. Segundo Fábio, a inflamação é muito comum em quem trabalha em escritórios e em jovens que costumam usar o computador principalmente para jogar *on-line*.



Foto: Carla Miranda

Segundo especialistas, utilização intensa do celular e computador pode levar a problemas como a “*whatsappite*” e “*pescoço de internet*”, e o ideal é ter moderação

“**É preciso alongar e fortalecer as articulações e, sobretudo, diminuir o período de exposição**

Fábio Gondim

“A tendinite dos extensores da mão e a síndrome do túnel do carpo são mais comuns no uso do *desktop* normal. Diferentemente do celular, que sobrecarrega o

polegar, no computador você vai ter a inflamação de todos os tendões e do nervo mediano, que passa pelo punho”, destacou. O médico detalha ainda que há outras condições secundárias ao uso da *web*, sendo a principal delas o sedentarismo. A partir disso, há uma diminuição da massa magra do indivíduo, o que

pode deixá-lo propenso a sofrer com lesões que não aconteceriam tão facilmente caso a musculatura estivesse fortalecida.

“Antigamente, você ficava 30 minutinhos em uma rede social; hoje, você passa duas, três horas naquela rolagem infinita de tela, praticamente vivendo só no mun-

do virtual”, comentou. Para ele, a melhor forma de prevenir lesões como as descritas é controlar melhor o tempo de uso dos aparelhos eletrônicos e da *internet*. “Se for trabalhar mais de quatro horas no computador, é preciso preparar a ergonomia da estação de trabalho. A cada 50 minutos, é importante ficar em pé

um pouco, dar uma caminhada, circular os membros. Além disso, é preciso alongar e fortalecer as articulações e, sobretudo, diminuir o período de exposição, colocando limites de tempo nos próprios aplicativos, evitando que você fique horas ali com postura incorreta e uso excessivo”, concluiu Gondim.

Conexão excessiva ainda afeta saúde mental

Além das patologias físicas, o uso intenso dos meios digitais e, principalmente, das redes sociais também representa riscos para a saúde mental dos usuários. A pesquisa *Saúde Mental dos Brasileiros*, feita em 2022 pela Datafolha, mostrou que 38% dos entrevistados sentem medo de serem julgados pelo que postam nas plataformas. Entre os mais jovens, de 16 a 24 anos, esse sentimento é ainda mais forte, atingindo o percentual de 43%.

Além disso, aproximadamente 79% dos participantes do levantamento concordaram que as redes sociais contribuem para aumentar os problemas de saúde mental. Isso não é apenas uma impressão. A ciberpsicóloga Marina da Silveira afirmou que, hoje em dia, os sofrimentos emocionais e o funcionamento cognitivo são afetados por vivermos conectados demais.

“Da minha perspectiva, esses quadros são expressões de uma subjetividade marcada pelo que chamamos de ‘psicopatologias dos excessos’ e pela clínica do vazio. Fenômenos como

nomofobia, *Fomo*, cibercon-dria, dependência de redes sociais e transtornos de imagem corporal são sofrimentos que estão diretamente ligados à vida digital. Eles revelam um sujeito que vive hiperestimulado, comparado, observado e, paradoxalmente, cada vez mais sozinho”, afirmou a especialista.

O *Fomo*, mencionado por Marina, significa “medo de ficar fora” (do inglês “*fear of missing out*”). Na *internet*, esse é um sentimento comum de ansiedade constante que faz o indivíduo pensar que os outros estão vivendo experiências e vidas melhores do que a sua. Já a nomofobia é o medo injustificável de ficar sem o celular ou sem acesso à *web*.

A ciberpsicóloga explica ainda que essas condições se apresentam de forma diferente nos mais jovens. “No caso das crianças, já apresentam irritabilidade, dificuldade de atenção e concentração, alterações cognitivas e empobrecimento do brincar. E os adolescentes vivem sob pressão estética, comparação constante e risco aumentado de ansiedade, depressão e idea-

ção suicida por não corresponderem ao ideal das redes sociais”, esclareceu.

Para Marina, a vida *on-line* funciona como um amplificador emocional, potencializando vulnerabilidades emocionais já existentes. Mais do que isso, ela afirma que o espaço virtual oferece uma forma rápida de o indivíduo evitar um encontro consigo mesmo, com suas falhas, medos e sonhos. “O sujeito se anestesia com estímulos, notificações, compras, jogos, rolagem infinita. Mas o que não é elaborado retorna como sintoma: crises de ansiedade, compulsões, isolamento, agressividade, depressão, ideação suicida, busca por grupos radicais”, pontuou.

Por último, a especialista frisa que, apesar de os mais novos estarem propensos a ter mais sofrimentos psicológicos devido ao uso indevido das redes, todas as faixas etárias são afetadas de diferentes maneiras. “Os adultos sofrem com sobrecarga informacional, compulsões digitais e vazio existencial mascarado por consumo de conteúdo, compulsões (comida, compras

desnecessárias, pornografia, álcool, drogas, exercícios físicos, magreza extrema, medicamentos e suplementos, jogos *on-line*, apostas etc.). Enquanto os idosos oscilam entre inclusão e exclusão digital, lidando com ansiedade, depressão, insegurança e vulnerabilidade a golpes cibernéticos”, alerta. Ela ressalta que cada faixa etária sofre à sua maneira, mas com algo em comum: “Todas expõem o mesmo fenômeno: a *internet* e as redes sociais remodelaram a forma como sentimos, pensamos e existimos e, consequentemente, a maneira como nos relacionamos com elas”, enfatizou Marina.

■
Usuários têm receio do julgamento no ambiente digital e acreditam que as redes prejudicam o equilíbrio emocional



Foto: Julio Cesar Peres

Esforço da digitação pode causar tendinite, diz Fábio Gondim

ADULTIZAÇÃO NAS REDES

Exposição impacta a vivência infantil

Especialistas reforçam alerta sobre os riscos cognitivos, sociais e emocionais do fenômeno sobre crianças

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

Manter a infância dos filhos preservada é uma missão difícil para muitos pais. Crianças e adolescentes estão cada vez mais expostos a contextos que vão além de sua faixa etária, em um fenômeno que desencadeia comportamentos e fragilidades emocionais incompatíveis com a idade. O processo de assimilação precoce de padrões adultos é conhecido como “adultização” — um tema recente, mas amplamente debatido no país.

Larissa Lima, de 39 anos, é analista de sistemas e mãe de Cecília, de oito. Ela mora em Patos, com a filha e o esposo, que também atua na área de tecnologia. A família mantém uma preocupação constante com o desenvolvimento da criança, evitando a exposição de fotos ou vídeos dela nas redes sociais, limitando seu acesso às telas e proporcionando-lhe vivências reais dentro do contexto infantil.

“A gente tenta preservar ao máximo a infância de Cecília. Ela é uma criança que tem muitas atividades curriculares e extracurriculares, em que a gente optou por colocá-la para que ela tenha a oportunidade de se desenvolver enquanto criança. É uma agenda corrida, mas com atividades que fazem bem a ela”, relata Larissa, que prefere manter o distanciamento da filha da internet.

Para isso, o casal opta por alternativas que reúnam as amigas da escola e mantenham o hábito de brincar, como a promoção de festas temáticas em casa, banhos de piscina, piquenique e encontro de bonecas. Outro cuidado, dentro e fora do lar, é com o acesso às telas, liberado apenas aos sábados, com limite de uma hora e conteúdos específicos para a idade de Cecília.

“Ela questiona, às vezes, mas a gente resolve no diálogo”, conta Larissa. “Explico que, durante a semana, ela precisa preservar a cabeça para receber o conteúdo da escola. Obviamente, ela insiste, mas reage bem”.

Debate ampliado

O termo “adultização” ganhou projeção em 2025, depois que o *youtuber* Felipe Bressanim, conhecido como “Felca”, publicou vídeos denunciando a divulgação de conteúdos com conotação sexual envolvendo menores. Porém, existem aspectos mais amplos que envolvem o processo. “A adultização ocorre quando crianças são expostas, incentivadas ou mesmo pressionadas a assumir comportamentos, padrões estéticos, linguagens e preocupações próprias do universo adulto, especialmente nas redes sociais”, aponta o juiz Adhailton Lacet, titular da 1ª Vara da Infância e da Juventude da Comarca de João Pessoa.

Segundo o magistrado, essa prática é observada não apenas na sexualização precoce, mas também no uso da imagem da criança para a obtenção de audiência e engajamento, na imposição de pa-



Foto: Carla Miranda



Foto: Divulgação/TJPB

A liberdade dos pais ou responsáveis para publicar conteúdos com crianças não é absoluta

Adhailton Lacet

A adultização ocorre quando menores são incentivados a assumir padrões estéticos e comportamentais próprios do universo adulto

e ao desenvolvimento saudável da criança. Também estabelece uma distinção entre postagens espontâneas e estratégicas, que associam a figura do menor a anúncios. O ECA Digital só permite que a criança faça trabalhos artísticos, de natureza cultural genuína, diferindo-os da atividade de influenciador digital. “Fazer uma dancinha engraçada ou uma bizzarice — como os pais quebrarem um ovo na cabeça da criança — não tem nada de trabalho artístico e está terminantemente proibido. Esse

controle é feito pela Agência Nacional de Proteção de Dados [ANPD]. As próprias redes sociais, por sua vez, também já estão tendo cuidado de não mais veicular esse tipo de conteúdo”, informa Lacet, frisando: “A Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA] preconizam a proteção integral dos menores e a prioridade absoluta dessa proteção, colocando o melhor interesse da criança acima da busca por curtidas, visualizações e benefícios econômicos, que é o que estamos ven-

do hoje em dia”.

Alvará

Atualmente, qualquer família que pretenda que seus filhos, menores de idade, apareçam nas redes sociais, necessita requerer um alvará à Vara da Infância e Juventude — sobretudo quando esses conteúdos têm finalidade comercial. A solicitação é analisada pelo juiz, juntamente com o Ministério Público e a equipe multidisciplinar da Vara Especializada, que definirão sobre a viabilidade da exposição. A partir do enten-

dimento da Justiça, o alvará pode ser negado.

“A criança não deve ser transformada em personagem adulto para consumo de rede social. Se, porventura, persistir [a exposição], o Ministério Público pode denunciá-la. O Judiciário manda imediatamente tirar aquele conteúdo do ar e notifica os pais, para que isso não aconteça mais. Caso seja uma atitude reiterada, eles responderão administrativamente e, a depender da situação, até perder o poder familiar [sobre o menor]”, alerta Lacet.

Controle do acesso à internet é fundamental

A adultização também é debatida sob o ponto de vista dos impactos psicológicos causados nas crianças. Especialistas afirmam que, nessa fase da vida, quando o cérebro passa por um importante processo de formação, a sobrecarga de informações pode prejudicar seu desenvolvimento.

“A partir do momento em que a criança tem acesso a muitas informações, começa a compreender aquilo como seu universo. Ela não tem um filtro que, muitas vezes, nem os adultos têm. Ao acessar [conteúdos] de forma muito imersiva, ela adquire sinais que não são próprios, mas que começam a pertencer àquele comportamento”, pontua Clarissa Fernandes, psicóloga especializada em atendimento infantil.

Para identificar alterações no comportamento dos filhos, os pais devem ficar atentos a indícios como mudanças recorrentes de humor, personificação de outra pessoa, irritação frequente, necessidade constante de aprovação e preocupação exagerada com aspectos que não são ine-

rentes à sua idade, como o foco excessivo na aparência. Nesse processo, as redes sociais têm um grande impacto, aproximando, precocemente, a vida adulta do universo infantil.

Mais uma vez, nesse contexto, os pais têm uma importante responsabilidade no que diz respeito ao controle de acesso *on-line*. “Se minha filha pede um celular ou *tablet*, e eu dou, mas não sou vigilante ao que ela está acessando, onde está o problema? Não está apenas nas redes sociais, mas em quem está oportunizando esse acesso”, atenta a psicóloga. “A tela está ali o tempo todo, dizendo: ‘Sou capaz de promover tudo o que você precisa’, e isso provoca um distanciamento do mundo real”.

Danos psicológicos

A situação torna-se ainda mais complexa quando o contato com as telas vai além do consumo de conteúdo. Crianças e adolescentes que têm perfis de influenciadores estão suscetíveis a uma cobrança de resultados. Quando as métricas de enga-

jamento — como curtidas, comentários e compartilhamentos — não atingem os níveis esperados, a consequência pode ser um sentimento de frustração, dando margem a outros problemas. A esses fatores são associados desdobramentos psicológicos como insegurança, baixa autoestima e ansiedade.

O pensamento do menor pode ser, então, tomado por uma série de questionamentos sobre sua própria identidade, expectativas quanto à sua *performance on-line* e como moldar o seu comportamento para satisfazer outras pessoas. Os efeitos da adultização sobre a saúde psicológica podem abranger, ainda, a vida social e o rendimento escolar.

“A criança fica tão preocupada com a aprovação externa, que isso gera um impacto no desenvolvimento emocional. Aí, vêm os problemas na relação com outras crianças, não inseridas no seu universo; cai o desempenho em sala de aula; a qualidade do sono e a alimentação são alteradas”, reforça Clarissa.

Consciente desses riscos,

Larissa, mãe de Cecília, busca despertar um senso de autocuidado na filha. “Digo a ela que não existe a vida perfeita. A internet mostra recortes da vida que, às vezes, não condizem com a realidade. É necessário criar essa percepção na criança”.



Foto: Arquivo pessoal

A tela diz: ‘Sou capaz de promover tudo o que você precisa’, e isso provoca um distanciamento do mundo real

Clarissa Fernandes

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Conceito de soberania vem mudando

Além da formação do Estado nacional, fatores como a tecnologia e o uso de recursos naturais ganham destaque

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Amanhã, dia 7 de setembro, faz 204 anos desde que o Brasil se declarou independente de Portugal. Na época, o que estava em jogo era a capacidade de um território deixar de se submeter às decisões políticas de outra Coroa e passar a conduzir os próprios destinos. A soberania, naquele contexto, estava diretamente relacionada à formação de um Estado nacional. A ideia, porém, não permaneceu estática. Ao longo dos dois séculos seguintes, também se multiplicaram as formas de exercer poder e influência sobre um país.

“Em 1822, soberania significava a capacidade de o Brasil tomar suas próprias decisões políticas sem estar subordinado a Portugal ou a outro país. Após a ruptura, essa soberania passou formalmente para o Império do Brasil, mas,



Do momento do Grito do Ipiranga até hoje, multiplicaram-se as formas de exercer poder e influência sobre outros países

Disputas entre EUA e China alcançam o Sertão da Paraíba

É no avanço dessas novas formas de poder que o debate sobre soberania chega ao Sertão da Paraíba. Em Aguiar, o Radiotelescópio Bingo ficou no meio da disputa tecnológica entre Estados Unidos e China. Idealizado para mapear o hidrogênio neutro no universo e estudar a energia escura, o equipamento é coordenado pela Universidade de São Paulo (USP), em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e governos locais.

nology Group Corporation (CEFC). Em março, um relatório do Comitê Seletor sobre a China, do Congresso dos Estados Unidos, colocou o BINGO entre estruturas consideradas de interesse estratégico e potencial ameaça à segurança norte-americana sob o argumento de que equipamentos de alta precisão poderiam ser convertidos em atividades

O Bingo é coordenado pela USP em parceria com a UFCG, UFPB, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e poder público

Percepção popular sobre o tema também ganha novos contornos

Assim como o sentido de soberania vem se transformando, a percepção brasileira sobre as duas maiores potências mundiais também mudou. Pesquisa da Gallup realizada em mais de 130 países mostrou que, em 2025, pela primeira vez em duas décadas, a aprovação global da liderança chinesa, com 36%, superou a dos Estados Unidos, que foi de 31%. A avaliação sobre a liderança norte-americana havia sido de 39% em 2024. Os números ajudam a colocar uma questão: a aproximação com uma potência pode ampliar a soberania brasileira ou apenas substituir uma dependência por outra?

temos duas variáveis aí, uma depende de nós e outra não”, defende Filipe Reis. “A política externa chinesa não tem demonstrado a mesma característica dos Estados Unidos de intervir noutros países, de organizar golpes de Estado contra outros governos e países; e os Estados Unidos têm mais de 600 bases militares com efetivos em vários países do mundo. Então, é natural que os brasileiros, quando olham para a China, não vejam esse peso negativo que têm visto com relação aos Estados Unidos”, pontua.

Outro paralelo traçado pelos estudiosos entre os dois momentos históricos está na participação da população nas decisões sobre o que é considerado soberano. “Em 1822, a participação popular foi bastante limitada: as decisões sobre independência e soberania ficaram concentradas entre elites políticas, proprietários e setores ligados à

PALCO O SOM DA PARAIBA TABAJARA

USINA ENERGISA

TODA TERÇA ÀS 20H
DE 01 A 29 DE SETEMBRO
ENTRADA GRATUITA

USINA ENERGISA (SALA VLADIMIR CARVALHO)
TRANSMISSÃO NA RÁDIO TABAJARA, YOUTUBE E TV ASSEMBLEIA

PROGRAMAÇÃO

08
SET

ELON + AS SABIARAS

15
SET

INCESSANTE + ZEPELIM E O SOPRO DO CÃO

22
SET

TOTONHO + MACUMBIA

29
SET

MUSICLUBE DA PARAÍBA 45 ANOS

APOIO:  

REALIZAÇÃO:  

MÚSICA

No espírito da canção

Flávia Wenceslau reencontra o público da Paraíba em show que apresenta hoje, no Teatro Paulo Pontes

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Ela canta as coisas da natureza, da vida, do espírito. Aprende cada dia a viver melhor e leva palavras de esperança em canções que traduzem seu estilo de vida e a forma com que enxerga o lado bom das coisas. Natural de Nova Floresta (PB) e radicada na Bahia há mais de 20 anos, a cantora e compositora Flávia Wenceslau apresenta-se hoje, às 19h, no Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural, Tambauzinho, JP). Os ingressos estão à venda na plataforma Sympla (sympla.com.br), por R\$ 140 (inteira), R\$ 100 (social + 1 kg de alimento) e R\$ 70 (meia).

Entre as mais pedidas do repertório, “Te desejo vida”, do álbum *Saia de retalhos* (2010), é peça quase que obrigatória. “É uma canção que as pessoas desejam nos aniversários, nas confraternizações. Então ela tá sempre no repertório”, afirma a cantora, lembrando também de “Por uma folha”, *single* lançado em 2017 que viria a nomear seu álbum ao vivo de 2021. “É uma canção que tem uma letra muito forte, que retrata sentimentos com que muita gente se identifica muito”.

Seu mais recente trabalho, *Sob o mesmo céu* (2026), reflete o atual momento de vida da artista, descrito como dotado de mais maturidade. “Tem esse nome porque é sob o mesmo céu que a gente vive, que a gente amadurece, que a gente resolve algumas pendências internas. É sob este mesmo céu que a gente aprende a viver melhor, a ser mais feliz, a se conformar muitas vezes com as coisas as quais não estão sob o nosso domínio”, diz Flávia. “Então, *Sob o mesmo céu* é este céu que contempla tudo o que a gente vive, tudo o que a gente pensa, que contempla esse nosso seguir em frente de cada dia. Essas canções falam sobre isso; sobretudo, seguir em frente”.

Intimista, o disco aposta muito mais na presença vocal da artista do que em arranjos ou atipias sonoras, fazendo-se translúcido em faixas como “Era meu pai”, “Foi no vento” e “Infinito quintal”. Diante de um público que já conhece seu jeito de cantar e de escrever, familiarizado com os temas espirituais de seu cancionário, a receptividade da obra, segundo ela, tem sido bastante positiva. O trabalho, inclusive, conta com as participações de Santanna, o Cantador, José (filho mais novo de Flávia) e do arranjador e instrumentista Keco Brandão.

No *show*, que apresenta as composições do novo álbum ao vivo, Flávia estará acompa-

nhada pelo violonista e compositor baiano Ruan de Souza, o qual carrega em seu portfólio um histórico de trabalhos com artistas do naipe de Gilberto Gil, Marisa Monte e Luedji Luna.

Nostalgia e acolhimento

Invariavelmente, voltar à Paraíba motiva sentimento nostálgico: “É como se eu olhasse pra mim mesma, da idade que eu tenho hoje, da cidade onde eu moro, com a bagagem das experiências que eu vivi”. Em viagem interna, o movimento assemelha-se a um olhar-se cara a cara, de frente ao espelho, e rever a mesma menina e a mesma cidade, ambas agora tão mais diferentes.

Muito embora o mundo e as pessoas tenham mudado, persiste na cantora a sensação de bem-estar. De sentir-se acolhida em sua própria casa, prescindindo de autorização para circular pelas ruas.

“É como se tudo me pertencesse. Esse mar que eu sempre me banhei, as padarias que eu sempre conheci. É um sentimento muito nostálgico de alegria e de poder estar aqui sem pedir licença, entende? Acho que a gente só se sente assim realmente na nossa casa, no lugar que a gente nasce”, descreve.

Vencedora de dois prêmios Caymmi de Música, em 2007 e 2017, a artista esteve pela última vez em João Pessoa com o *show Minha música tem história*, em novembro de 2024. Entre outros, lançou os álbuns *Agora*, de 2005, seguido por *Quase primavera* (2007), o supracitado *Saia de retalhos* e *A tempo* (2020).

Família e espiritualidade

A música entrou na vida de Flávia Wenceslau por meio de seu pai (que tocava trombone), na época em que ainda frequentava a igreja evangélica — quando criança, crescendo em um lar cristão, foi por intermédio dele que a compositora começou a cantar na igreja. “Ele já era instrumentista e também cantava muito bem. Então, com seis anos de idade, ele já me colocava pra cantar lá nos hinos da igreja, nos corais da igreja, nos corais infantis”, recorda.

Continuando a tradição de família, nas redes sociais, Flávia costuma aparecer com os filhos cantando ao som de seu violão. “A gente grava em casa. Eles são muito musicais, né? Acho que não podia ser diferente”, pontua, embora nenhum deles tenha demonstrado interesse mais concreto de seguir carreira na música. “Essa naturalidade que eles têm com a música é

pelo ambiente em que eles cresceram. A música na minha casa é algo muito natural e faz parte do nosso dia a dia e em diversos momentos. Todo dia a gente ouve música, seja em casa, seja no carro”.

A relação entre música e espiritualidade, a propósito, é encarada por Flávia como algo orgânico, já que, para ela, todos nós temos alguma relação com as questões do espírito. “A diferença é que algumas pessoas ainda não perceberam isso, não despertaram pra isso ou ainda não se interessam. Mas tudo que a gente faz, todas as nossas atitudes durante o nosso dia e toda a nossa vida são comandadas pela espiritualidade que a gente tem, pela espiritualidade que a gente vibra”, afirma.

“A forma como a gente olha para o sofrimento do semelhante, seja quem for, demonstra a espiritualidade que a gente tem. A espiritualidade está contida em tudo. Em todos os momentos da nossa vida, somos guiados pela espiritualidade. Todas as consequências estão sendo também trazidas pela espiritualidade para todo ser humano. Está presente na minha canção. Não tem como ser diferente”.

Quando morava na capital paraibana, Flávia frequentou por muito tempo a Federação Espírita Paraibana (FEPB), no Centro, época que guarda com carinho e considera muito positiva em sua vida. Ela continua congregando em outro centro espírita benéfico.

Imbuída do espírito, sua vontade é a de que o público leve para casa um olhar renovado, “de fé, de esperança, de mais tranquilidade, mais calmo, mais em paz”.

ONDE:

■ TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).

Flávia Wenceslau vai cantar músicas que marcaram sua carreira, como “Te desejo vida” e “Por uma folha”

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

Ninguém nasce sabendo o que nega

Quando um ateu diz que Deus não existe, há uma pequena ironia escondida nessa frase. Para negar Deus, ele precisa primeiro saber o que é Deus. Precisa reconhecer a palavra, entender a ideia, ainda que apenas para recusar as histórias, os símbolos e as práticas que deram sentido a ela. Ninguém nasce sabendo o que está negando.

Isso parece uma questão pequena, mas não é. Se a descrença forma-se em um mundo no qual a religião já está presente, até onde podemos dizer que ela é apenas o lado de fora da religião? E, ao contrário, até onde essa dependência inicial permite concluir que o ateísmo não passa de uma espécie de operação interna do próprio sistema religioso?

A questão fica interessante, justamente, porque as duas coisas podem ser verdadeiras sem serem a mesma coisa. O ateísmo pode nascer em relação à religião sem ser simplesmente um pedaço dela. Afinal, usamos a mesma língua para dizer coisas muito diferentes. O fato de uma palavra ter uma história não determina tudo o que poderemos fazer com ela depois.

O sociólogo Norbert Elias ajuda a pensar esse problema de uma maneira diferente. Ao estudar a relação entre estabelecidos e *outsiders*, ele mostrou que os grupos não se definem sozinhos. Nós também sabemos quem somos a partir daqueles que colocamos do outro lado da fronteira. O “nós” precisa, em alguma medida, de um “eles”. E, muitas vezes, esse outro não está tão distante quanto parece. Ele participa da própria maneira

como o grupo se reconhece.

Algo disso acontece com o ateu. Em uma sociedade marcada pela tradição cristã, ser ateu nunca foi apenas uma questão de responder “sim” ou “não” à pergunta sobre a existência de Deus. A palavra carregou suspeitas. O ateu podia ser visto como alguém sem moral, alguém em quem não se deveria confiar, alguém que não participava adequadamente da comunidade. A descrença, nesse sentido, também foi uma posição social produzida pela maneira como os outros olhavam para ela.

É possível fazer uma aproximação semelhante com a raça, mas apenas em um sentido muito específico. Não se trata, evidentemente, de colocar experiências históricas tão diferentes no mesmo lugar. A raça marcou corpos e esteve ligada à escravidão, ao extermínio e a formas materiais de dominação. A classificação do ateu, no Ocidente cristão, ocorre sobretudo no terreno simbólico e moral, embora também possa trazer consequências bastante concretas para a convivência, os relacionamentos, os negócios e as formas de pertencimento. A aproximação está apenas na estrutura: a identidade de um sujeito pode ser produzida também pela maneira como ele é separado e nomeado como “outro”.

É aí que Elias oferece algo que uma leitura puramente semiótica não consegue explicar sozinha. Não basta perguntar como o ateu é representado. É preciso perguntar quem pode representá-lo, quem tem autoridade para dizer o que ele é e quais efeitos essa definição pro-

duz. Uma coisa é ser chamado de ateu em uma conversa entre amigos, outra é carregar essa classificação em uma sociedade na qual a religião possui instituições, autoridade e uma longa tradição para dizer o que é uma pessoa “boa”, “confiável” ou “normal”.

Temos que ter cuidado com a ideia de que o ateísmo, por nascer dentro de uma gramática religiosa, perderia o seu “estatuto de existência em si”. O ateísmo pode depender historicamente da religião para aparecer como problema, assim como muitas posições só fazem sentido diante daquilo que recusam. Mas depender de uma relação para surgir não significa ficar preso a ela para sempre.

O ateísmo pode começar como negação e, depois, produzir suas próprias formas de vida, suas próprias ideias sobre moralidade, etc. Pode criar associações, comunidades, linguagens e maneiras de estar no mundo. Não estamos diante de uma simples operação da religião, mas de uma posição que passou a agir sobre a própria relação que lhe deu origem.

É melhor pensar, então, que religião e ateísmo não são dois mundos completamente separados, mas também não são uma coisa só. Um ajuda a dar sentido ao outro, e os dois podem mudar justamente porque estão em relação. O problema começa quando essa relação, que deveria mostrar uma dependência mútua, termina transformando apenas um dos lados em dependente. Porque o ateu pode ter nascido diante de Deus, mas isso não significa que precise continuar vivendo dentro da religião.

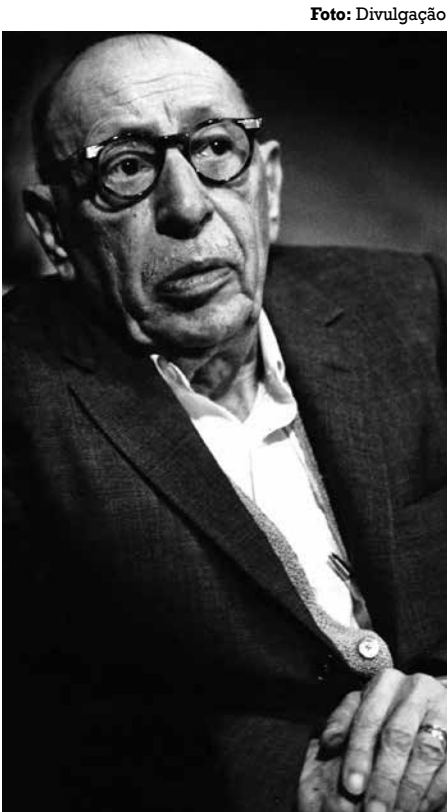
Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Ígor Stravinski: tradição, inovação e modernidade

Ígor Fiódorovitch Stravinski (1882–1971) foi um compositor, pianista e regente russo. Sua trajetória caracteriza-se por uma capacidade de renovação. Sua obra costuma ser dividida em três grandes fases: o período russo, o período neoclássico e o período serial. Embora essa divisão tenha finalidade didática, existem obras de transição entre esses períodos. A primeira fase desenvolveu-se aproximadamente entre 1907 e 1919 e apresenta forte influência da cultura musical russa. Ele utilizava elementos do folclore, melodias de caráter popular e recursos associados ao primitivismo. Musicalmente, destacam-se a valorização do ritmo, os *ostinatos*, as acentuações inesperadas, as mudanças de métrica, a polirritmia, as dissonâncias e a exploração inovadora dos timbres orquestrais. As obras mais representativas dessa fase foram os balés: *O pássaro de fogo* (1910); *Petrushka* (1911) e *A sacração da primavera* (1913).

O pássaro de fogo (1910) demonstra forte influência da tradição orquestral russa. Foi inspirado em contos tradicionais russos, narra a história do príncipe Ivan, que captura e depois liberta um pássaro mágico. Em agradecimento, a criatura lhe oferece uma pena encantada. Ao descobrir 13 princesas aprisionadas pelo feiticeiro Kachtchei, Ivan apaixonou-se por uma delas e enfrenta o vilão. Com a ajuda do Pássaro de Fogo, descobre que a vida e a imortalidade de Kachtchei estão protegidas por um ovo mágico. Ao destruí-lo, Ivan provoca a morte do feiticeiro, liberta os prisioneiros e pode finalmente unir-se à princesa amada. *Petrushka* (1911) amplia a experimentação harmônica e rítmica. O balé está dividido em quatro cenas, narra a história de um boneco que ganha sentimentos humanos e sofre por seu amor não correspondido pela Bailarina. Durante o Carnaval de São Petersburgo, o mágico dá vida a Petrushka, à Bailarina e ao Mouro. Petrushka, apaixonado, entra em conflito com o Mouro, que também conquistou a Bailarina. Na última cena, o Mouro mata Petrushka diante da multidão. O



Stravinski: três fases de composições

mágico afirma que ele era apenas um boneco, mas, ao fim, o fantasma de Petrushka surge no telhado do teatro, assombrando seu criador. A música de Stravinski destaca-se pelos ritmos complexos, dissonâncias e mudanças de andamento, que representam o movimento da feira e a angústia do protagonista. *A sacração da primavera* (1913) retrata rituais de uma tribo da Rússia pré-cristã para celebrar a chegada da primavera e garantir a fertilidade da terra. Como parte do ritual, uma jovem virgem é escolhida para dançar até a morte como sacrifício. A música de Stravinski, marcada por dissonâncias, ritmos irregulares e rupturas com as regras tradicionais, acompanhada de uma coreografia agressiva, provocou grande tumulto em sua estreia. O que inicialmente foi considerado um escândalo tornou-se posteriormente um marco da música e da dança do século 20, influenciando compositores, coreógrafos e artistas.

A segunda fase, denominada período neoclássico, desenvolveu-se aproximadamente entre 1920 e 1954. Nesse

momento, Stravinski voltou-se para formas e procedimentos da tradição musical dos séculos 17 e 18, especialmente do Barroco e do Classicismo. Entretanto, não se tratou de uma simples imitação do passado. O compositor reinterpretou essas referências por meio de uma linguagem moderna, caracterizada pela clareza formal, pelo equilíbrio estrutural, pelo contraponto e pela economia dos meios musicais. *Pulcinella* (1920) apresenta um marco dessa transformação, enquanto o *Octeto para instrumentos de sopro* (1923) demonstra seu interesse pelas formas clássicas e pelo contraponto. Também se destacam o balé *Apollon musagète* (Apolo, 1928), a *Sinfonia dos salmos* (1930), *Orfeu* (1947) e a ópera *The Rake's progress* (1951). Nesse período, Stravinski demonstrou que a tradição poderia ser recuperada e, simultaneamente, transformada por uma perspectiva estética moderna.

A terceira fase, iniciada em meados da década de 1950, corresponde ao período serial. Stravinski passou a incorporar procedimentos da música dodecafônica e serial, aproximando-se de técnicas desenvolvidas por compositores como os austríacos Arnold Schoenberg (1874–1951), Alban Berg (1885–1935) e Anton Webern (1883–1945). Essa transformação representou uma nova etapa de sua trajetória, na qual a organização sistemática das alturas passou a ocupar papel importante. Entre as obras dessa fase destacam-se *Agon* (1954–1957), *Canticum sacrum* (1955), *Threni* (1958) e *Requiem canticles* (1966). Nessas peças, Stravinski preservou características próprias, especialmente sua atenção ao ritmo, ao contraponto, ao timbre e à estrutura.

Sinta-se convidado à audição do 583º Domingo Sinfônico, deste dia 23, das 22h às 0h. Em João Pessoa, sintoniza FM 105.5 ou pelo aplicativo da Rádio Tabajara (<https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>). Durante o programa, comentarei a vida e algumas obras do compositor Ígor Fiódorovitch Stravinski (1882–1971).

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Biblioteca Drummond

Como faço todas as vezes que vou ao Rio de Janeiro, fico andando pelas ruas de Copacabana, para descobrir algo novo a sublinhar. O cenário nunca é o mesmo e tem a beleza dos senhores que bem cedo passeiam com seus melhores amigos, os cachorros.

Cruzei a avenida Nossa Senhora de Copacabana, e já estava na Rua Sá Ferreira, quando avistei um casarão — o único daquela rua espremido entre os prédios, que foi projetado na década de 1920 pelo arquiteto italiano Antônio Virzi (1882–1954), para ser a residência de Victor Villiot Martins. Uma beleza — muito prazer, eu vim lhe conhecer.

Fui pesquisar — os construtores foram Jayme Machado e Umberto Kaulino. A residência é caracterizada por tratamento formal inusitado em que predominam os volumes escalonados e interpenetrantes unidos a elementos *art déco*.

A casa foi apelidada na época de “casa sem janelas”, tendo sido considerada uma das mais avançadas propostas arquitetônicas do Brasil.

Em dois pavimentos, a construção foi protegida pela legislação municipal de tombamento em 1995, declarada de utilidade pública em 1996, sendo destinado à Secretaria Municipal da Cultura para ser transformado em uso cultural, e desapropriada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, no ano 2000. Isso é valioso para uma cidade e sua gente.

No jardim uma placa indica que ali foi Centro de Referência da Música Carioca e hoje funciona a Biblioteca Municipal Carlos Drummond de Andrade.

O muro da casa de pedra e em seu interior, impressionantes. As fotos datadas do ano 2000, foram encontradas no site da Prefeitura do Rio. Lembrando que a Casa Villiot está no primeiro livro *Rio: casas & prédios antigos*, lançado no fim de 2015.

Fiquei a imaginar o que o poeta Drummond diria ao visitar a casa com seu nome, cheia de livros. Pena que muitas pessoas não conhecem se quer a obra do poeta de Itabora.

O gosto de olhar, ver, sem ser visto, tudo cheio de boas intenções, de intervalos, a hora da chegada e a não vontade de sair dali, e a partir de lá, o voo desse estado tudo coeso na inevitável beleza de um lugar que não poderia ter outro nome, que não fosse o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Quando entrei, perguntei se podia filmar, uma senhora disse que sim, mas que eu fizesse em silêncio, e eu já estava a contemplar os versos sem pedras no caminho, com toda a obra de Drummond, do Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Clarice e seu coração selvagem.

Um lugar com muitos livros é raro encontrar e sendo uma biblioteca, a sua importância, a importância da língua portuguesa, pela qual ansiamos está perto, a mostrar nesse saber profundo a essência da literatura.

Numa equação resolvida tantas vezes para resgatar o que já existe de melhor, a poesia, que não se repete, que circula no sangue de quem lê, e no modo como a luz se desfaz e se repete todos os dias com a chegada do sol.

A Biblioteca Carlos Drummond de Andrade é uma floresta contemporânea, cheio de plantas e cabines para leitura, o estudar tão esquecido por aqueles que só leem na luz do celular.

Vibrações, outras vidas desses ecos e reflexos que nenhuma distância irá recolher, nem tirar de mim, o hábito da leitura.

Kapetadas

- Quem é o seu poeta protetor?
- O Brasil não vive do passado. Apenas o reelege.



Biblioteca Carlos Drummond de Andrade, em Copacabana

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

É possível interagir realmente com o cinema (2)

Inventividade, boa dose de ousadia, facilidades tecnológicas de criação se nos parecem motivos de sobra para que se possa estabelecer novas reflexões sobre que tipo de arte se constrói nos dias de hoje. A questão é: originalmente, onde começa e termina uma nova forma de arte?

No artigo anterior, legitimando não apenas o exercício cinematográfico como arte, mas a obra em si, afirmei que o cinema (filme) é uma arte de risco, porquanto, ao ser concluído, estaria pronto e acabado quando levado ao público. E que, mesmo com os processos evoluídos anteriores, como o 3D e os de hoje, o verdadeiro cinema sempre mantém sua integridade física como obra de arte. No caso da *internet* e seus confortos caseiros, com apenas um toque de controle remoto, mudamos a velocidade da imagem e é possível bloqueá-la, e só. Mas jamais mudaria a narrativa, essência do filme.

Dentro das muitas curiosidades que recebi via *web* (A.N.A – Paris), uma chamou-me a atenção, sobremaneira. Diz respeito ao cinema. Atividade artística havia muito entendida como de legítimo entretenimento, mesmo tendo sido criada sob inspiração e finalidade científicas. Anos mais tarde, em plena Revolução Industrial, evoluída por meio dos inventos dos irmãos Lumière e formalmente ordenada de acordo com as regras de então por David W. Griffith.

Pelo que sabemos, o primeiro filme considerado então “interativo” (não



Imagem: Magnific

Filme interativo e realidade virtual: “Onde começa e termina uma nova forma de arte?”

confundir com “inicializado”, a nova expressão informática) aconteceu na segunda metade do século passado. Isso, durante os eventos comemorativos de maio de 1968, durante várias exposições de artes, ciclo de debates, *shows*, manifestações em locações naturais no centro de Paris, justamente a cidade que deu luz ao cinema.

O projeto de então intitulado “Superbe Art” foi lançado pelo multiartista Tede Silvam, afirmando: “Paris é um espetáculo permanente, em céu aberto. Faltava aparecer alguém com experiência, coragem, disposição e talento para colecionar cenas e juntar, fazendo o que se convencionava chamar de filme”. No caso das inovações, o proje-

to, que se dizia pronto para entrar na história do cinema a partir da sua concepção em Paris e outras cidades próximas, que “seria o primeiro filme interativo do mundo”, com realização de cenas em tempo real, parece não ter vingado. Mas motivaria algumas novas formas de expressão, como inteligência artificial, por exemplo.

E aqui ficamos nós, curiosos mortais abaixo do Equador, na expectativa de que projetos assim sejam mesmo a revolução na sétima arte. Ou seria mais uma tentativa pirotécnica com o nome de cinema, sem atingir o verdadeiro sentido da arte-do-filme que bem conhecemos? – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alex santos.yahoo.com.br.



APC reúne sua diretoria na próxima quarta

A Academia Paraibana de Cinema, sob a direção do professor João de Lima, deve se reunir na próxima quarta-feira (9) para cumprir mais uma agenda de sua programação para este mês. O encontro ocorrerá na sede da APC, em Tambaú. Na pauta das discussões, a retomada do número da revista *Cine Nordeste* e o seu respectivo lançamento.

A revista, criada inicialmente na forma impressa, na gestão de Wills Leal na presidência e Alex Santos na vice-presidência da APC, agora será no formato eletrônico.

AMANHÃ

O surto volta ao palco no Ednaldo do Egypto

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O legado de Ariano Suassuna vai muito além da sua peça mais popular, *O auto da Compadecida*. Textos como *A farsa da boa preguiça* também circulam, assim como *O rico avarento*, inspirado na peça clássica de Molière. Esta última ganhou, há 10 anos, uma nova versão, por meio do coletivo paraibano de teatro Cara Dupla – o espetáculo *O surto: a comédia* volta a ser apresentado amanhã, às 20h, no Teatro Ednaldo do Egypto, situado no bairro de Manaíra, em João Pessoa. Os ingressos estão à venda no *site* Sympla e custam R\$ 20 (preço único).

Nessa montagem, com direção de Leticia Rodrigues, Judson Magnun dá vida ao personagem título que, com frequência, nega comida aos mendigos que batem à sua porta. Num dia aparentemente

te comum, o Cão Coto, enviado do inferno, interpela o coronel, revelando que todos aqueles pedintes foram um teste para comprovar a sua mesquinhez e ele que está condenado ao martírio eterno – a não ser que ele encontre alguma alma caridosa disposta a rezar por sua salvação. Ele tem, então, sete dias para cumprir essa missão impossível.

A própria Leticia integra o elenco como um dos papéis centrais de *O surto* – o pobre empregado Tirateima. Ele é mais uma vítima da soviniça do coronel e, a exemplo de outros dos conhecidos arquétipos de Ariano, usará sua esparterza para ser salvo no fim das contas.

“Gustavo Nickell interpreta o Cão Coto. E a mágica do teatro acontece com o ator Romilson Rodrigues, que interpreta oito personagens em cena. Essa é uma daquelas

comédias que, quando terminam, as pessoas convidam outras para assistirem”, garante a realizadora.

O rico avarento foi publicado pela primeira vez em 1954, numa antologia de peças de Ariano, reunidas pela editora José Olympio; *Torturas de um coração* também fazia parte dessa coletânea. A adaptação da Cara Dupla manteve as “tintas” regionais do texto-base, centralizando a ação no elenco diminuto, mas ativo em cena.

A intenção dos produtores é garantir o humor que desponta naturalmente do texto original. “Essa fórmula teatral levou o nosso coletivo de a conquistar mais de 50 prêmios em festivais nacionais”, informa Leticia.

Como acontece com outros textos assinados

por Ariano Suassuna, *O rico avarento* adapta ou captura elementos de textos mais antigos para ressignificá-los no universo nordestino. Algumas tramas são completamente modificadas – caso dessa em relação à matriz de Molière. Leticia Rodrigues assevera, por fim, a importância de difundir textos do autor paraibano, sobretudo junto a novas gerações: “Amo popularizar o teatro com qualidade artística. *O surto* faz isso com diplomacia há 10 anos”.

ONDE:

■ TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra, João Pessoa).

Peça é inspirada em *O rico avarento*, de Ariano Suassuna



Foto: Divulgação

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

De livros e livros

Sempre estou lendo livros sobre livros e seus derivados. Quando não estou lendo, deixo-me levar pelo hábito da arrumação naquela estante preferida. Arrumar é também um modo de ler. Quem tem paixão pela leitura exige um lugar especial onde melhor conviver com o gênero. Nada me apetece mais do que ler livros sobre livros.

O leitor, a biblioteca, as edições raras, as coleções, as dedicatórias, as epígrafes, as capas, as ilustrações, os prefácios e posfácios, tudo tramita pela pauta de meus interesses bibliográficos. Cada item desses fertiliza a lavoura da imaginação e pode certamente apurar o gosto estético.

Os livros, para me valer do belo título de Eduardo Frieiro, “são nossos amigos”, e, como tais, convivem conosco num estado de permanente e iterativo diálogo. Os livros sobre livros exercem sobre mim, em particular, forte poder de sedução e encontram-se regularmente na esfera amorosa de minhas leituras.

Considero o já referido do escritor mineiro uma preciosidade. Nunca deixo de indicá-lo àqueles ou àquelas que parecem cultivar essa insólita e desconcertante paixão pelos livros. Não são muitos, porém, são sempre muito fiéis e revelam zelo e dedicação constantes ao escolhido objeto de desejo.

Eduardo Frieiro, ensaísta, crítico literário, ficcionista e autor de um diário íntimo, fala dos livros com amor, conhecimento e sabedoria. Dá informações úteis, comenta particularidades bibliográficas, descreve e reflete acerca das obras com indiscutível domínio do assunto, e sempre a seu modo atento de bibliófilo curioso e experimentado. Também recomendo, de sua autoria, *O diabo na livraria* do cônego, espécie de devassa literária que nos ajuda a melhor compreender o contexto histórico e intelectual da Inconfidência Mineira.

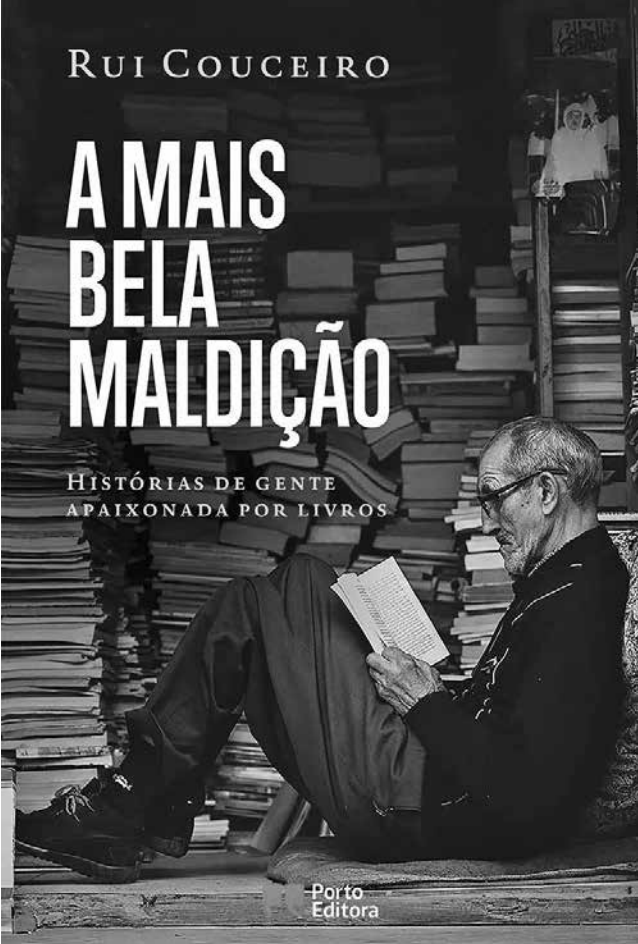
Recentemente li *A mais bela maldição: histórias de gente apaixonada por livros*, de Rui Couceiro, jovem escritor português, que conta algumas histórias de pessoas que amam os livros. Destaco, ali, o capítulo em que o autor conta a história do pernambucano Paulo Cavalcanti, advogado e acadêmico, biógrafo de Fernando Pessoa, colecionador e bibliófilo dos mais refinados.

Para mim, o título é seminal e, por si só, define a experiência da leitura com propriedade e imaginação. O que seria a leitura e o gosto pelos livros senão essa “mais bela maldição”, no esplendor expressivo desse perfeito oxímoro?

Dentro desse assunto, não poderia deixar de sugerir, aos aficionados do gênero, o curioso e instigante *Como falar dos livros que não lemos*, de Pierre Bayard; o delicioso *O infinito em um junco: a invenção dos livros no mundo antigo* e *Não contem com o fim do livro*, obra a quatro mãos, assinada por Umberto Eco e Jean-Claude Carrière.

Haveria outros títulos a listar. A bibliografia é vasta e variada. Vale a pena, portanto, cruzar suas referências, procurar outras obras, vadear por sebos e livrarias, na expectativa de encontrar uma “pepita de ouro”. E, cada vez mais, apurar e polir o ato íntimo e prazeroso de ler e colecionar.

Foto: Divulgação/Porto



Em *A mais bela maldição*, Couceiro fala sobre a paixão literária

LITERATURA

Tarô nordestino vai à Bienal de SP

Livro de Guga Limeira com ilustrações de Pedro Índio Negro tem lançamento amanhã, no evento paulista

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

A partir das obras xilográficas do século 15, a exemplo da *Bíblia pauperum* (programa iconográfico da Bíblia, comum nos fins da Idade Média), firmou-se a copresença na literatura ocidental de representações visuais e texto. Em geral, a função da gravura é ilustrar a mancha gráfica verbal, mas *O cordel do tarô nordestino* (Editora Urutau, 2026, 88 páginas, R\$ 52), com poemas de Guga Limeira e ilustrações de Pedro Índio Negro, inverte essa lógica. A obra dos paraibanos será lançada amanhã, às 14h30, na Bienal Interna-

Livro de São Paulo, com previsão de lançamento em João Pessoa em novembro. O projeto chega à bienal por meio da Urutau, editora com atuação voltada à literatura contemporânea e, especialmente, à poesia. A publicação nasceu de uma chamada da casa editorial para trabalhos inéditos que pudessem ser lançados durante o evento — o livro já estava em processo de construção quando surgiu a oportunidade. As ilustrações, versões nordestinas dos 22 arcanos maiores do tarô de Marselha, foram desenvolvidas por Pedro Índio a partir de uma pesquisa iniciada ainda durante a sua graduação no curso de Comunicação em Mídias Digi-

tais, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). “É uma pesquisa profunda que ele faz ainda na graduação”, diz Guga. “Esse trabalho já tinha uma ‘musculatura’ muito grande, porque ele virou exposição, virou um *deck*, um produto que Pedro comercializou, foi um projeto premiado, foi um projeto estudado, virou monografia, virou dissertação. E aí, já a certa altura do andamento do projeto, ele me convidou para escrever os textos”. O escritor recebeu não apenas as imagens, mas também o material de pesquisa reunido durante o desenvolvimento do trabalho e as explicações

sobre as escolhas feitas por Pedro para cada representação. “A parte da feitura dos poemas em si foi muito rápida. Eu recebi o material, li com tranquilidade, achando que tinha um prazo muito grande, depois vi que não tinha. E aí eu escrevi meio que de uma sentada só”. A rapidez, contudo, não significou falta de preparação. O material entregue por Pedro já apresentava um percurso de pesquisa suficientemente detalhado para orientar a criação e, a partir dele, Guga encontrou uma segunda camada de referências: a própria relação com a literatura de cordel. A linguagem fazia parte de sua infância, pois sua mãe coleciona-

va folhetos de cordel e mantém esse universo presente à rotina da casa. Para além da intimidade com o assunto, também a proximidade de Guga com Pedro influenciou no processo. Limeira e Índio Negro alimentam parceria musical de quase uma década, entre composições e participações em *shows* um do outro. “Acho que talvez seja uma coisa meio indissociável. Porque, enfim, o poema tem ritmo, tem rima, e, no caso da linguagem de cordel, mais ainda”, aponta.

Entre os arcanos do tarô nordestino, Guga aponta “O mundo” como sendo a sua preferida, assim transcrito em trecho de uma de suas décimas: “Parece que eu tô sonhando: / Triângulo, bumbo, pandeiro / E uma moça no terreiro / Com sua saia rodando [...]”. Em *O cordel do tarô nordestino*, podemos afirmar que uma linguagem não ilustra simplesmente a outra: imagem e palavra se respondem, diálogo conjunto em prol de uma leitura particular das expressões culturais regionais.



Cinema

Programação de 3 a 9 de setembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.
* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

A DIVINA SARAH BERNHARDT (*Sarah Bernhardt, la divine*). França/ Bélgica, 2024. Dir.: Guillaume Nicloux. Elenco: Sandrine Kiberlain, Laurent Lafitte. Drama. Lendária atriz do teatro francês do fim do século 19 vive intenso romance e problemas de saúde. 1h38. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ. leg.: qua.: 19h30.

GEORGE WASHINGTON (*Young Washington*). EUA, 2026. Dir.: Jon Erwin. Elenco: William Franklyn-Miller, Mary-Louise Parker. Aventura. Inspetor enfrenta desafios que o tornarão um líder na guerra pela independência dos EUA. 2h01. 14 anos.
Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE. *sala 4:* leg.: 18h40.

IDIOTAS (*Idiots*). EUA, 2026. Dir.: Macon Blair. Elenco: Dave Franco, O’Shea Jackson Jr. Comédia/ policial. Dois motoristas transportam um adolescente rico para a clínica de reabilitação, mas a viagem se torna caótica. 1h38. 18 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1:* dub.: 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1:* dub.: 13h, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2:* dub.: 12h30, 14h45. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 1:* dub.: 18h50.

LISTA DE DESEJOS PARA SUPERAGÜI. Brasil, 2026. Dir.: Pedro Giongo. Documentário. Moradores de uma ilha de pescadores falam sobre o que desejam. 1h12. 12 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ. dom.: 15h; ter.: 20h30.

MINHA FILHA É UM ZUMBI (*Jombitall*). Coreia do Sul, 2025. Dir.: Pil Gam-Sung. Elenco: Jo Jung-Suk, Lee Jeong-Eun. Comédia. Pai enfrenta problemas quando a filha é infectada por um zumbi. 1h54. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8:* dub.: 20h15.

MINHA MELHOR AMIGA. Brasil, 2026. Dir.: Susana Garcia. Elenco: Ingrid Guimarães, Monica Martelli. Comédia. Amigas resolvem viajar juntas para visitar as filhas no exterior. 2h05. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1:* 19h; *sala 4:* 14h, 16h40, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 2:* 13h20, 16h10, 18h50, 21h30; *sala 4:* 14h40, 17h30, 20h10; *sala 7:* 13h10, 15h50, 18h40, 21h20; *sala 11 (VIP):* 14h30, 17h20, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 4:* 12h15, 15h15,

17h50, 20h30. CINESERCLA TAMBÁ: *sala 3:* 14h30; *sala 5 (laser):* 16h10, 18h30, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 1 (laser):* 16h10, 18h30, 20h50; *sala 5:* 14h30. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 2:* 16h, 18h30, 20h50. **PATOS MULTIPLEX:** *sala 4:* 15h30, 18h, 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 2:* sáb. a seg.: 13h50, 16h20, 18h50, 21h20; ter. e qua.: 16h, 18h45, 21h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h30; seg.: 18h30; qua.: 15h45.

NÃO EXISTE ALMOÇO GRÁTIS. Brasil, 2026. Dir.: Pedro Charbel e Marcos Nepomuceno. Documentário. Líderes de cozinha solidária preparam comida para centenas de pessoas na posse do presidente. 1h14. Livre.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ. dom.: 16h20.

NOSSO SEGREDO. Brasil, 2026. Dir.: Grace Passó. Elenco: Ju Colombo, Flip, Robert Frank. Drama. Família que vive um luto é abalada por revelação do filho caçula. Melhor filme no Festival de Gramado. 1h48. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ. dom.: 17h50; qua.: 16h30.

PRESSÃO (*Pressure*). Reino Unido/ França/ EUA, 2026. Dir.: Anthony Maras. Elenco: Andrew Scott, Brendan Fraser. Guerra/ drama. Na 2ª Guerra, meteorologista tenta apontar a brecha de bom tempo que permitirá aos exércitos aliados o desembarque da Normandia. 1h40. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 2:* leg.: 16h; *sala 3 (Atmos):* leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 10 (VIP):* leg.: 13h30, 19h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 3:* leg.: 18h45.

(QUASE) O AMOR DA MINHA VIDA (*Young Werther*). Canadá, 2024. Dir.: José Lourenço. Elenco: Douglas Booth, Alison Pill. Romance/ comédia. Jovem escritor se apaixona, mas vive um dilema quando descobre que ela está noiva. 1h41. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 2:* leg.: 18h15.

O SORVETEIRO (*Ice Cream Man*). EUA/ Canadá/ Reino Unido/ França/ Japão, 2026. Dir.: Eli Roth. Elenco: Charlie Zeltzer, Ari Milen, Eli Roth. Terror. Cidade vira um caos quando um sorveteiro transforma crianças em assassinas. 1h26. 18 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1:* leg.: 21h30; *sala 4:* dub.: 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 3:* dub.: ter. e qua.: 14h, 16h15, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 3:* dub.: 16h15, 18h30. CINESERCLA TAMBÁ: *sala 4:* dub.: 19h, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 3:* dub.: 20h45. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 3:* dub.: 20h50. **PATOS MULTIPLEX:** *sala 3:* dub.: 19h05, 21h05. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 1:* dub.: 21h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg. e qua.: 20h30.

PRÉ-ESTREIA

A MARAVILHOSA ÁRVORE ENCANTADA (*The Magic Faraway Tree*). Reino Unido/ EUA/

França, 2026. Dir.: Ben Gregor. Elenco: Andrew Garfield, Claire Foy, Judi Dench. Aventura/ infantil. Crianças descobrem uma árvore mágica que as transportam para mundos fantásticos. 1h50. Livre.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1:* dub.: sáb. a seg.: 13h30.

REAPRESENTAÇÃO

AKIRA (*Akira*). Japão, 1988. Dir.: Katsuhiro Otomo. Ficção científica/ animação. Numa Tóquio futurista, adolescente motoqueiro é transformado em ameaça psíquica por projeto militar. 2h04. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ. dom.: 19h50.

CONTINUAÇÃO

ANISTIA 79. Brasil, 2026. Dir.: Anita Leandro. Documentário. Em 1979, exilados brasileiros em Roma realizam uma conferência pela anistia no Brasil. 1h44. 10 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ. ter.: 18h30.

COYOTE VS. ACME (*Coyote vs. Acme*). EUA, 2026. Dir.: Dave Green. Elenco: Will Forte, John Cena, Lana Condor. Comédia/ animação. O Coiote processa a megacorporação Acme pelas seguidas e desastrosas falhas dos equipamentos que ele usa na sua incansável perseguição ao Papa-Léguas. 1h41. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1:* dub.: 14h45. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1:* dub.: 15h30, 18h. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2:* dub.: 17h15. CINESERCLA TAMBÁ: *sala 2:* dub.: 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 4:* dub.: 16h30. **Patos:** PATOS MULTIPLEX: *sala 3:* dub.: 14h50, 16h55. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom., ter. e qua.: 18h30; seg.: 16h.

HOMEM-ARANHA: UM NOVO DIA (*Spider-Man: brand new day*). EUA/ Canadá/ Reino Unido/ Alemanha, 2026. Dir.: Destin Daniel Cretton. Elenco: Tom Holland, Zendaya, Sadie Sink, Mark Ruffalo. Aventura. A pressão desencadeia mudanças físicas assustadoras no Homem-Aranha, enquanto enfrenta misteriosa ameaça que domina mentes. 2h25. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 3 (Atmos):* dub.: 15h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 5:* dub.: 13h, 16h, 19h30; *sala 6:* dub.: 13h15, 16h30; leg.: 19h50; *sala 9 (macro-XE):* dub.: 13h40, 17h, 20h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 1:* dub.: 12h, 15h, 18h, 21h; *sala 5:* 13h, 16h, 19h, 22h. CINESERCLA TAMBÁ: *sala 3:* dub.: 16h45, 19h30; *sala 6 (laser):* 15h, 17h45, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 2 (laser):* dub.: 15h, 17h45, 20h30; *sala 5:* dub.: 16h45, 19h30. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 1:* dub.: 20h45; *sala 3:* dub.: 15h30. **PATOS MULTIPLEX:** *sala 1:* dub.: 16h, 20h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 3:* dub.: 15h, 18h, 21h.

A ODISSEIA (*The odyssey*). Reino Unido, EUA, 2026. Dir.: Christopher Nolan. Elenco: Matt Damon, Tom Holland, Anne Hathaway, Robert Pattinson, Lupita Nyong'o, Samantha Morton,

Zendaya, Charlize Theron. Aventura. Após a Guerra de Troia, herói grego tenta voltar para casa, enfrentando criaturas míticas, enquanto sua esposa resiste às investidas de pretendentes. 2h52. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 2:* leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 10 (VIP):* leg.: 16h. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 3:* dub.: 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 3:* dub.: 15h30.

PATROLHA CANINA – UMA AVENTURA DINO (*Paw Patrol – The Dino Movie*). Canadá/ EUA, 2026. Dir.: Cal Brunker. Aventura/ comédia/ animação. A Patrulha Canina descobre uma ilha habitada por dinossauros e tenta defendê-la de uma mineração. 1h28. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 2:* dub.: sáb. a seg.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8:* dub.: 13h30, 15h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 3:* dub.: 14h. CINESERCLA TAMBÁ: *sala 2:* dub.: dom.: 15h10, 17h10; seg. a qua.: 17h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 4:* 14h50. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 1:* dub.: 15h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 1:* dub.: sáb. a seg.: 14h30; ter. e qua.: 14h50. **Remígio:** CINERT: dub.: dom. e ter.: 16h; seg. e qua.: 14h.

PONTO SEM RETORNO (*The Dog Stars*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Ridley Scott. Elenco: Jacob Elordi, Margaret Qualley, Josh Brolin. Ficção científica/ ação. Sobreviventes em uma terra devastada são ameaçados por saqueadores. 1h58. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 3:* dub.: 20h50. CINESERCLA TAMBÁ: *sala 4:* dub.: 16h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 1 (laser):* dub.: 13h50.

REFÉM POR UM FIO (*Dead man’s wire*). EUA, 2026. Dir.: Gus Van Sant. Elenco: Bill Skarsgård, Dacre Montgomery. Suspense. Homem faz presidente de companhia refém com uma espingarda. 1h45. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ. leg.: ter.: 16h30.

O SHAOLIN DO SERTÃO 2. Brasil, 2026. Dir.: Halder Gomes. Elenco: Edmilson Filho, Falcão, Priscila Fantin. Comédia/ aventura. Para poder encontrar o pai na China, lutador aceita o desafio de enfrentar adversários pelo interior do Ceará. 1h40. 12 anos.
Patos: CINE GUEDES: *sala 1:* 16h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 1:* sáb. a seg.: 16h50; ter. e qua.: 17h.

SOBRENATURAL: AGORA ENTRE NÓS (*Insidious Out of the Further*). Austrália/ EUA, 2026. Dir.: Jacob Chase. Elenco: Amelia Eve, Lynn Shaye. Terror. Mulher descobre que através dela demônios estão vindo à Terra. 1h46. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8:* dub.: 17h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2:* dub.: 19h30, 21h45. CINESERCLA TAMBÁ: *sala 2:* dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 4:* dub.: 21h. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 3:* dub.: 18h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 1:* dub.: 19h15.

Teatro

HOJE

JESSIER QUIRINO. Poeta e ator apresenta o *Sarau astral*.
João Pessoa: CASA FURTACOR (Av. São Rafael, 376, Castelo Branco). Domingo, 6/9, 17h. Ingressos: R\$ 80 (inteira), R\$ 50 (social) e R\$ 40 (meia), antecipados pela plataforma Sympla.

AMANHÃ

O SURTO: A COMÉDIA. Do Cara Dupla Coletivo de Teatro. Direção: Leticia Rodrigues. Com Leticia Rodrigues, Romilson Rodrigues, Gustavo Nickell e Judson Magnus. Inspirado livremente em *O rico avarento*, de Ariano Suassuna.
João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manaíra). Segunda, 7/9, 20h. Ingressos: R\$ 20 (preço único), antecipados pela plataforma Sympla.

Música

HOJE

FLÁVIA WENCESLAU. Cantora paraibana interpreta seus sucessos.
João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, 6/9, 19h. Ingressos: R\$ 140 (inteira), R\$ 100 + 1 kg de alimento (social) e R\$ 70 (meia), antecipados no site Sympla.

SOPHIA CHABLAV E FELIPE VAQUEIRO. Sophia Chablav e Felipe Vaqueiro fazem show de lançamento do álbum *Handycam*. Em João Pessoa, a noite tem também show de Flau Flau.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 6/9, 18h. Ingressos: R\$ 40 (promocional), antecipados no site Shotgun.
Campina Grande: CLUBINHO DONADA (R. Expedicionários do Brasil, 219, Centro). Segunda, 7/9, 17h e 19h. Ingressos: R\$ 35 (promocional), antecipados no site Sympla.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos e composições autorais.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 7/9, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

PRESENÇA FEMININA

Candidaturas não refletem eleitorado

Embora sejam maioria entre as pessoas aptas a votar, mulheres representam apenas 36% dos concorrentes na PB

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com



Elas são a maioria entre os eleitores, mas ainda ocupam espaço reduzido na disputa política.

Nas Eleições 2026, as mulheres representam 52,8% do eleitorado brasileiro, mas correspondem a 34,8% das candidaturas registradas. Dos 20.560 registros, 7.165 são de mulheres e 13.395 de homens. Na prática, há quase dois homens para cada mulher entre os candidatos.

A disparidade aprofunda-se nos cargos de maior visibilidade e poder de decisão. Na disputa pela Presidência da República, apenas duas das 13 candidaturas são de mulheres, o que equivale a 15,4%. Nos governos estaduais, elas representam 16,4% das candidaturas e, no Senado, 21,9%. Desde a redemocratização, apenas uma mulher foi eleita presidente da República: Dilma Rousseff. O cenário evidencia que a presença feminina no eleitorado não se converte, na mesma proporção, em participação nas estruturas de poder.

Nas eleições proporcionais, a presença feminina é maior. As mulheres representam 36,6% das candidaturas à Câmara dos Deputados, 35,5% à Câmara Legislativa do Distrito Federal e 34,4% às assembleias legislativas. Nessas disputas, a legislação eleitoral determina que cada gênero represente, no mínimo, 30% e, no máximo, 70% das candidaturas.

Para a mestra em Ciência



Foto: Alejandro Zambrana / TSE

Mulheres são 53,8% dos eleitores no país, porcentagem próxima à paraibana, onde há mais de 1,7 milhão de cidadãs aptas a votar

Política Maria Mont Serrat, o número de mulheres que entram na disputa não significa, necessariamente, maior capacidade de conquistar votos e transformar candidaturas em mandatos.

“A presença de mulheres como candidatas não se traduz automaticamente na eleição dessas mulheres. O eleitorado feminino não é homogêneo e reúne diferentes posições políticas. Por isso, uma maioria de mulheres entre os eleitores não necessariamente corresponde

a uma maioria de mulheres no Executivo ou no Legislativo”, pontua.

A observação ajuda a compreender que a representação política resulta de um conjunto de fatores e que a maioria feminina no eleitorado, por si só, não determina o resultado das urnas.

Cenário paraibano

Na Paraíba, o contraste entre a presença feminina no eleitorado e a ocupação dos espaços de poder também se repete. As

mulheres são maioria entre as pessoas aptas a votar no estado: são 1.718.209 eleitoras, o equivalente a 53% do eleitorado paraibano, que soma pouco mais de 3,2 milhões de pessoas em 2026.

Apesar disso, a representação feminina na corrida eleitoral e nos espaços de decisão permanece proporcionalmente menor. Neste ano, 156 mulheres concorrem a diferentes cargos — apenas 36% do total de postulantes. Entre os políticos já eleitos, na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), seis mu-

lheres ocupam cadeiras entre os 36 parlamentares, o equivalente a 16,7%. A bancada feminina é a segunda maior da história da Casa, atrás apenas das sete deputadas eleitas em 1998.

Na Câmara dos Deputados, a diferença é ainda mais expressiva. A bancada paraibana, formada por 12 parlamentares, não tem atualmente nenhuma mulher em exercício. Nas prefeituras, elas também são minoria: dos 223 municípios paraibanos, apenas 54 são administrados por gestoras.



Foto: Arquivo pessoal

O eleitorado feminino não é homogêneo, por isso uma maioria entre os eleitores não corresponde a uma maioria no Executivo

Maria Mont Serrat

Gargalos partidários e financeiros limitam representação política

A legislação eleitoral estabelece que partidos e federações devem observar o mínimo de 30% e o máximo de 70% de candidaturas para cada gênero nas eleições proporcionais, que abrangem as disputas para deputado federal, estadual e distrital. A regra não se aplica aos cargos majoritários, como presidente, governador e senador.

Para as Eleições 2026, o TSE também divulgou os percentuais de candidaturas de mulheres, pessoas negras e indígenas que servem de referência para a destinação dos recursos públicos do Fundo Partidário e do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC).

Entretanto, o cumprimento do percentual mínimo e a divisão de verbas não asseguram, por si só, equidade. A sub-representação feminina envolve fatores políticos, partidários, econômicos e sociais. A dificuldade de ocupar espaços de decisão dentro das legendas, a menor visibilidade política, a violência de gênero e a necessidade de conciliar

a atividade pública com responsabilidades familiares permanecem como barreiras centrais.

De acordo com a cientista política, candidaturas independentes enfrentam dificuldades adicionais para acessar a estrutura necessária à disputa. “É muito difícil que um nome independente, sem apadrinhamento político, se eleja, porque é preciso considerar fatores como tempo de propaganda eleitoral, acesso aos recursos partidários e estrutura das federações”, explica Maria Mont Serrat.

Assimetria

A distância entre o registro de uma candidatura e a conquista de um mandato também passa pela forma como as candidaturas estão distribuídas no sistema partidário. Boa parte do contingente feminino neste pleito está concentrada em legendas com menor estrutura eleitoral ou em disputas de menor competitividade.

O cenário evidencia que o cumprimento da cota de gênero não significa igualdade de condi-

ções na disputa. Para além do registro formal, fatores como capilaridade partidária, tempo de propaganda na TV e no rádio, visibilidade e poder de articulação influenciam diretamente a capacidade de uma candidata converter campanha em votos.

Essa assimetria ajuda a explicar por que a participação feminina é comparativamente maior nas eleições proporcionais, mas encolhe quando estão em jogo os cargos de maior poder e visibilidade, como o comando dos governos estaduais, o Senado e a Presidência da República.

Partidos devem cumprir cota mínima de 30% e máxima de 70% de candidaturas de cada gênero

Barreiras raciais trazem desafio para postulantes negras a cargos públicos

O recorte racial acrescenta outra dimensão à desigualdade de representação. Entre as candidaturas femininas de 2026, 52,3% são de mulheres negras. Na classificação adotada pela Justiça Eleitoral, pessoas negras são aquelas que se autodeclararam pretas ou pardas.

Os dados mostram que gênero e raça se cruzam na composição das candidaturas e ajudam a revelar diferenças dentro do próprio universo feminino. Embora mulheres pretas e pardas representem mais da metade das candidaturas femininas, isso não significa que estejam representadas na mesma proporção nos cargos eletivos ou nos espaços de maior poder.

Para a jornalista e coordenadora de Comunicação da Abayomi — Coletiva de Mulheres Negras na Paraíba, Thais Vital, a sub-representação decorre de barreiras históricas e estruturais que combinam racismo e machismo, além de dificuldades de acesso a recursos e redes de apoio político.

“O racismo e o machismo operam de forma combinada para limitar o acesso dessas mulheres aos espaços de decisão política. Embora as mulheres pretas e pardas representem a maioria da população feminina, elas continuam sub-representa-

das nos cargos eletivos”, analisa.

Para a ativista Hildevânia Macedo, integrante do movimento Mulheres Negras da Paraíba, a baixa presença de mulheres negras nos espaços de decisão também está relacionada à violência política, ao racismo, ao sexismo e aos efeitos da divisão sexual do trabalho.

“Existe o sexismo e o racismo, que dificultam a participação política das mulheres negras. Soma-se a isso a violência política, o menor acesso aos recursos partidários e os efeitos da divisão sexual do trabalho, o que ajuda a explicar a baixa participação política das mulheres negras”, aponta.

O cenário mostra que a desigualdade de representação não se limita ao número de candidaturas. As condições de financiamento, as redes de apoio e as formas de violência política também podem interferir na capacidade de mulheres negras construírem campanhas competitivas.

Diante desse quadro, Thais Vital defende que a garantia formal da candidatura seja acompanhada de condições efetivas para a disputa. “Não basta garantir o direito de ser candidata. Precisamos assegurar condições reais de participação, com financiamento adequado, en-

frentamento da violência política, o fortalecimento das lideranças negras e o compromisso dos partidos com a promoção da diversidade racial e de gênero. Eu penso que a democracia só vai ser plena quando as mulheres negras puderem ocupar os espaços de poder na mesma proporção em que contribuem com a construção da nossa sociedade”, conclui.



Foto: Arquivo pessoal

Não basta garantir o direito de ser candidata. Precisamos assegurar condições reais de participação

Thais Vital

INCLUSÃO NO TRABALHO

Suporte individualizado a PcD avança no Senado

Projeto de lei mira facilitar acesso, permanência e progressão profissional

Agência Senado

A Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado aprovou, na última semana, a regulamentação do chamado “emprego apoiado”, voltado a pessoas com deficiência (PcD) ou com doença rara. O texto estabelece medidas para facilitar acesso, permanência e a progressão profissional de pessoas que necessitam de apoio individualizado. Aprovada na forma de um substitutivo da senadora Mara Gabrilli (PSD-SP), a matéria ainda será analisada pelas comissões de Assuntos Econômicos (CAE) e de Assuntos Sociais (CAS).

Mara Gabrilli apresentou uma versão alternativa ao Projeto de Lei (PL) nº 1.532/2023, do deputado Carlos Henrique Gaguim (União-TO). O texto reúne também dispositivos do PL nº 732/2023, da senadora Damares Alves (Republicanos-DF), que tramitava em conjunto e foi considerado prejudicado, sendo arquivado.

Oportunidades iguais

A versão aprovada, a ser denominada “Lei Romeu Sassaki”, define a inclusão laboral como o acesso, a permanência, a participação e a progressão no mercado de trabalho, em igualdade de oportunidades. Para os efeitos da proposta, será considerada pessoa com doença rara a diagnosticada com enfermidade de baixa prevalência, conforme as normas do Ministério da Saúde, que tenha impedimento de longo prazo capaz de dificultar sua inserção ou permanência no trabalho e demande apoio individualizado.



Foto: Pedro Ventura/Agência Brasília

Para senadora, ações de inclusão não devem se limitar à simples contratação de PcD

Mara Gabrilli argumentou que a regulamentação poderá ampliar não apenas a contratação, mas também a permanência e o desenvolvimento profissional de pessoas com deficiência ou doença rara, especialmente daquelas que enfrentam barreiras maiores e necessitam de acompanhamento individualizado.

Ela citou seu próprio exemplo para ressaltar a importância desse apoio na execução da sua atividade parlamentar. “Se eu não tivesse apoio no meu trabalho, eu não estaria aqui relatando este projeto”, afirma. Para a relatora, a contratação formal, sem acessibilidade e apoio adequado, nem sempre é suficiente para assegurar uma inclusão efetiva. Por isso, o projeto estabelece diretrizes nacionais para a utilização da metodologia.

Modelo

O emprego apoiado é um modelo de inclusão no qual a pessoa exerce normalmente suas atividades na empresa, mediante contrato regido pela legislação trabalhista, mas recebe suporte individualizado para ingressar, permanecer, aprender e progredir no trabalho. A metodologia deverá considerar os pontos fortes, os interesses, as necessidades e o perfil vocacional do trabalhador, além das barreiras encontradas no ambiente profissional. O modelo priorizará pessoas com maior dificuldade de inserção e permanência no mercado.

A colocação deverá ocorrer em condições justas e favoráveis, com remuneração igual para trabalho de igual valor. O trabalhador também

terá direito a acessibilidade, tecnologia assistiva, adaptações razoáveis e outros recursos necessários ao desempenho da atividade.

A contratação em tempo parcial deverá ser justificada e observar os limites da legislação. Nesse caso, a jornada corresponderá a pelo menos metade da carga horária cumprida pelo empregado em tempo integral que exerça função igual ou semelhante.

O apoio poderá ser prestado a uma ou mais pessoas, conforme as necessidades individuais, as características do posto de trabalho e as barreiras identificadas. Sempre que possível, a intervenção deverá ser transitória, sem prejuízo à manutenção dos recursos de acessibilidade e às adaptações necessárias.

PL cria figura do agente de emprego apoiado

O substitutivo cria a figura do agente de emprego apoiado, profissional qualificado que atuará como mediador técnico do processo de inclusão laboral. Essa pessoa poderá auxiliar o trabalhador, o empregador e os demais integrantes da equipe na identificação de barreiras, na definição dos suportes necessários, na adaptação do posto e no acompanhamento da inclusão.

Entre suas atribuições, estão: elaborar um plano personalizado de ação laboral; buscar postos compatíveis com o perfil do trabalhador; orientar a adaptação do ambiente e o uso de tecnologias assistivas; acompanhar cursos de qualificação e treinamentos; facilitar a integração entre a pessoa apoiada, o empregador e os demais empregados; estimular a independência e a autonomia; preservar a privacidade e a confidencialidade dos dados.

O agente poderá ser contratado diretamente pelo empregador ou atuar por meio de entidade, empresa ou profissional autônomo habilitado. Os critérios de experiência, formação, qualificação e supervisão técnica serão definidos na futura

lei e em regulamento.

A atuação do agente não poderá substituir nem reduzir as obrigações do empregador previstas na legislação trabalhista. Permanecem sob responsabilidade da empresa o cumprimento da reserva legal de cargos para pessoas com deficiência, a garantia de acessibilidade e adaptação razoável, a proteção à saúde e à segurança e o combate à discriminação.

As intervenções também não poderão caracterizar intermediação de mão de obra, terceirização de atividades, substituição do vínculo empregatício, transferência da responsabilidade patronal ou segregação laboral.

Avaliação

A necessidade de acompanhamento será identificada por uma avaliação individualizada das barreiras e dos apoios necessários. Sempre que possível, deverão ser considerados os parâmetros do modelo biopsicossocial previsto na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146, de 2015). A falta imediata de uma avaliação biopsicossocial formal, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar,

não poderá impedir a adoção de medidas necessárias ao acesso, à permanência, à aprendizagem ou à progressão no trabalho.

As avaliações periódicas deverão considerar a independência funcional em áreas como aprendizagem, aplicação do conhecimento, comunicação, mobilidade, cuidados pessoais e relações interpessoais. Quando necessário, também poderá ser consultado um empregado que exerça ou conheça atividade igual ou semelhante à que será desempenhada pela pessoa apoiada.

Entidades

Associações, fundações e outras entidades sem fins lucrativos, além de empresas e profissionais autônomos, poderão desenvolver projetos de emprego apoiado. Para prestar o serviço, deverão comprovar experiência em programas de inclusão laboral, contar com profissionais qualificados e dispor dos recursos materiais necessários. No caso das entidades e empresas, o objeto social deverá contemplar ações destinadas a pessoas com deficiência ou doença rara.

O contrato firmado com

o empregador deverá prever as adaptações do posto, permitir a atuação do agente e garantir os apoios internos necessários. O atendimento será gratuito para a pessoa beneficiada.

A proposta proíbe oficinas protegidas e outras atividades laborais substitutivas que resultem em segregação ou institucionalização. O objetivo é assegurar a participação da pessoa no ambiente comum de trabalho, em igualdade de oportunidades com os demais empregados. O poder público deverá promover a capacitação dos agentes de emprego apoiado, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil.

■ Profissional responsável por prestar suporte deverá elaborar um plano de ação e orientar a adaptação do ambiente

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (58)

“Ou semeamos luz ou penumbra. Não há como ficar em cima do muro” (Maria dos Anjos Oliveira, escritora).

“Cigarros fazem bem para o meio ambiente, porque eles matam seres humanos” (No Bluesky).

“O azul é a cor dos sonhos que escorrem das nossas almas e desaguam todos para o mar” (Luiz Augusto Crispim).

“Se quiser saber quem controla você, é só observar quem você não pode criticar” (Tácito).

Fiz uma consulta com uma médica que durou três minutos.

Levei meu gato ao veterinário, ele passou quase uma hora examinando o bicho. Vou mudar de médico...

O problema: se o veterinário achar que meu quadro clínico é pesado, pode mandar me sacrificar!

“Não me cabe salvar ninguém, nem vejo razão para fazê-lo. Talvez ninguém precise, de fato, de ser salvo. Cada pessoa existe exatamente como escolheu existir, seguindo o seu próprio caminho. Quem sou eu para interferir naquilo que cada um decidiu ser?” (Jesus da peça O batalhão das sombras, texto de Fábio Mozart).

“O padre roubava os fiéis e os fiéis continuam fiéis. Vai ser fiel assim nos quintos!” (Ameba, o infiel).

Ameba para Sonsinho: “Sua mãe teve autorização do Ibama para lhe criar?”.

Contra minha vontade, fiquei sabendo que tá morrendo gente que nunca morreu antes. Quem passou a notícia foi o Sonsinho.

Na feira de Itabaiana, nos idos de 1980, Eliel José Francisco me disse, depois de emborcar uma lapada de Pitu: “Minha poesia ainda vive sob o Estatuto de Menoridade Cultural”.

“Fim do mês, estou abaixo da linha crítica financeira, mas ainda na margem de erro” (Ameba, o estatístico).

“A razão pela qual você quer ser melhor é a razão pela qual você não é” (Confúcio).

Você veja como anda a questão da influência dos influencers no Brasil: padeiro é acusado de manipulação em massa.

“Os valores morais são os únicos que conservaram os preços de antigamente (Stanislaw Ponte Preta).

Li ontem o livro *Isto não é um livro*, de Keri Smith. O antilivro depende de sua imaginação para ser um livro.

Um antilivro é uma obra que subverte a estrutura tradicional da literatura.

Em uma das páginas do não livro *Isto não é um livro*, o não autor manda recortar um buraco na página e olhar a paisagem através dele.

Em outra página em branco, o leitor é convidado a preencher com suas ideias para dominar o mundo.

Leia um livro do qual acha que não vai gostar. Eu fiz isso. Li *Estórias universitárias*, de um tal José Arruda Filho. Uma porcaria. Mas gostei!

Quem quiser não ler o não livro, eu empresto. Se não quiser devolver, pode.

“Não é preciso escrever nada para ser poeta. Alguns poetas trabalham em postos de gasolina, outros engraxam sapatos...” (Bob Dylan).

“É mais fácil abraçar a tristeza; a felicidade é muito saltitante” (Ameba, poetando).

Poeta pobre não passa pela catraca. Passa pela borboleta que é mais poético.

POR ANO

Famílias gastam R\$ 4,3 bi com presos

Pesquisa da Pastoral Carcerária denuncia que ônus recai, principalmente, sobre mulheres e pretos

Letycia Treitero Kawada
Agência Brasil

A compra de suprimentos básicos de higiene e alimentação, que deveriam ser fornecidos pelo Estado nos presídios, faz com que famílias gastem, em média, cerca de 70% de um salário mínimo quando visitam detentos uma vez por semana no Brasil. Ao todo, esse gasto chega a somar R\$ 4,33 bilhões por ano, estima a pesquisa *A pena sem sentença: famílias, gênero e a expansão silenciosa do poder punitivo*, divulgada na semana passada pela Pastoral Carcerária Nacional, em parceria com a Assessoria Popular Maria Felipa, sediada em Belo Horizonte e especializada no apoio a pessoas privadas de liberdade e familiares.

Os pesquisadores afirmam que o sistema prisional brasileiro repassa para as famílias parcela significativa dos custos necessários ao seu funcionamento, produzindo danos sociais, econômicos e emocionais. “Um ônus estrutural”, classificam.

A experiência é vivida, em especial, pelas mulheres dessas famílias. Como retrata a pesquisa, 94,1% das pessoas que fazem visitas sociais no sistema carcerário são mulheres. Embora haja também mães, filhas, avós, irmãs, amigas e mulheres com outros tipos de parentesco e vínculo, as esposas estão em maior número (30,3%).

Além disso, a maioria dos visitantes (65,5%) é preta ou parda, com idade de 25 a 34 anos (32,6%) e Ensino Médio completo (31,9%). A pesquisa descreve que há uma “feminização e racialização do trabalho social” como sustentáculos do sistema penitenciário. O estudo reúne dados de 2.706 entrevistas, com nível de confiança de 95% e margem de erro de 3%.

Mais de R\$ 200 por visita

Na gíria utilizada dentro das prisões, as “cunhadas”,



Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil

Pesquisadores afirmam que o sistema prisional brasileiro repassa para as famílias parte significativa dos custos de seu funcionamento

como são chamadas as esposas e companheiras das pessoas privadas de liberdade, acabam organizando suas vidas em função das visitas.

São elas os principais pilares dessas relações em várias medidas, tanto pela disponibilidade afetiva como material e de tempo. Também são, majoritariamente, quem denuncia violações de direitos ocorridas no interior das unidades prisionais.

Mais da metade (56,9%) dos participantes da pesquisa gasta mais de R\$ 200 em cada visita ao detento. A segunda maior faixa é a de pessoas que desembolsam de R\$ 150 a R\$ 200. Uma porcentagem bastante reduzida, de 7%, gasta até R\$ 50.

Segundo a pesquisa, o custo de um *kit* de itens de alimento, higiene e vestuário que dura 15 dias é de, em média, R\$ 263,67, enquanto o valor do semanal é de R\$ 293,52.

As cifras são acrescidas dos gastos com transporte, refeição durante o desloca-

mento e, em alguns casos, hospedagem. Os pesquisadores estimam, então, que o custo das visitas quinzenais é de R\$ 624,80 e o das semanais, de R\$ 1.053,90.

Em uma conta que considerava o salário mínimo vigente em 2025, de R\$ 1.518, as visitas semanais consomem 69,4% da renda. Já as visitas quinzenais comprometem cerca de 41,2%; as mensais, 30,6%; as bimestrais, 27,5%; e as trimestrais, 23,2%.

“Não se trata, portanto, de gasto ocasional, mas de uma obrigação financeira continuada, diretamente associada ao exercício da visita social e à necessidade de suprir carências materiais do sistema prisional”, destaca o relatório. “Parcela relevante do impacto econômico não decorre apenas do transporte, mas da necessidade de complementar condições materiais adequadas que deveriam ser garantidas pelo Estado durante a execução da pena”.

Arbitrariedades

De acordo com os autores do estudo, além da falta de fornecimento de itens indispensáveis, as prisões seguem marcadas por deficiências históricas, como superlotação, descumprimento de preceitos da Constituição Federal e precariedade estrutural.

E os visitantes, que aparecem com a intenção de aliviar suas carências palpáveis e as intangíveis, são, com frequência, vítimas de violência institucional. Ao todo, 58,9% dos respondentes da pesquisa da Pastoral Carcerária declararam já ter passado por constrangimentos ou sido alvo de violências.

Dentre as indignidades a que ficam sujeitos, está a revista íntima (32,5%), medida que vem sendo questionada e denunciada há pelo menos duas décadas, segundo a organização.

Há ainda impedimentos como a exigência de cadastramentos que podem demorar mais de três meses

e da apresentação de documentos emitidos por cartórios para comprovar o vínculo, como as certidões de união estável, pelas quais as famílias nem sempre conseguem pagar.

O estudo também aponta maus-tratos, humilhações, desprezo institucional, silenciamento e situações que se enquadram na categoria de tortura institucional. Os familiares compartilham a percepção de que são destratados, porque os associam ao crime cometido pela pessoa presa, como se fossem cúmplices.

A forma desumana com que os familiares visitantes são recebidos nas unidades prisionais provoca em muitos deles adoecimento. A maioria (90,1%) atribui a esse fator uma piora em sua saúde, sendo que 66,8% afirmaram ter ocasionado grandes consequências.

A advogada e pesquisadora Fernanda Oliveira, co-fundadora da Assessoria Maria Felipa, conta que o dado sobre os efeitos das vi-

“Isso é uma produção de angústia e adoecimento mental absurda, em escala industrial, para as mulheres

Fernanda Oliveira

sitas sociais na saúde dos familiares que mantêm essa rotina surpreendeu a equipe de pesquisadores. Ver notícias sobre um acontecimento na prisão e não poder obter rapidamente informações sobre como o familiar preso está é apenas uma das circunstâncias que colaboram para ficarem em permanente estado de alerta, conta a ex-coordenadora-geral de Combate a Tortura e Graves Violações de Direitos Humanos do Ministério de Direitos Humanos e da Cidadania.

“Isso é uma produção de angústia e adoecimento mental absurda, em escala industrial, para as mulheres. Porque as mulheres sentem, entendem, até pela sua socialização, que esse dever de cuidado e proteção é delas”, analisa Fernanda.

Em entrevista à Agência Brasil, a profissional e militante contou que já atravessou o país verificando as condições em que unidades prisionais operam. Um dos casos que carrega até hoje consigo foi a de uma mãe cuja filha foi presa e que ficou totalmente sem recursos, pois se sentiu na obrigação de dar suporte a ela. A mãe era quem trabalhava para sustentar a casa e grande parte do dinheiro ia para as necessidades da filha. “Então, se ela precisasse comer água de fubá, ela comia”, afirma.

Auxílio-reclusão atinge apenas 2,47% das famílias e expõe crise

Uma das soluções para equilibrar as dívidas é o auxílio-reclusão, benefício concedido pela Previdência Social à família do preso. Contudo, os familiares só têm direito se o preso tiver contribuído por pelo menos 24 meses para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), antes de sua detenção.

A Secretaria Nacional de Políticas Penais (Senappen), do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), registra que somente uma porção bem restrita das famílias, de 2,47%, recebe o auxílio-reclusão. O número acompanha a elevada quantidade de trabalhadores e trabalhadoras sem carteira assinada e, por conseguinte, sem contribuição à Previdência.

Para Fernanda Oliveira, os grandes responsáveis pela situação no sistema carcerário são o Judiciário e o Ministério Público.

“É impossível produzir vaga [nas cadeias] na velocidade que se prende. Não é possível, do ponto de vista fiscal, em termos de construção de obras adequadas, de números de trabalhadores que se precisa para funcionar adequadamente, porque eles também estão adoecidos. É absolutamente impossível”.

“A gente iria ter que abandonar todas as outras questões públicas que precisam de recurso: saúde, educação, saneamento básico, infraestrutura. Parar tudo e ficar gastando só com cadeia.

Já vi cadeias serem inauguradas e, em um estalar de dedos, já estarem superlotadas”, declara.

No sistema do Ministério da Justiça e Segurança Pública, consta que, no segundo semestre de 2025, a população nas penitenciárias era de 727.301 pessoas. Com 505.267 vagas nas unidades, o déficit era de 222.034. O total de visitas ultrapassou os 4,5 milhões.

A coordenadora nacional da Pastoral Carcerária, irmã Petra Sílvia Pfaller, avalia que violência policial e as torturas se aprofundaram em relação há 30 anos, quando iniciou sua atuação na área.

A ativista compara que era mais comum o detento ficar em uma unidade pri-

sonal próxima à família e chama a atenção para a importância da presença de agentes de fiscalização, uma vez que as famílias se calam diante de injustiças, por medo de represálias.

“Hoje, não existe mais esse respeito [de permitir que a pessoa cumpra a pena perto da família]. E esse deslocamento aumenta bastante as questões financeiras da família”, pontua a representante da pastoral.

Para Pfaller, o que geralmente acontece é a dupla marginalização dos detentos, e a segunda começa quando eles se tornam egressos. Com a falta de oportunidades, fruto da estigmatização e do preconceito, às vezes, o resulta-

do é o retorno ao crime, argumenta a religiosa.

“Como ressocializar, se ele é tirado, excluído da sociedade e também do ambiente familiar? Vai aonde? Quem acolhe essa pessoa? Está estampado em seu rosto que é egressa”, afirma.

Plano Pena Justa

Vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), da Igreja Católica, a Pastoral Carcerária Nacional desempenha funções essenciais junto ao cárcere, monitorando, nesse contexto, a condução de políticas públicas e a efetividade de mecanismos de prevenção e enfrentamento da tortura.

A pastoral representa a sociedade civil nos comi-

tês estaduais do Plano Pena Justa em Santa Catarina, São Paulo, Piauí, Rio Grande do Sul, Paraíba, Pernambuco, Maranhão, Mato Grosso e Minas Gerais. A iniciativa, coordenada pelo MJSP, visa “à construção de um sistema penitenciário mais eficiente e seguro”, à valorização das carreiras ligadas a ele, entre outros pontos.

Embora reconheça o passo dado com a estruturação do plano, a pastoral cita a ausência de orçamento para tocar as ações pensadas em seu âmbito. A Agência Brasil tentou contato com o Ministério da Justiça e Segurança Pública e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), mas não teve retorno até o fechamento desta matéria.

NO NORDESTE

Quatro municípios lançam editais

Seleções em Ceará, Pernambuco e Alagoas reúnem cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior

Marisa Rocha
contato.marisarochoa@gmail.com

Atenção, concurseiros! Quem está se preparando para ingressar no serviço público tem novas oportunidades no Nordeste. Nesta semana, concursos com inscrições abertas reúnem cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior, contemplando áreas como educação, administração, saúde e segurança.

Em Alagoas, os editais da Secretaria Municipal de Educação de Teotônio Vilela e da Prefeitura Municipal de Santana do Mundaú oferecem, juntos, mais de 300 vagas. Em Pernambuco, a Prefeitura de Belo Jardim traz oportunidades para diversos setores e secretarias. Por fim, no Ceará, as oportunidades estão na Câmara Municipal de Meruoca, que disponibiliza vagas com remuneração até R\$ 2.500.

Teotônio Vilela (AL)

Quem busca uma vaga na área educacional tem até 12 de outubro de 2026 para se inscrever no concurso público da Secretaria Municipal de Educação de Teotônio Vilela, em Alagoas. O edital disponibiliza 205 oportunidades, distribuídas entre cargos de magistério e funções de apoio pedagógico.

A seleção é organizada

pelo Instituto Igeduc e as inscrições devem ser feitas exclusivamente pela *internet*. O valor cobrado é de R\$ 126 para o cargo de nível médio e R\$ 150 para as funções de nível técnico/superior, incluindo a de professor. Os candidatos integrantes de família inscrita no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico) poderão solicitar isenção da taxa de inscrição no período de 11 de setembro até 14 de setembro desse ano.

Do total de vagas, 175 são destinadas ao magistério. Há oportunidades para professores de Atendimento Educacional Especializado, Ciências, Educação Física, Educação Infantil e Ensino Fundamental I, Geografia, História, Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Matemática.

Para o nível médio, há 10 vagas para o cargo de assistente administrativo educacional. As 20 vagas restantes são para a função de secretário escolar, que exige licenciatura em Pedagogia ou curso técnico em Secretariado Escolar. As remunerações variam de R\$ 1.976,01 a R\$ 4.989,12, conforme o nível de escolaridade e o cargo.

A primeira fase para todos os candidatos será uma prova objetiva, prevista para 1º de novembro de 2026. A aplicação ocorrerá nos polos de Teotônio Vilela e Arapi-

raca (município também de Alagoas), podendo ser estendida para municípios próximos caso seja necessário. Posteriormente, haverá etapa de avaliação de títulos e experiência profissional para os candidatos aos cargos de nível superior/técnico e magistério (professores).

Santana do Mundaú (AL)

A Prefeitura de Santana de Mundaú, em Alagoas, abriu concurso público para o preenchimento de 96 vagas de todos os níveis de escolaridade. O certame será executado pelo Instituto IACP e oferece remunerações de R\$ 1.621 a R\$ 8.354, de acordo com o cargo e a jornada de trabalho.

As inscrições serão realizadas exclusivamente pela *internet*, na página do Instituto AOCF, até as 23h59 do dia 5 de outubro de 2026. Os valores da taxa variam: R\$ 50 para os cargos de nível fundamental incompleto, R\$ 70 para nível médio/técnico e R\$ 88 para nível superior.

Para o nível fundamental incompleto, há vagas para agente de limpeza urbana, auxiliar de serviços gerais e vigilante escolar. No nível médio/técnico, são oferecidas oportunidades para agente administrativo, eletricitista, guarda municipal, motorista, operador de máquina e técnico de enfermagem. Em

ambos os graus de escolaridade a jornada é de 40 horas semanais.

Já os cargos de nível superior incluem assistente jurídico, assistente social, bibliotecário, cirurgião-dentista, fiscal de tributos e médico. Também há oportunidades para professores de diferentes áreas. As cargas horárias de trabalho variam de 30 horas a 40 horas, a depender do cargo.

A prova objetiva para todos os cargos está marcada para 15 de novembro de 2026, em Santana do Mundaú, podendo ser aplicada também em municípios próximos caso a quantidade de candidatos ultrapasse a capacidade dos locais disponíveis. Para assistente jurídico, além da prova objetiva, haverá prova discursiva no mesmo dia.

O cargo de guarda municipal terá etapas adicionais: Teste de Aptidão Física (TAF), exame psicotécnico, avaliações de saúde e de investigação social, e curso de formação técnico-profissional. O TAF do cargo de guarda municipal está previsto para o dia 27 de dezembro de 2026. Para os cargos do magistério e para assistente jurídico, haverá ainda exame de títulos, de caráter classificatório.

O edital também prevê isenção da taxa de inscrição para candidatos economicamente hipossuficientes. O pedido deverá ser feito das 14h

de amanhã até as 23h59 da próxima quarta-feira (9).

Belo Jardim (PE)

Interessados em ingressar no serviço público podem concorrer a uma das 150 vagas oferecidas pela Prefeitura de Belo Jardim, no Agreste de Pernambuco. As inscrições seguem até 4 de outubro de 2026, exclusivamente pela *internet*, no *site* da Fundação Vale do Piauí (Funvapi).

O concurso público contempla cargos de todos os níveis de escolaridade, com oportunidades em diversas áreas da administração municipal. A taxa é de R\$ 78,50 para cargos de nível fundamental, R\$ 81,80 para nível médio e R\$ 121,80 para nível superior.

Entre as oportunidades, estão cargos como agente administrativo, auxiliar de serviços gerais, motorista, vigia, assistente social, psicólogo, contador, economista e pedagogo. Os vencimentos básicos variam de R\$ 1.621 a R\$ 4.500, conforme o cargo.

O cronograma prevê duas datas de aplicação da prova objetiva. Em 18 de outubro de 2026, pela manhã, serão avaliados candidatos a cargos de nível fundamental e médio das secretarias de Assistência Social, Meio Ambiente, Saúde, Gabinete/Governo, Juventude/Mulher, Cultura e do Instituto de Previdência dos Servidores Públicos do Município de Belo Jardim (BeloPrev). No mesmo dia, à tarde, será a vez da avaliação para os cargos de nível superior desses órgãos.

Já em 1º de novembro de 2026, haverá provas para os cargos das secretarias de Infraestrutura, Gestão, Procuradoria, Educação e da Autarquia Educacional de Belo Jardim (AEB). Os candidatos de nível fundamental e mé-

dio farão a prova pela manhã, enquanto os de nível superior serão avaliados à tarde.

Meruoca (CE)

A Câmara Municipal de Meruoca, no Ceará, está com inscrições abertas para concurso público que oferece 15 oportunidades, entre vagas imediatas e cadastro de reserva. O edital contempla quatro cargos e as inscrições podem ser feitas até 20 de setembro de 2026, pelo *site* do Instituto Brasileiro de Pesquisa, Avaliação e Seleção de Pessoal (Inbras).

Há oportunidades para agente administrativo e motorista, ambos de nível médio, com remuneração inicial de R\$ 1.621. Também estão sendo disponibilizadas vagas para nível superior: técnico legislativo, que exige graduação em qualquer área; e procurador legislativo — que necessita de graduação em Direito e inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). As duas opções têm vencimento básico de R\$ 2.500.

Para motorista, também é necessário possuir Carteira Nacional de Habilitação (CNH) — categoria AB. Todos os cargos têm carga horária de 40 horas semanais. As taxas custam R\$ 100 para nível médio e R\$ 140 para nível superior.

A maior quantidade de vagas é para agente administrativo, com seis oportunidades. Procurador legislativo, técnico legislativo e motorista têm três vagas cada função. Do total previsto, parte é destinada à formação de cadastro de reserva.

A prova objetiva será aplicada para todos os cargos em 18 de outubro de 2026, em Meruoca. Haverá prova de títulos, de caráter exclusivamente classificatório, para todas as funções de nível superior.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Teotônio Vilela



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Santana de Mundaú



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Belo Jardim



Use o QR Code para acessar o edital da Câmara de Meruoca

Docência passou de brincadeira de criança a profissão

A relação de Fransuelhia Almeida com a docência começou antes mesmo de ela imaginar que seria professora. Ainda criança, com uma vela, escrevia nas paredes sem deixar marcas e passava horas “ensinando” a suas bonecas, reproduzindo os conteúdos que aprendia na escola. Anos depois, a brincadeira ganhou outro significado e se transformou em profissão.

Formada em Ciências Exatas, com habilitação em Matemática, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o início da trajetória de Fransuelhia não foi fácil. Natural de São Bentinho, percorria cerca de 80 km até o *campus* da universidade, em Patos — ambos municípios do Sertão paraibano. “Eu trabalhava durante o dia inteiro e, à noite, ia para a universidade”, relembra.

A escolha pela carreira também foi marcada pela realidade familiar. Filha de agricultores e criada em uma família humilde, ela aprendeu com os pais, des-

de cedo, que a educação poderia ser o caminho para transformar seu futuro.

Hoje, com quase 15 anos de profissão, Fransuelhia atua nas redes pública e privada. A experiência em sala de aula, no entanto, mostrou que a carreira é bem mais desafiadora do que parecia durante a graduação. Entre os obstáculos, ela cita a necessidade de disputar a atenção dos estudantes em um cenário marcado pelo uso constante da tecnologia: “O aluno nem sempre usa o telefone de uma forma correta, porque o telefone é, sim, um instrumento de pesquisa”.

Na Matemática, área em que construiu sua formação, a professora também enfrenta um antigo entrave: a ideia de que a disciplina é difícil ou inacessível. “Acredito que uma das formas de vencer esse tabu é justamente dar significado ao conteúdo, mostrar ao aluno onde aquilo está presente na vida dele e fazer com que ele perceba que a Matemática não é algo distante da realidade”, explica.

Mesmo diante das dificuldades, a professora não perdeu a vontade de ensinar. O que a mantém em sala de aula é a esperança de contribuir para um futuro melhor. “Eu tenho um filho e quero que o mundo em que ele viva no futuro seja melhor do que o mundo em que eu vivo atualmente. E a gente sabe que isso é difícil e que só quem pode mudar isso somos nós, professores”, declara. Por isso, apesar das dificuldades da profissão, Fransuelhia continua defendendo a docência para quem tem prazer em ensinar e em ajudar outras pessoas a aprender. Para ela, a carreira exige dedicação e pode ser difícil, mas permanece sendo uma profissão capaz de transformar vidas — inclusive a de quem escolheu ensiná-las.

Para Fransuelhia, sucesso não significa apenas retorno financeiro, mas ver antigos alunos seguindo as profissões que escolheram e sendo felizes. Saber que um conhecimento transmitido



Foto: Arquivo pessoal

Para Fransuelhia, sucesso não é apenas ter retorno financeiro, mas ver alunos sendo felizes

em sala de aula contribuiu para a trajetória de alguém é, segundo ela, motivo para reconhecer que todo o esfor-

ço valeu a pena.

Para os docentes que têm interesse em um cargo público, a Secretaria Municipal de

Educação de Teotônio Vilela tem diversas vagas para professores, incluindo para a disciplina de Matemática.

Selic Fixado em 5 de agosto de 2026 14%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial +0,50% R\$ 5,130	Euro € Comercial +0,37% R\$ 5,958	Libra £ Esterlina +0,35% R\$ 6,940	Inflação IPCA do IBGE (em %) Julho/2026 0,07 Junho/2026 0,16 Maio/2026 0,58 Abril/2026 0,67 Março/2026 0,88	Ibovespa 185.147,16 pt -0,02%
---	---	--	--	---	--	--

ALIMENTAÇÃO

Produtos enriquecidos com proteína viram tendência

Supermercados paraibanos acompanham as novas demandas de consumo

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

A busca ativa por qualidade de vida vem redesenhando a forma de fazer mercado: produtos com maior teor de proteína, antes associados ao mundo *fitness* e ao universo das academias, agora são amplamente relacionados a outras formas de autocuidado e conquistam um espaço mais expressivo nas gôndolas do comércio. A mudança é acompanhada pelo crescimento do mercado de *wellness* — indústria voltada para o bem-estar físico e mental, que movimentou US\$ 5,6 trilhões ao redor do globo e deve atingir US\$ 9 trilhões até 2028. Em João Pessoa, redes de supermercado acompanham a demanda de consumo que foi potencializada após a pandemia da Covid-19.

O gerente de uma unidade do Bem Mais, Ergener Nobre, conta que a rede vem ampliando o *mix* de produtos e dedicando mais espaço para exibi-los. “É um setor chamado de ‘saúde’ que, no início, envolvia principalmente produtos livres de alérgenos, como os sem açúcar ou lactose. Depois da pandemia, com a ascensão das academias, esse setor também passou a envolver a maior demanda pelo *why*. E, de uns dois anos para cá, a seção de produtos funcionais e proteicos, como granola e essas opções com proteína adicionada, começou a crescer”, explica.

Ergener também revela que, na unidade onde trabalha, costumava haver um único bloco de estante com produtos do tipo. Entretanto, em meados de 2024, a rede percebeu o interesse do consumidor pelo nutriente



Rede amplia espaço nas gôndolas e variedade de itens ofertados ao público de academias

e começou a investir na variedade de opções e na reorganização dos produtos, a fim de tornar o acesso a eles mais fácil. Atualmente, o setor conta com quatro estantes e, além disso, os itens podem ser encontrados na área de refrigerados e expostos perto da lanchonete que opera na rede, para consumo no espaço.

“Aqui, o que mais sai são as bebidas proteicas, pastas de amendoim saborizadas e leite em pó, com uma maior porcentagem de proteínas. Mas a variedade de itens é enorme, e as próprias marcas apostam em novos sabores. *Snacks* e salgados, bebidas funcionais e outros produtos diversos que integram refeições, como laticínios, massas e ovos, também recebem adição de proteína e estão disponíveis no mercado”, expõe.

Outra rede, a Assaí Atacadista, também investe nesses itens. A gerente do setor de mercearia de uma unidade localizada no Bairro dos Estados, Severi-

na Silva, revela que, até o fim do ano passado, o mercado apostava principalmente nas barrinhas de cereal, que lideram as vendas no espaço. “Depois, a empresa viu o potencial desse setor e começou a investir, ampliando o *mix* de produtos e dando a eles mais visibilidade. Agora, temos três prateleiras cheias, em uma área de ampla circulação, e estamos atentos à demanda, que é crescente”, diz.

No Brasil, o setor representa aproximadamente US\$ 96 bilhões, segundo o Global Wellness Institute (GWI), que classifica o país como um dos maiores consumidores do mercado de bem-estar no mundo. A organização aponta para um novo perfil de cliente, interessado em longevidade e na prevenção de doenças que podem ser evitadas através do estilo de vida. Assim, a busca por alimentos proteicos que, na proporção adequada, ajudam na formação de músculo, manuten-

ção da saúde das articulações, equilíbrio hormonal e produção de anticorpos, vem apresentando crescimento especial nos últimos dois anos.

Um levantamento da Scantech, empresa de tecnologia especializada em inteligência de mercado, desenvolvido em parceria com a McKinsey & Company, demonstrou que, de janeiro a outubro de 2025, houve aumento nas vendas de *why* (124%), cereais proteicos (21%), iogurtes proteicos (16%) e leites saborizados com proteínas (14%). Segundo a empresa de dados de consumo Worldpanel by Numerator, a categoria de produtos com proteína adicionada registrou um crescimento de 12% no faturamento no primeiro trimestre de 2026, em comparação com o mesmo período de 2025 — número duas vezes superior ao aumento na procura por fontes de proteína convencionais, como carne de origem animal.

Massificação amplia acesso e barateia opções

Segundo o economista e especialista em comportamento do consumidor, Igor Gonçalves, a transição para o consumo massivo de produtos funcionais e proteicos começou a se consolidar, em nível global, há cerca de cinco anos, ganhando tração imediata com a reabertura econômica pós-pandemia. Hoje, ele acredita que a tendência é permanente. “O *wellness* já é cultural, padrão no carrinho de compras de muita gente. A

tendência agora é a massificação desse padrão de consumo, saindo dos bairros mais nobres e chegando até as periferias, principalmente porque, com o aumento das vendas, aumenta-se a pesquisa, o investimento em produção e, consequentemente, o barateamento dessas opções”, pensa.

Ainda, o profissional acrescenta que, ultimamente, é possível observar a “proteí- nização” de categorias não con-

vencionais — produtos inspe- rados que agora contam com a adição de proteína. “Não são mais só o leite pronto, o achocolatado e as barrinhas. Agora é o brigadeiro, a cerveja, o picolé, o creme de avelã, o requeijão, o refrigerante, energético e até o miojo”, Igor reflete.

De acordo com a nutricionista Sarah Fonsêca, essa expansão acontece ao passo que cada vez mais pessoas resolvem melhorar a qualidade de vida a partir da adoção de hábitos sustentáveis, sem abrir mão de itens que acompanham momentos de maior lazer. Ela ressalta a importância de estar atento aos rótulos, posto que nem todo produto industrializado passa a ser saudável só pela adição de proteína, podendo ter, também, alto teor de sódio e açúcares.

Além disso, a profissional ressalta que existe uma relação entre o aumento na procu-

ra por canetas emagrecedoras e o aumento significativo na procura por produtos ricos em proteínas.

“Proteínas aumentam a sensação de saciedade e ajudam na manutenção da massa magra. É provável que o paciente comece a comer menos, então a ingestão de nutrientes também é importante. E líquidos proteicos podem ser mais fáceis de ingerir para quem sente náuseas no começo da medicação”, revela, explicando que é necessário tomar cuidado para não consumir proteínas em excesso.

“Todo exagero faz mal, e o consumo elevado de proteínas pode sobrecarregar alguns órgãos. Mas acho que, de forma ampla, essa pode ser uma tendência de mercado muito benéfica, especialmente porque deriva de um hábito pautado na busca pelo saudável”, conclui a nutricionista.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

Política e o desafio da independência econômica

Brasil celebra, no dia 7 de setembro, a sua independência. A data remete ao rompimento formal com Portugal, em 1822, e à construção de uma nação politicamente soberana. Mais de dois séculos depois, contudo, a celebração também convida a uma reflexão que ultrapassa os acontecimentos históricos: até que ponto uma nação pode considerar-se plenamente independente quando sua capacidade de decidir o próprio futuro econômico permanece condicionada por dependências externas e fragilidades internas?

Não existe independência econômica absoluta no mundo contemporâneo. As grandes economias são interdependentes. Mercadorias, capitais, tecnologias e informações atravessam fronteiras em velocidade crescente. A questão, portanto, não é defender o isolamento do Brasil, mas compreender a diferença entre participar da economia global em condições de autonomia e, simplesmente, ocupar uma posição subordinada na divisão internacional do trabalho.

O Brasil possui vantagens que poucos países reúnem. É uma das maiores economias do mundo, dispõe de uma agricultura altamente competitiva, possui abundantes recursos naturais, uma matriz energética diversificada e uma população superior a 200 milhões de habitantes. Ainda assim, convivemos com uma contradição histórica: exportamos produtos primários em grande escala e importamos tecnologias, equipamentos e produtos de maior valor agregado.

Não há demérito algum em produzir e exportar alimentos ou matérias-primas. O problema está na incapacidade de transformar, de forma mais intensa, nossa riqueza natural em conhecimento, tecnologia, inovação e desenvolvimento industrial. Uma economia dinâmica não pode depender exclusivamente daquilo que a natureza lhe ofereceu. Precisa desenvolver aquilo que a inteligência humana é capaz de criar.

Nesse sentido, educação e ciência devem ser compreendidas como instrumentos de soberania nacional. Países que dominam tecnologias possuem maior capacidade de enfrentar crises, gerar riqueza e definir seu próprio destino. Não por acaso, as nações que ocupam posições de liderança econômica são aquelas que investem permanentemente em pesquisa, formação de pessoas e inovação.

Essa discussão tem particular importância para o Nordeste e para a Paraíba. Durante muito tempo, o desenvolvimento regional foi tratado como consequência natural do crescimento nacional. A experiência brasileira demonstrou que não é assim. Sem políticas específicas, os investimentos tendem a concentrar-se nas regiões que já possuem maior infraestrutura e capacidade econômica.

A Paraíba, entretanto, vem demonstrando que desenvolvimento também pode ser construído a partir do conhecimento e das potencialidades locais. As universidades públicas e privadas, os institutos de pesquisa, o avanço das energias renováveis e o fortalecimento de atividades ligadas à tecnologia, aos serviços e ao empreendedorismo representam oportunidades concretas. O desafio é transformar essas iniciativas em uma estratégia permanente de desenvolvimento.

Autonomia econômica não significa produzir tudo aquilo de que um país ou uma região precisa. Representa, sobretudo, a capacidade de fazer escolhas. Isso envolve reduzir a dependência de produtos de baixo valor agregado, acompanhar as transformações tecnológicas e criar oportunidades para que a população possa trabalhar, empreender e construir seu futuro.

A independência de 1822 foi um marco fundamental da nossa história. Mas a construção de uma nação economicamente forte continua sendo uma tarefa inacabada. A soberania política conquistada há mais de dois séculos precisa ser acompanhada pela capacidade de produzir conhecimento, riqueza e oportunidades.

Talvez essa seja uma das grandes questões que o 7 de setembro ainda nos apresenta: a independência não é apenas uma conquista do passado. É, sobretudo, uma construção permanente do futuro.



Consumidor deve verificar os rótulos dos industrializados

CRIMES VIRTUAIS

Golpes prejudicam 20% dos usuários

Levantamento mostra que casos vão além do prejuízo financeiro e podem comprometer contas e serviços essenciais

Cristina Índio do Brasil
Agência Brasil

Cerca de 45 milhões de usuários de *internet* com 16 anos ou mais no Brasil — 32% do total — sofreram tentativas de golpes com o uso de seus dados pessoais. Além disso, 20% relataram que foram vítimas efetivas desse tipo de crime.

Os dados inéditos são da terceira edição da pesquisa *Privacidade e proteção de dados pessoais: perspectivas de indivíduos, empresas e organizações públicas no Brasil*, apresentada, na última semana, no 17º Seminário de Proteção à Privacidade e aos Dados Pessoais, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo.

O estudo foi realizado pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), área do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), vinculado ao Comitê Gestor da *Internet* no Brasil (CGI.br). A missão do Cetic.br é produzir dados estatísticos e análises de impactos das tecnologias digitais na sociedade.

A população-alvo do estudo, de abrangência nacio-

nal, foram os usuários de *internet* com 16 anos ou mais no Brasil. A intenção foi conhecer a perspectiva das pessoas sobre privacidade, as práticas adotadas, os riscos percebidos e a visão sobre o uso de dados pessoais por terceiros. Realizada em dezembro de 2025, a pesquisa teve 2,5 mil respondentes em entrevistas *on-line*.

Segundo Winston Oyadomari, um dos coordenadores da pesquisa, é a primeira vez que o Cetic.br investigou esse tema perguntando se as pessoas identificam as tentativas de golpes pela *internet* ou se foram vítimas. “Esse é até um tema difícil, porque as pessoas ficam constrangidas e abaladas com as tentativas de golpe, então, não é um tema simples para a pesquisa abordar”, disse à reportagem.

Golpes em aplicativos

Essas tentativas ocorrem por vários canais de comunicação. A principal via de abordagem são os aplicativos de mensagem (84% dos casos). Na sequência, estão as ligações telefônicas (79%), *sites* ou aplicativos falsos (71%), Short Message Service (SMS) — que em português é tradu-

zido como Serviço de Mensagens Curtas — (71%), *e-mail* (69%) e redes sociais (67%).

“Mesmo as pessoas que não estão usando ou não têm o hábito de usar a *internet*, ou mesmo não têm habilidades com a tecnologia, elas também postam e estão sujeitas a este tipo de tentativa de golpe”, afirmou.

Oyadomari destacou a incidência das tentativas nas relações dos usuários com *sites* ou aplicativos falsos. “A gente identificou que as pessoas que usam apenas o celular reportam mais tentativas de golpes por *sites* ou aplicativos falsos do que as pessoas que também usam computador. Pode existir aí uma limitação ou dificuldade que o próprio dispositivo de acesso proporciona, uma maior vulnerabilidade”, analisou.

A constatação das tentativas de golpes causaram reações específicas nos usuários. De acordo com o coordenador, a maioria citou estresse ou mal-estar. “Isso afetou emocionalmente a pessoa e seus familiares”, complementou.

Os golpes, conforme explicou, não ficam apenas no roubo de dinheiro ou de dados bancários, mas incluem



Foto: Carlos Rodrigo

Usuários que usam apenas o celular reportaram mais tentativas de golpes por sites falsos

a perda de acesso a contas. Golpistas podem prejudicar o acesso aos serviços públicos ao tomar o controle do *e-mail* usado no Gov.br, por exemplo.

“Essa questão do roubo de acesso é também um fenômeno de preocupação, não só o prejuízo financeiro. Pode tirar do cidadão o acesso a serviços fundamentais, de governo, de assistência ou de políticas públicas”, alertou.

Escolaridade

Por trás dos dados eleva-

dos está o nível de escolaridade dos usuários. Quem tem um patamar mais baixo reportou todas as situações vivenciadas com mais frequência.

“A gente está dizendo basicamente que as pessoas menos escolarizadas estão tão sujeitas aos golpes quanto às demais. No entanto, entre as menos escolarizadas, o estrago é maior”, pontuou.

Segundo do coordenador, a partir da escolaridade, é necessário discutir não só a

questão da proteção de dados, mas também a das capacidades e habilidades no uso da tecnologia.

“Essas duas coisas têm que andar juntas. Não adianta promover só uma cultura de proteção de dados, sem levar em consideração que uma parte importante das pessoas precisa desenvolver as habilidades digitais em busca de um ambiente digital seguro”, constatou.

Inteligência artificial generativa preocupa entrevistados

Em uma primeira investigação sobre a relação dos brasileiros com ferramentas de inteligência artificial (IA) generativa, sob a ótica da privacidade, a pesquisa mostrou que, apesar de a utilização profissional ou acadêmica ser a mais comum, não é raro encontrar casos de uso dessas plataformas “para aconselhamento, suporte emocional e companhia”.

Entre as categorias anali-

sadas, o uso de IA generativa para trabalho ou de estudo foi a mais apontada (73%), seguida de preferências e gostos pessoais, como filmes ou músicas (58%), sentimentos e emoções (54%), dados de saúde, como sintomas e exames (52%) e fotos suas ou de pessoas conhecidas (50%). As menos citadas foram finanças pessoais, como orçamentos e investimentos (41%) e dados pessoais, como nome,

endereço, data de nascimento ou Cadastro de Pessoa Física (CPF) (37%).

A maioria (66%) dos usuários de IA generativa relatou estar preocupado ou muito preocupado com o uso de dados pessoais pelas empresas responsáveis por essas ferramentas. O percentual é maior entre os que têm nível mais alto de escolaridade (72%).

“Não é porque as pessoas utilizam a ferramenta

que elas não estejam preocupadas, e não é porque estão preocupadas que vão deixar de utilizar. O uso e a preocupação andam de mãos dadas. Você utiliza a ferramenta porque ela traz benefícios, mas também tem preocupação por não existir uma transparência de como esses dados são utilizados”, observou o coordenador.

Para Oyadomari, a questão dos dados cada vez mais

íntimos e pessoais serem divididos com as ferramentas está associada à preocupação. A compreensão do que é feito com esses dados é baixa e, por isso, esse nível de apreensão.

Outra inquietude é o compartilhamento de dados de saúde, que veio com as novas funcionalidades permitidas pelas ferramentas de IA generativa. Conforme o coordenador, as pessoas es-

tão discutindo, por exemplo, os seus dados de saúde na IA generativa.

“Dados de saúde, tradicionalmente, são tidos como dados pessoais sensíveis. Existe toda uma preocupação de como são armazenados e sobre quem pode ter acesso ao seu prontuário médico. Isso é um tema de bastante preocupação no campo da proteção de dados e as pessoas”, chamou atenção.

69% das empresas têm dados pessoais de clientes

O estudo estendeu-se às empresas brasileiras e 69% das que responderam as questões relataram armazenar dados pessoais de clientes e/ou usuários.

A biometria permaneceu como a mais frequentemente armazenada pelas organizações (31%), acompanhada na sequência por dados de saúde (26%). Ainda entre as empresas que guardam os dados, 9% disseram armazenar informações pessoais de menores de 18 anos. “Esse percentual alcança 21% entre aquelas de grande porte e 19% no setor de alojamento e alimentação”, completou o estudo.

O levantamento mostrou um quadro de estabilidade na implementação de estruturas formais de governança ou adequação à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

Os dados indicaram que “40% das empresas realizam reuniões específicas sobre o tema, 32% contrataram consultorias ou assessorias externas especia-

lizadas, 20% mantêm uma área ou funcionários dedicados a atividades de proteção de dados e apenas 16% nomearam formalmente um encarregado de proteção de dados [DPO]”.

As medidas mais reportadas pelas empresas na pesquisa foram a alteração de contratos vigentes (30%), a criação de política de uso de dados de funcionários (29%) e o desenvolvimento de políticas de privacidade (28%).

■
Apenas 16% das organizações contrataram um profissional encarregado de assegurar cumprimento da LGPD

Segurança digital avançou no Poder Público

No setor público, houve avanço na presença de áreas ou responsáveis por privacidade, especialmente, na esfera municipal. Impulsionada, por prefeituras de até 10 mil habitantes (de 31% para 37%), a fatia de órgãos públicos que dedicaram parte de sua estrutura ao tema subiu de 36%, em 2023, para 42%, em 2025.

A presença dessas estruturas nos órgãos federais e estaduais mostrou-se mais presente no Ministério Público (100%), Judiciário (94%) e Legislativo (83%) do que no Executivo (74%).

A implantação de políticas de segurança da informação também aumentou (de 24% para 28%) em estabelecimentos públicos de saúde. O percentual chega a 54% nos hospitais públicos com mais de 50 leitos.

“A realização de treinamentos em segurança da informação para equipes dobrou na rede pública, passando de 16%, em 2023, para 32%, em 2025”, apontou o estudo.

As escolas públicas também registraram avanço na presença de políticas de proteção de dados e segurança da informação. A proporção de instituições que possuíam documento com essas diretrizes passou de 37%, em 2020, para 54%, em 2025.

A utilização de serviços digitais relacionada à privacidade e à proteção de dados influenciou o cenário em 2025: 39% dos gestores de escolas públicas que não utilizavam programas, sistemas e plataformas na gestão escolar relataram que “a preocupação com a privacidade e a proteção de dados pessoais está entre os principais desafios associados à adoção desses recursos”. A proporção chega a 36% nas redes municipais e a 58% nas estaduais.

Para 25% dos gestores de escolas públicas, a segurança de dados é também um dos motivos para não

utilizar dispositivos, plataformas ou outros recursos educacionais digitais, apontando como motivos os riscos de vazamento ou roubo de dados dos alunos (16%) e a falta de clareza nos termos de uso sobre o tratamento dessas informações (15%).

Em relação à formação e ao compartilhamento de informações sobre o tema, o levantamento apontou ainda que 73% dos gestores relataram ter recebido orientações da rede de ensino sobre o tratamento de dados de alunos e profissionais, e 46% das instituições realizaram debates ou palestras sobre o tema (contra 32% em 2023), tendo como público principal professores

(44%) e funcionários (43%).

Para a coordenadora do CGI.br, Renata Mielli, ao mesmo tempo em que os usuários precisam prestar atenção às informações que compartilham, não é possível transferir para eles a responsabilidade por proteger seus dados.

“É fundamental que empresas e organizações públicas adotem práticas de governança, transparência e segurança capazes de garantir o uso responsável dessas informações. A proteção de dados é uma dimensão essencial da autonomia e dos direitos das pessoas na sociedade digital”, disse em texto de divulgação da pesquisa.

A **Facta Financeira**, em respeito aos seus clientes, parceiros e à população do Estado da Paraíba, vem a público prestar os devidos esclarecimentos sobre as condições contratuais e a estrutura de custos aplicadas aos seus contratos de empréstimo consignado:

1. Taxa de Juros: Informamos que a taxa de juros praticada nos contratos de empréstimo consignado para beneficiários do INSS respeita rigorosamente o teto máximo estipulado pelos órgãos reguladores, fixado em **1,85% ao mês**. Reafirmamos nosso compromisso com a transparência e a conformidade legal, garantindo que nossas taxas operam rigorosamente dentro dos limites permitidos pela legislação vigente.

2. Acréscimos Legais: O único acréscimo legalmente previsto incidente sobre as operações é o Imposto sobre **Operações Financeiras (IOF)**, tributo federal obrigatório e comum a todas as instituições financeiras do país.

3. Comissões e Taxas de Adesão: A **Facta Financeira** esclarece e reitera que **não cobra qualquer taxa de adesão, taxa de abertura de crédito ou comissão** diretamente dos tomadores de empréstimos consignados em seus contratos.

A **Facta Financeira** reafirma sua dedicação à transparência, à ética e ao cumprimento incondicional das normas financeiras e de proteção ao consumidor.

SAC: 0800.942.0462 – www.factafinanceira.com.br

EDUCAÇÃO E INOVAÇÃO

PB ganha reconhecimento internacional na robótica

Desempenho em campeonatos comprova o talento de estudantes do estado

Márcia Dementshuk
Ascom Secties

“Eita, a Paraíba chegou”. O tom da frase é como o de um alarme, soando por adversários quando equipes de robótica da Paraíba chegam às áreas de competição de campeonatos nacionais e internacionais. Os paraibanos agora são conhecidos pelas inovações nas *performances* dos robôs apresentados. O reconhecimento é efeito do desenvolvimento da robótica educacional nas escolas, com destaque para o ensino público, desde o Fundamental, passando pelo Médio e se consolidando na universidade.

A robótica educacional é uma realidade nas escolas da Paraíba, disponibilizada na rede pública. Um exemplo disso é o aluno paraibano Olenildo Oliveira Filho, que se identificou com a robótica de modo a encaminhar sua vida em função dela. O gosto pela tecnologia impulsionou-o a escolher cursos nessa área no Ensino Superior. Depois de quase uma década acumulando experiências, hoje ele fortalece seus sucessores como monitor de equipes, além de seguir competindo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Com simplicidade nas palavras, Olenildo narra sua trajetória: “Eu me apaixonei pelo mundo da robótica. Entrei, acho que em 2017. Fiz no 9º ano, no 1º, 2º e 3º [do Ensino Médio]. Depois entrei na UEPB, pelo Programa Limite do Visível, em Análise de Sistemas e concluí. Agora, eu estou fazendo Ciência de Dados [na UEPB]. E, com toda essa bagagem que eu fiz ao longo dos anos, venho ajudando outras equipes das escolas e integro a equipe da robótica UEPB”.

As marcas conquistadas pela equipe que o estudante integra surpreendem, com participação em mais de 110 competições e cerca de 85 títulos conquistados em diversas categorias nos últimos três anos. “Eu sempre quis ajudar os novatos, porque, quando eu era novato, eu recebi ajuda e foi bem legal, então eu quis continuar ajudando todos que gostam desse mundo e que irão entrar e conhecer mais”, complementa Olenildo Oliveira.

A metodologia da robótica educacional na Paraíba segue essa engrenagem na qual o conhecimento é transferido de uma geração para outra. Assim como Olenildo, há mais estudantes monitores, além dos professores turbinando inovações nos projetos dos times nas escolas.

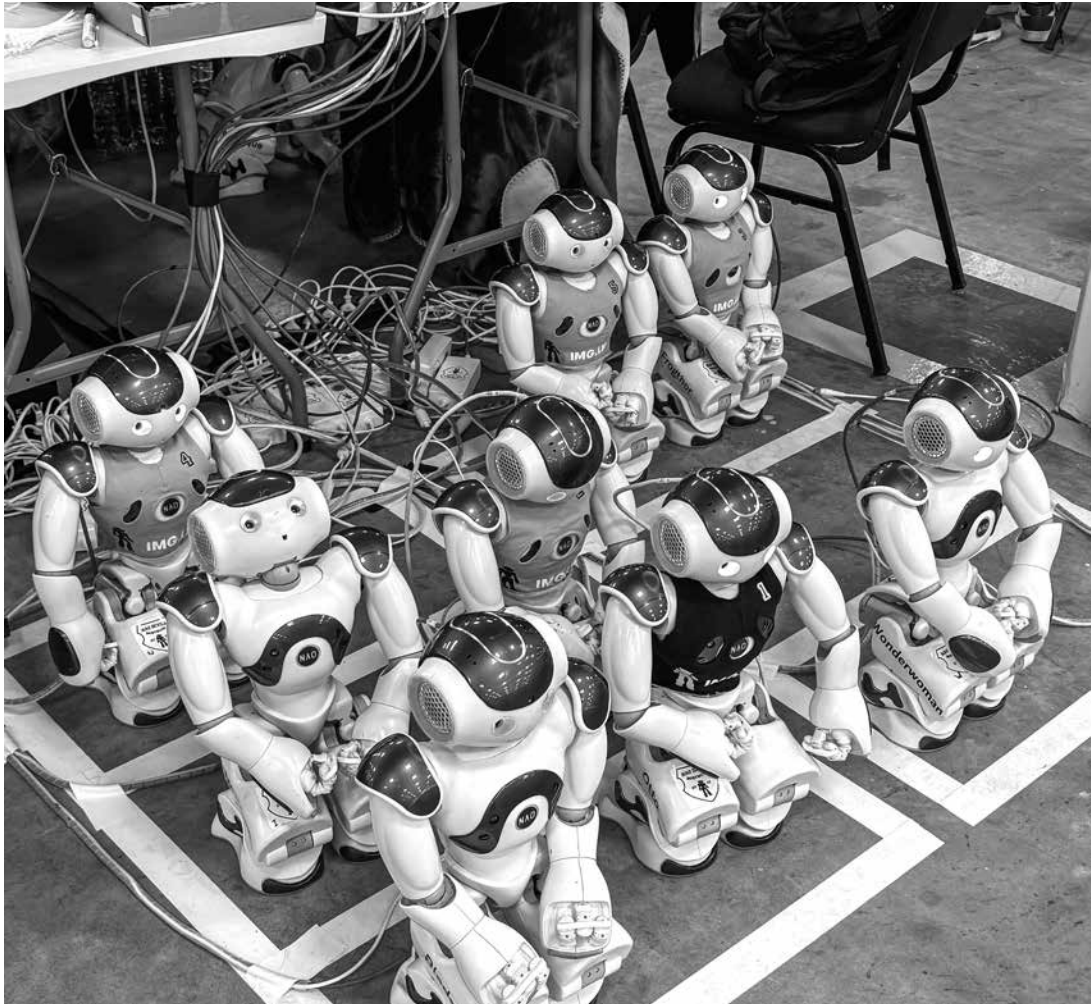


Foto: Mateus de Medeiros/Secties

Nos campeonatos de robótica, equipes podem interagir e aprender umas com as outras

Alunos desenvolvem habilidades como programação e visão computacional

Mas, afinal, o que os alunos aprendem com a robótica? Uma pergunta mais adequada é a seguinte: Quais as habilidades desenvolvidas em uma disciplina de Robótica na escola?

A resposta do professor de Robótica da Escola Estadual Pedro Anísio, em João Pessoa, Crismarkes Ferreira, aponta para diversas áreas do que comumente se chama de “tecnologia”: “Dar funções a uma máquina, no caso um robô, é uma tarefa complexa que exige programação de *software*; prática com componentes eletrônicos e uso de sensores; criação e desenvolvimento de peças e materiais específicos em modelagem 3D; montagem física de robôs e chassis por meio de processos de tentativa e erro [prototipagem]; desenvolver a visão computacional, que é o ‘olho’ do robô; e temos a inteligência artificial permeando as tarefas. Tudo isso em um trabalho em equipe, onde se estimula a colaboração, a empatia para a resolução conjunta de problemas, combatendo o individualismo dos estudantes”.

Aos poucos os alunos das escolas passam a dominar cada um dos procedimentos até estarem aptos a competir. Esse é o limiar entre a robótica educacional e a profissional. O professor de Robótica Heronides Pereira, da Escola Estadual Pedro Anísio, aprofunda os conceitos:

“Robótica Educativa [ou Educacional] é o primeiro passo e contato do estudante com a área. Ela é voltada para a multidisciplinaridade, servindo como uma ferramenta de auxílio pedagógico para a educação de crianças e jovens do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Seu

propósito é preparar a inserção tecnológica do estudante por meio de um ambiente prático de ‘mão na massa’ com a tecnologia”, explica o professor.

Quanto à Robótica Profissional (ou Competitiva), ele diferencia: “É a robótica voltada para campeonatos, na qual os estudantes participam de competições representando seu estado [a Paraíba] e país [Brasil] em níveis nacional e internacional. Ela funciona como uma consagração de todo o trabalho, projetos e treinamentos desenvolvidos previamente na Robótica Educativa, tendo como foco a inovação, a pesquisa científica e a busca pelas melhores tecnologias, *hardwares* e *softwares* do mundo”.

É o que ocorre nos campeonatos. Mesmo concorrentes, as equipes interagem e aprendem umas com as outras. Heronides Pereira informou que uma das inovações apresentadas por uma das equipes da Paraíba que atraiu os olhares humanos em competições internacionais foi a integração e reutilização de peças de *kits* privados de robótica (como motores, sensores e servos da Lego) aplicando sistemas de *software* livre (código aberto).

“Por meio da engenharia de *software* e do uso de código aberto, a equipe consegue dar novas funções e ampliar a utilidade de componentes que originalmente tinham funções limitadas, sem a necessidade de comprar novas peças. São procedimentos que o pessoal do exterior não tem ideia de fazer. Com isso, desenvolvemos potenciais soluções”, reforça Heronides Pereira. Ele destaca ainda a programação feita sobre um

painel de lâmpadas *LED*, desenvolvida unicamente pelos alunos, o que certamente rendeu pontos positivos em uma prova.

Essas e outras competências tornaram respeitáveis as equipes da Paraíba nas competições ao redor do mundo.

Desde a Educação Básica

O gestor em Sistemas de Informação e coordenador na Paraíba das ações referentes à Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR), Fagner Ribeiro, salienta que não existe uma idade específica para praticar a robótica, que pode ser trabalhada desde os primeiros anos da Educação Básica, com atividades adequadas à faixa etária.

“O principal benefício é desenvolver habilidades que vão muito além da tecnologia. A criança aprende a raciocinar, resolver problemas, trabalhar em equipe, ter criatividade, persistência e autonomia. Quando um robô não funciona como esperado, por exemplo, o aluno precisa investigar o problema, testar uma solução e tentar novamente”, esclarece Fagner Ribeiro.

A Paraíba sediará importantes campeonatos de robótica até o fim do ano. Entre eles:

- Olimpíada Brasileira de Robótica 2026 (OBR) — Etapa Estadual Paraíba — 15 a 18 de setembro, no Mangabeira Shopping;
- Robótica 2026 — Etapa Nacional OBR (final da OBR; final da *Mostra Nacional de Robótica* (MNR); final da Competição Brasileira de Robótica (CBR); “Simpósio Brasileiro de Robótica” e “Workshop de Robótica Educacional” (SBR/WRE) — de 23 a 29 de novembro, no Centro de Convenções de João Pessoa.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

O vazio que transborda: por que o vácuo não é o nada?

Imagine uma caixa de sapatos e agora tire tudo o que há dentro dela: os sapatos, o papel de seda, os saquinhos de sílica. Para garantir, use uma bomba de sucção ultrapotente e remova até o último vestígio de ar. O que sobra lá dentro?

A resposta intuitiva do nosso dia a dia seria dizer: o nada absoluto. Parabéns, essa é a resposta mais lógica para o nosso cotidiano. Para nós, leigos, o vácuo é exatamente a ausência total de matéria, o silêncio do espaço sideral, onde o som não se propaga porque não há “ar”, não há matéria para carregar suas ondas. É o vazio de onde tiramos tudo.

Mas, se você fizesse essa mesma pergunta a um físico, ele certamente sorriria e responderia: essa caixa está fervilhando de energia.

O telescópio da física quântica

Na física moderna, o nada é um conceito que não existe. Quando os cientistas olham para o vácuo através das lentes da mecânica quântica, o cenário muda. O vazio deixa de ser um palco deserto e se transforma em uma pista de dança lotada. Isso acontece por causa das chamadas “flutuações quânticas”: no nível microscópico, a energia do universo nunca fica parada, ela oscila e treme o tempo todo. É como se você olhasse para o espaço e ele fosse um tecido, oscilando, como uma folha de borracha onde ondas se propagam.

Essas trepidações invisíveis são tão intensas que dão origem a partículas virtuais o tempo todo: pares de partícula e antipartículas que brotam do vácuo, piscam na existência por uma fração de segundo e, logo em seguida, colidem umas com as outras e se destroem, voltando a ser flutuações. É um ciclo eterno que acontece debaixo do nosso nariz, rápido demais para que possamos ver a olho nu.

Provando o invisível: o efeito Casimir

Tudo isso pode parecer loucura teórica, mas a ciência já provou que é real. Uma das maiores evidências é o efeito Casimir. Imagine colocar duas placas de metal extremamente finas, lisas e sem nenhuma carga elétrica no vácuo mais perfeito possível, a uma distância microscópica. Como não há gravidade relevante nem eletricidade envolvida, nada deveria acontecer, certo? Errado: as placas são misteriosamente empurradas umas contra as outras.

O motivo? O vácuo está cheio de flutuações dos campos de energia. O espaço minúsculo entre as placas limita o tamanho das flutuações que conseguem se formar ali dentro, enquanto, do lado de fora, as ondas de todos os tamanhos batem livremente. O resultado é que há mais pressão quântica do lado de fora do que do lado de dentro, empurrando as placas. O vácuo literalmente faz força física.

Engenharia do vácuo

Mas o ponto importante é outro: pela primeira vez, o próprio ambiente quântico do vácuo foi utilizado como ferramenta para controlar o estado macroscópico da matéria. Os autores chamaram essa ideia de “engenharia do vácuo”.

Recentemente, foi feito um experimento, liderado por pesquisadores da China, em que se colocava um supercondutor dentro de uma cavidade onde o vácuo estava submetido a certas condições. O fenômeno da supercondutividade geralmente acontece em baixas temperaturas, mas o experimento mostrou que, nessa cavidade com certas condições de contorno, o vácuo, através de suas flutuações, alterava a temperatura de supercondutividade, fazendo-a aumentar, quando comparamos a temperatura desse material dentro e fora da cavidade criada.

O vácuo que nos move

A ciência moderna nos mostra que o vácuo não é o fim das coisas, mas sim o ponto de partida. Ele tem peso, tem energia e molda o formato do cosmos. Da próxima vez que você olhar para o céu noturno ou pensar no espaço vazio entre as estrelas, lembre-se: o universo não é feito apenas de ilhas de matéria flutuando no nada. Nós estamos mergulhados em um oceano quântico invisível, onde o vazio, na verdade, transborda.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

EFEITO EL NIÑO

Clima extremo ameaça sobrevivência das aves

Mudanças climáticas afetam habitats e provocam escassez de alimentos

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Aumento das temperaturas, ciclo de chuvas irregulares, alterações nos regimes de ventos, períodos prolongados de seca e incidência de queimadas são alguns dos efeitos ocasionados pelo El Niño. Essas mudanças no clima podem afetar a qualidade de vida de diversas aves, ocasionando a redução da disponibilidade de água, alimento e abrigo, bem como modificando seus períodos reprodutivos.

De acordo com o meteorologista Lindenberg Lucena, o El Niño é um fenômeno natural, em que ocorre um aquecimento acima da média das águas superficiais do Oceano Pacífico, próximo à linha do Equador. “O oceano funciona como um regulador do clima do planeta. Quando uma grande área do Pacífico fica mais quente, ele muda a circulação dos ventos e a maneira como o ar quente e úmido se movimentam pela atmosfera”, explicou.

■ **Fenômeno tende a afetar a qualidade de vida dos animais, ocasionando a redução da oferta de água, alimento e abrigo**

Ele ainda pontuou que essas mudanças podem ser sentidas a milhares de quilômetros de distância, inclusive no Nordeste brasileiro e, consequentemente, na Paraíba, sendo a região do Sertão a mais vulnerável aos seus efeitos. “Os impactos mais comuns no Nordeste brasileiro são aumento de temperaturas, redução das

El Niño também provoca mudanças nos ventos, exigindo mais das espécies durante os voos



Foto: Wylde Viera/Arquivo pessoal

chuvas e, consequentemente, redução da água nos açudes e reservatórios”.

Segundo o biólogo e ornitólogo Wylde Viera, com o aumento brusco e repentino da temperatura, toda a comunidade de aves será afetada. Para ele, consequências negativas e diretas em seus ecossistemas, como a perda e degradação de seus habitats, pode levar grupos de aves a sofrer processos mais intensos de pressão ecológica, acarretando efeitos como a degradação de abrigos, por exemplo.

“Com o ciclo das chuvas comprometido, a escassez de alimentos é uma certeza, visto que recursos como insetos, frutos e sementes dos quais muitas aves dependem, podem diminuir, levando-as à desnutrição, reduzindo, assim, a sua capacidade reprodutiva e, consequentemente, aumentando a mortalidade das espécies”, detalhou.

Para o pesquisador Victor Leandro da Silva, que analisa os efeitos das mudanças climáticas em longo prazo nas aves do bioma Caatinga, um Super El Niño, como o previsto para este ano, pode funcionar como uma prévia do que se pode esperar para as próximas décadas. “Em relação à sazonalidade de chuva e disponibilidade de recursos, por exemplo, esses fatores podem dessincronizar a floração e frutificação de plantas e, com isso, alterar e até encurtar o período reprodutivo das aves”. Esse fato acontece pois esses animais programam sua reprodução para períodos de maior abundância de recursos naturais, para garantir o alimento dos seus filhotes.

Fatores como elevação de temperatura, alteração no vento e queimadas, que podem ser intensificados pelo El Niño, vão operar como eixos diferentes no ciclo da vida das aves.



Foto: Arquivo pessoal

Os impactos mais comuns no Nordeste brasileiro são aumento de temperaturas e redução das chuvas

Lindenberg Lucena

“Temperaturas muito elevadas vão agir diretamente sobre a fisiologia das aves, afetando o balanço hídrico, a tolerância térmica e o custo energético da regulação de temperatura e, de forma indireta, sobre a fenologia, que é o estudo dos eventos periódicos ou sazonais no seu ciclo de vida. Nas áreas mais altas da Caatinga, onde a temperatura define os ciclos reprodutivos, esse descompasso é crítico para as espécies”, pontuou o pesquisador.

A bióloga, ornitóloga e pesquisadora Thuani Saldanha também enfatizou o impacto no ciclo reprodutivo das aves. “Entramos agora na primavera, onde muitas espécies de aves se reproduzem e onde teremos o fenômeno El Niño mais forte”. Ela também cita alterações na disponibilidade de alimento e de água. “Esses eventos climáticos extremos que são mais vistos nessa época, como enchentes e secas, também podem afetar a disponibilidade desses recursos. Então, consequentemente, irão afetar, de alguma forma, essas espécies, tanto na alimentação quanto na reprodução e também no deslocamento, no caso de aves migratórias”.

Já a alteração no regime dos ventos tem um efeito mais sutil, mas pode afetar o custo energético da ave para os voos e a dispersão de sementes. As queimadas, ao contrário, são o

■ **As aves programam a reprodução para períodos de abundância de recursos naturais, para garantir o alimento dos seus filhotes**



Cada espécie sentirá de forma diferente os impactos provocados pelo aumento das temperaturas

Foto: Wylde Viera/Arquivo pessoal

impacto mais imediato e agudo, pois destroem, ao mesmo tempo, espaços de nidificação (processo de construção de ninhos), recursos alimentares e estruturas de vegetação que permitem refúgio térmico.

A pesquisadora ainda res-

salta que tanto o fenômeno do El Niño quanto as mudanças climáticas afetam de modo diferente as espécies. “Cada espécie vai ter a sua particularidade, vai ter o seu hábito, a sua dependência em relação à temperatura, às dinâmicas

de chuvas, de recurso e de alimentação. Por isso, são necessários cada vez mais estudos sobre esses efeitos para as espécies variadas, de modo a encontrar padrões e tentar mitigar esses efeitos da melhor forma possível”, acrescentou.

Pesquisas buscam mitigar os efeitos negativos nas espécies da Caatinga

Assim, para entender mais sobre os impactos das mudanças climáticas nas aves, tanto Thuani quanto Victor Leandro elaboraram estudos nesse sentido.

Embora o estudo conduzido pelo pesquisador não tenha analisado especificamente o El Niño, os efeitos associados ao fenômeno, como calor mais intenso e agravamento da seca, coincidem com alguns dos principais fatores de perda de áreas climaticamente adequadas identificados nas projeções para a Caatinga realizadas em sua pesquisa. A diferença está na escala: enquanto o El Niño é um fenômeno natural e temporário, as mudanças climáticas alteram progressivamente as condições médias do bioma. “Uma coisa que merece atenção pública é que quase todas as espécies vão ser afetadas. Então isso significa que o problema atravessa toda a árvore da vida das aves da Caatinga. Não é um problema de algumas espécies raras, é um problema estrutural do bioma”, enfatizou Victor.

Em sua pesquisa, ele elaborou modelos de distribuição de 445 espécies de aves residentes na Caatinga, projetando como seria sua distribuição na região no ano de 2060 e 2100. “De modo geral, descobrimos que as espécies com pequena distribuição e baixa capacidade de dispersão (de se deslocarem para novas áreas) são as mais afetadas”. Entre as espécies mais ameaçadas, ele cita algumas que são endêmicas da Caatinga, como o Soldadinho-do-Araripe (*Antilophia bokermanni*), o Papa-Formiga-do-Sincorá (*Formicivora grantsau*) e a Ararinha-Azul (*Cyanopsitta spixii*), todas com risco de extinção



Foto: Arquivo pessoal

Entramos agora na primavera, onde muitas espécies de aves se reproduzem e onde teremos o fenômeno El Niño mais forte

Thuani Saldanha

global. Somam-se a elas o Bico-Virado-da-Caatinga (*Megaxenops parnaguae*), o Beija-Flor-de-Gravata-Verde (*Augastes lumachella*), o Tico-tico-do-São-Francisco (*Arremon franciscanus*) e a Chocado-Nordeste (*Sakesphoroides cristatus*).

Ainda de acordo com os resultados obtidos, nenhuma ave terá sua distribuição totalmente preservada, ou seja, todas as espécies vão sofrer algum efeito das mudanças climáticas. “Cerca de 75% das aves devem ter suas áreas climaticamente adequadas reduzidas até 2060 e cerca de 8,5% das aves, aproximadamente 38 espécies, podem desaparecer localmente do bioma, incluindo pelo menos cinco espécies que seriam extintas globalmente”.

Os impactos não se restringem às aves residentes das áreas secas. Espécies que dependem de áreas úmidas também podem ser afeta-

das por mudanças no clima. Thuani Saldanha avaliou duas aves associadas a esses habitats: o Tesourado-Brejo (*Gubernetes yetapa*) e a Novinha-de-Rabo-Preto (*Heteroxolmis dominicanus*). Os modelos das áreas de distribuição foram projetados para 2050 e 2090. Os resultados demonstraram que ambas as espécies apresentaram ganhos de distribuição; contudo, foi evidenciada uma redução das áreas com condições climáticas ideais. Assim, a pesquisadora destacou que nem toda área projetada como ganho de distribuição será realmente ocupada pelas espécies, pois, além da questão climática, outros fatores, como áreas alagadas, alimento, abrigo e condições para se reproduzir, precisam estar disponíveis para os animais.

Portanto, à medida que o clima muda, algumas aves ainda poderão buscar áreas mais favoráveis. Essa possibilidade, porém, dependerá da existência de vegetação preservada e de ambientes conectados. Sem corredores ecológicos e proteção das serras, áreas úmidas e demais refúgios climáticos, mesmo espécies capazes de se deslocar poderão não encontrar para onde ir. Portanto, a prioridade é preservar e restaurar áreas importantes e fortalecer unidades de conservação.

“Quanto mais áreas naturais temos por perto, mais conseguimos mitigar os efeitos das mudanças climáticas. Quando fazemos esses modelos, essas previsões com as espécies, podemos ajudar a identificar áreas que são importantes, conseguimos indicar áreas prioritárias para conservação”, finalizou Thuani.



QUADRANGULAR DECISIVO



Santa e Botafogo voltam a se enfrentar

Começa a caminhada dos times pernambucano e paraibano em busca do acesso à Série B do Brasileiro

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

O Botafogo volta a campo logo mais, às 18h30, para encarar o Santa Cruz pela primeira rodada do quadrangular do acesso da Série C do Campeonato Brasileiro, na Arena Pernambuco. O jogo marca a estreia dos dois clubes na segunda fase da Terceirona. Às 16h, em Fortaleza, o Floresta recebe o Maringá, no Estádio Presidente Vargas, no outro confronto do grupo.

O Alvinegro da Estrela Vermelha tem apenas um problema importante para o duelo de hoje: o volante Igor Maduro não voltou a treinar com bola, com o restante do elenco, durante a semana, e só fez trabalhos de fortalecimento muscular; o jogador lesionou-se diante do Amazonas, pela 17ª rodada da Série C, em Manaus.

De acordo com o treinador Marcelo Fernandes, o atleta já está sendo preparado para a segunda rodada, diante do Floresta, em João Pessoa, e não encara o Santa Cruz. Por outro lado, o volante Varela e o meia Giovanni, que lesionaram a posterior na mesma partida, treinaram durante a última semana e devem começar no banco de reservas na partida contra a Cobra Coral na noite de hoje.

Diante desses cenários, o time titular contra o Santa Cruz deve ser formado com: Luiz Daniel; Diogo Mateus, Yan Souto, Igor Moraes e PK; Thallyson (Varela),

Lucas Cândido e Nenê; Dudu Hamamoto, Rodolfo e Henrique Dourado (Kayon).

Torcida única

Durante a semana, um impasse importante tomou conta do pré-jogo dessa partida. Primeiro, o Ministério Público da Paraíba (MPPB) avaliou que o confronto é de “alto risco” para as torcidas e n -

volvidas e recomendou à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que o duelo fosse disputado apenas com a torcida da casa, sem a presença de torcedores do Belo.

A CBF, no entanto, não notifi-

clubes envolvidos, e o Santa Cruz vendeu normalmente os ingressos para a torcida visitante durante a última quinta-feira (3). Já à noite, no entanto, a Justiça de Pernambuco deferiu um pedido do Ministério Público de Pernambuco, concordando com o MPPB, solicitando que a partida não tivesse a presença de torcedores do

Alvinegro da Estrela Vermelha.

lha, em virtude da rivalidade das torcidas e das ocorrências registradas no Estádio Almeidão, na partida da primeira fase, entre os dois clubes, com confronto entre torcedores e com ações da Polícia Militar.

A decisão judicial ainda cita um ofício conjunto assinado pela Federação Paraibana de Futebol e a Federação Pernambucana de Futebol apoiando a medida. Até o fechamento desta matéria, a decisão judicial em vigor é a que determina que a partida só contará com a torcida do Santa Cruz na Arena Pernambuco.

O jogo terá um trio de arbitragem alagoano. O árbitro central será Denis Ribeiro Serafim, que terá auxílios de Ruan Luiz de Barros Silva e Fernanda Félix da Silva. O quarto árbitro é Paulo Belence Alves dos Prazeres Filho, de Pernambuco.

O árbitro de vídeo será Thiago Duarte Peixoto, de São Paulo. O árbitro auxiliar do VAR será também de São Paulo: Marco Antônio de Andrade Motta Júnior. O capixaba Marcos André Gomes da Penha vai ser o observador do VAR. Todos são do quadro da CBF. A partir de agora, todos os jogos da Série C terão árbitros de vídeo.



Foto: João Neto/Botafogo

Nenê é a grande aposta do Belo contra o Santa

BRASILEIRÃO

Flamengo e Palmeiras jogam fora de seus domínios na rodada

Seis jogos darão sequência à 26ª rodada do Brasileirão hoje, começando às 11h, com o jogo entre Coritiba e Mirassol, no Couto Pereira. A briga pela liderança promete bastante porque Flamengo e Palmeiras estarão em ação, mais em horários diferentes. O Rubro-Negro jogará a partir das 16h, diante do Remo, no Mangueirão, em Belém, enquanto o Verdão atuará duas horas e meia depois, frente ao Botafogo, no Estádio Nilton Santos. O Palmeiras tem 52 pontos contra 51 do Flamengo. Além desses jogos, outros estão programados: Cruzeiro x Athletico-PR, no Mineirão; Internacional x Santos, no Beira-Rio; e Corinthians x Chapecoense, na Neo Química Arena.

Coritiba x Mirassol

O time da casa vem de uma vitória empolgante sobre o Remo, na rodada anterior, por 3 a 2, no Mangueirão, chegando aos 37 pontos e mais perto da zona de classificação para a Copa Libertadores. O adversário empatou com o Palmeiras em 1 a 1 e perdeu no meio de semana para o Flamengo, em jogo

atrasado, por 2 a 0, segue muito perto da zona de rebaixamento e necessita urgentemente reagir. O confronto será exibido pelo Premiere.

Remo x Flamengo

Empolgado por se aproximar do líder Palmeiras — a diferença é de apenas um ponto (52 a 51) —, o Flamengo pode assumir a liderança

provisoriamente, já que o rival joga mais tarde, desde que consiga vencer o Remo, no Mangueirão, a partir das 16h. O jogo será exibido pela Globo na TV aberta. O Rubro-Negro vem de duas vitórias consecutivas: sobre o Botafogo e depois o Mirassol. O adversário perdeu de 3 a 2 para o Coritiba, na rodada anterior.

Cruzeiro x Athletico-PR

Depois das eliminações na Libertadores, para o Flamengo, e na Copa do Brasil, para o Atlético-MG, o Cruzeiro tenta juntar os cacos e focar apenas no Brasileirão para alcançar uma vaga na Libertadores. A derrota para o rival na Arena MRV deixou a torcida do time estrelado revolvida e, diante da má fase, es-

pera-se poucos torcedores no Mineirão, a partir das 16h. O Cruzeiro, na competição nacional, vem de uma derrota de 3 a 1 para o Vasco. Já o Athletico-PR segue brigando na parte de cima da tabela e aparece no G4, com 45 pontos; vem de um empate de 3 a 3 com o Fluminense. A partida será exibida pelo Premiere.

Botafogo x Palmeiras

Em má fase no Brasileirão, o Botafogo vem de derrota de 3 a 0 para o Flamengo. Na 12ª colocação, o Alvinegro não vence há quatro rodadas e acumula três derrotas consecutivas: para Vitória, Athletico-PR e Flamengo. O último triunfo aconteceu no fim de julho, quando, ainda sob o comando de Francim Carvalho, bateu o Cruzeiro por 1 a 0, fora de casa.

Já o Palmeiras, que vem de um empate com o Mirassol, não pode vacilar de novo, diante da ameaça do Flamengo. No meio de semana, confirmou a classificação às semifinais da Copa do Brasil quando empatou sem gols com o Santos (3 a 0 no agregado). A TV Record vai exibir a partida.

Internacional x Santos

Os dois clubes foram eliminados da Copa do Brasil no meio da semana. O Inter perdeu de 3 a 1 para o Grêmio, fora de seus domínios, e segue muito mal no Brasileirão, seriamente ameaçado de cair para a Série B. O seu adversário foi eliminado pelo Palmeiras e também não faz boa campanha no Brasileirão. O Premiere exibe a partida a partir das 16h, no Beira-Rio.

Corinthians x Chapecoense

Derrotado pelo Santos na rodada anterior, o Corinthians segue no meio da tabela de classificação. Contra o time catarinense, o lanterna do campeonato, tem a chance de se reabilitar, a partir das 19h30, na Neo Química Arena. O Timão vem de três derrotas consecutivas no Brasileirão e precisa vencer para se afastar do meio da tabela e voltar a mirar o G5. A Chapecoense, por sua vez, tem a pior campanha fora de casa no campeonato e ainda não venceu como visitante. A transmissão ao vivo ficará a cargo do Prime Video.



Foto: Gilvan de Souza/Flamengo

Jogadores do Flamengo comemoram mais um gol na vitória de 2 a 0 sobre o Mirassol

RIO 2016

Exposição mostra Jogos Paralímpicos

CPB comemora os 10 anos do grande evento em que o Brasil teve posição de destaque, com 72 medalhas

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) abre as portas do Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro (CTPB), em São Paulo — de 9 de setembro a 27 de novembro — para uma exposição dos Jogos Rio 2016 em comemoração aos 10 anos do evento esportivo, que aconteceu na capital fluminense. Ainda em setembro, haverá um *tour* pelo complexo esportivo aberto ao público e com a presença de medalhistas como mais uma ação em homenagem à data festiva dos Jogos realizados no Brasil.

A mostra será no *hall* de entrada do CT Paralímpico e vai reunir itens originais da edição: medalhas, tochas, uniformes de competição, registros em foto e vídeo, além de fantasias das mascotes. A visitação é gratuita e ocorre das 9h às 17h (horário de Brasília).

Além da exposição, a experiência vai reunir um *tour* pelas instalações do CT, que é um dos maiores legados dos Jogos Rio 2016. O passeio vai ser guiado por atletas que subiram ao pódio no Rio 2016, sendo que haverá, a cada dia da visita, a presença de um medalhista diferente para guiar os visitantes.

O *tour* acontecerá sempre às 14h30, de 9 a 17 de setembro (exceção ao dia 13). Os ingressos são gratuitos e estão disponíveis na plataforma Sympla.

Paralímpicos 2016

Amanhã, os Jogos Paralímpicos Rio 2016 completam 10 anos. Realizada de 7 a 18 de setembro daquele ano, no Rio de Janeiro, essa foi a primeira edição do megaevento disputada na América Latina. Ao todo, 4.328 atletas de 160 países participaram da competição, que contou com 22 modalidades.

Durante os 12 dias de disputas, foram quebrados 220 recordes mundiais e 432 recordes paralímpicos. O público também teve papel importante: mais de 2,1 milhões de ingressos foram vendidos para os eventos, colocando o Rio 2016 entre as edições com maior presença de espectadores na história dos Jogos.

Para o Brasil, a competição representou um dos principais capítulos de sua trajetória paralímpica. A delegação terminou na oitava colocação no quadro geral de medalhas, com 72 no total — sendo 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze. O resultado superou o recorde anterior do país, de 47 pódios, registrado nos Jogos Pequim 2008.

O desempenho também representou um salto em relação a Londres 2012, quando o Brasil havia conquistado 43 medalhas. No Rio, o país aumentou em 67% o número de pódios e ampliou de sete para 13 o número de modalidades em que conseguiu medalhas.

A campanha brasileira teve ainda um significado histórico pelo número de modalidades que colocaram atletas no pódio pela primeira vez. O país conquistou suas primeiras medalhas em Jogos Paralímpicos no ciclismo, no halterofilismo, no vôlei sentado e na canoagem — que estreou naquela edição

do megaevento, assim como o triatlo.

A primeira participação na canoagem terminou com medalha de bronze. No ciclismo, o país conquistou uma prata e um bronze, enquanto o halterofilismo garantiu uma medalha de prata. Já no vôlei sentado feminino, o Brasil obteve o bronze, primeiro pódio do país na modalidade.

No atletismo, modalidade em que o Brasil foi mais bem-sucedido, foram 33 medalhas, sendo oito de ouro, 14 de prata e 11 de bronze. O resultado foi o melhor da história do Brasil na modalidade em uma edição dos Jogos Paralímpicos até então. Oito paraibanos conseguiram conquistar medalhas. No atletismo, Petrucio Ferreira, conseguiu o ouro na prova dos 100 m rasos e a prata nos revezamento 4 x 100 m e ainda nos 400 m. Já no futebol de cinco para deficientes visuais, Damião Robson, Marcos José, Luan Gonçalves, o técnico Fábio Luiz e o assistente Josinaldo Costa sagraram-se campeões. No golbol masculino, Romário e José Roberto levaram o bronze.

A natação também teve participação decisiva na campanha brasileira, com 19 medalhas, sendo quatro de ouro, sete de prata e oito de bronze. Entre os destaques, esteve Daniel Dias, que subiu ao pódio nas nove provas em que disputou as finais, com quatro ouros, três pratas e dois bronzes.

O Brasil também manteve sua hegemonia no futebol de cegos (antigo futebol de 5). A equipe masculina conquistou o quarto título paralímpico consecutivo, depois dos ouros em Atenas 2004, Pequim 2008 e Londres 2012. No golbol, a seleção masculina ficou com

o bronze, enquanto o tênis de mesa terminou a competição com quatro medalhas.

Com as 72 medalhas conquistadas em casa, o Brasil também ultrapassou uma marca importante em sua história: o país chegou a 301 medalhas em Jogos Paralímpicos desde a sua primeira participação, em 1972.

Recordes fora das arenas

O impacto do Rio 2016 não

ficou restrito aos resultados esportivos. A edição brasileira estabeleceu marcas importantes de audiência e ampliou o alcance dos Jogos Paralímpicos em todo o mundo.

Mais de 4,1 bilhões de pessoas acompanharam os Jogos pela televisão em todo o mundo, um crescimento de 7% em relação a Londres 2012. A competição foi transmitida em 154 países e gerou cerca de 5.110 horas de conteúdo esportivo.

No Brasil, a cobertura televisiva também alcançou números expressivos. Foram aproximadamente 247 horas de transmissão, com uma audiência acumulada de 472 milhões de pessoas.

O ambiente digital acompanhou o crescimento. Mais de um bilhão de pessoas interagiram com os Jogos por meio de plataformas digitais. O *site* do IPC, por exemplo, teve quase o dobro de vi-

sitantes em comparação com Londres 2012.

Os números refletiram o interesse despertado pela primeira edição dos Jogos Paralímpicos realizada na América Latina. Ao todo, atletas de 83 países conquistaram pelo menos uma medalha no Rio. A competição também contou com a participação de uma equipe independente, com dois atletas refugiados.



O paraibano Petrucio Ferreira foi um dos destaques no atletismo, com a conquista de uma medalha de ouro e duas de prata nos Jogos Rio 2016

Foto: Alessandra Cabral/CPB



O nadador Daniel Dias foi a estrela maior do Brasil, com a conquista de nove medalhas nas provas disputadas

Foto: Cezar Loureiro/CPB

NAS REDES SOCIAIS

Relação tóxica expõe atletas e técnicos

Jogadores e treinadores sentem-se ofendidos e criticam a forma como são tratados no ambiente digital

Leonardo Sá
l.Agência Estado

Os desabafos de profissionais do futebol sobre a relação com as redes sociais tornaram-se frequentes nos últimos anos. Após a derrota do Grêmio para o Red Bull Bragantino, em 23 de agosto, pelo Campeonato Brasileiro, o técnico Luís Castro criticou a forma como jogadores e treinadores são tratados no ambiente digital.

“Há várias formas de criticar o trabalho de um treinador. Não é preciso ofendê-lo. Porque acho que a ofensa é algo que não deve fazer parte. Sou contra, ponto [...] As pessoas não podem ser agressivas e ofensivas com ninguém, ainda mais aqueles que vivem dentro do futebol”, disse, em coletiva de imprensa.

A declaração veio na mesma linha adotada pelo técnico Abel Ferreira, do Palmeiras, que já havia afirmado anteriormente que o “futebol está doente”. Castro foi além e afirmou que “não é o futebol que está doente”, mas sim as pessoas. Os dois treinadores reclamaram da falta de empatia e dos ataques direcionados a profissionais depois dos jogos.

Críticas

O problema não se restringe aos técnicos. Jogadores também passaram a conviver com críticas que continuam depois do apito final e que, em alguns casos, ultrapassam o desempenho esportivo. Quando o meia Philippe Coutinho deixou o Vasco, em 2025, escreveu uma carta de despedida na qual afirmou que era difícil ser julgado por pessoas por algo que não fazia parte de seu caráter.

Em outros casos, a pressão chegou a ameaças. Em maio deste ano, o zagueiro Mathheus Dória, do São Paulo, revelou ter recebido ameaças de morte contra ele e sua família nas redes sociais após falhas em partidas.

Em 2022, Willian e suas filhas foram alvo de intimidações virtuais durante a passagem do jogador pelo Grêmio. O ambiente de risco e intimidação foi apontado como um dos fatores para a saída do atleta do futebol brasileiro.

A exposição pode produzir efeitos que vão além do desconforto provocado pelas críticas. Segundo Priscila Mendes, psicóloga do Inter de Minas e especialista no tema, a cobrança constante nas plataformas digitais pode manter o profissional em estado de alerta mesmo quando ele já deixou o campo.

“No futebol, a exposição digital faz com que o profissional continue sendo avaliado mesmo depois que o treino ou o jogo termina. Uma falha pode gerar milhares de comentários em poucos minutos e, quando essa cobrança é frequente, agressiva ou acompanhada de ameaças, o cérebro pode permanecer em estado constante de alerta”, comenta.

Roger Machado, ex-técnico do São Paulo, também chama atenção para a diferença entre a cobrança pelo desempenho e os ataques pessoais.

“A pressão sempre fez parte do futebol, mas a forma como ela chega até nós mudou. Hoje, atleta e treinador terminam uma partida e encontram imediatamente milhares de opiniões, cobranças e, muitas vezes, ofensas. A cobrança pertence ao futebol; a violência, não”, afirma.

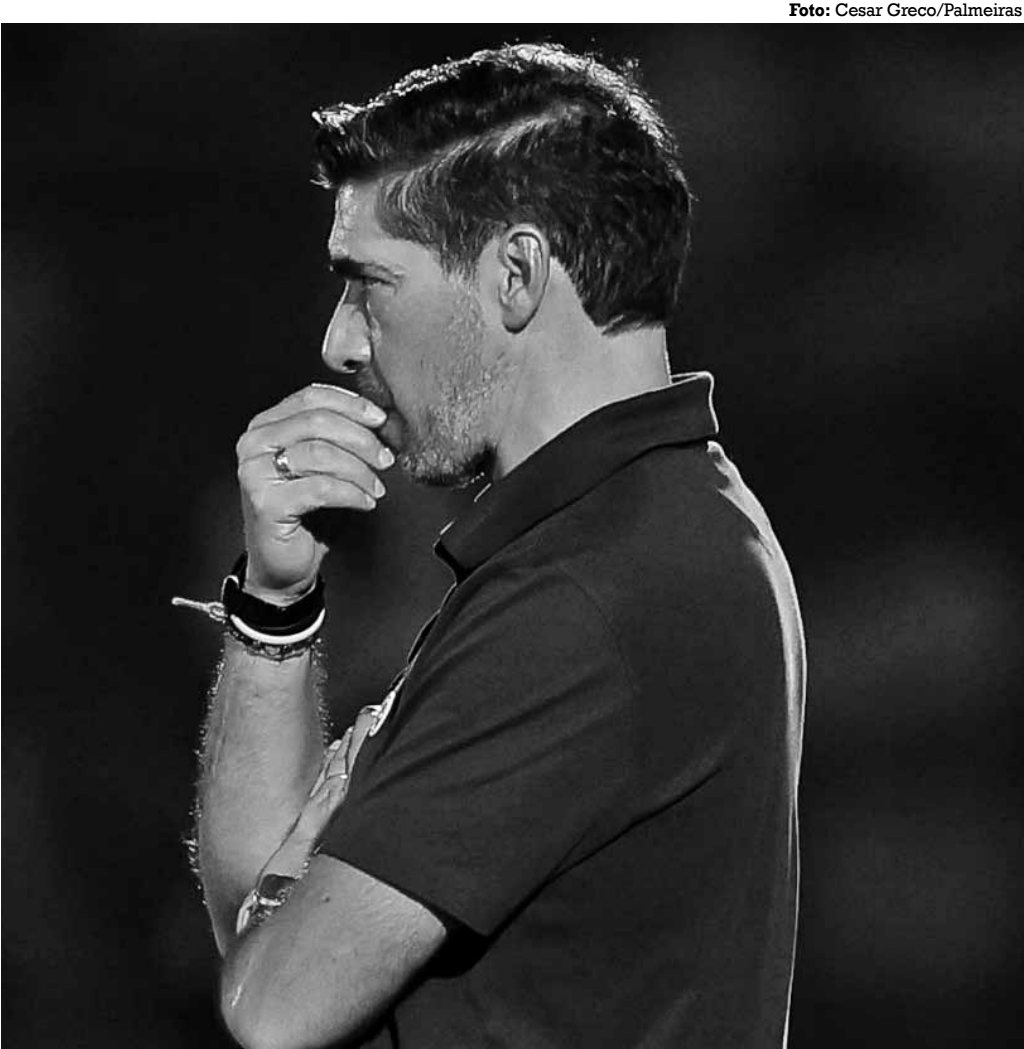


Foto: Cesar Greco/Palmeiras

O técnico do Palmeiras, Abel Ferreira, chegou a dizer que o futebol está muito doente

Léo Ortiz desativou as redes ao perceber críticas à vida pessoal

Um dos caminhos encontrados por alguns atletas é reduzir a exposição. Em julho de 2025, o zagueiro Léo Ortiz, do Flamengo, explicou que havia desativado as redes sociais depois de perceber que parte das críticas começou a atingir a sua vida pessoal.

“Não ligo para críticas da parte tática, de jogo. Zero problema com crítica. Mas achei que algumas pessoas começaram a trazer uma energia negativa, flamenquistas que acabam jogando mais contra o Flamengo e contra os jogadores, relacionando meu peso a um passe errado. Se eu tivesse feito um gol, ninguémalaria isso. Por isso desativei”, comentou.

Para Priscila, a dificuldade em se desligar do que é publicado é um dos sinais de que o ambiente digital pode estar afetando o profissional.

“Um dos principais sinais é quando a pessoa não consegue mais se desligar do que é publicado. Ela passa a verificar comentários repetidamente, leva o celular para a cama, fica muito abalada depois de ler determinadas mensagens ou muda seu comportamento por medo da opinião externa”, diz.

O afastamento, porém, não elimina a importância das redes sociais na carreira dos atletas. As plataformas tornaram-se ferramentas de comunicação com torcedores, construção de imagem e geração de receitas. Jogadores como Cristiano Ronaldo, Messi e Neymar transformaram o alcance digital em fonte de publicidade e contratos comerciais.

Nos Jogos Olímpicos de Paris, em 2024, o efeito também apareceu entre atletas de modalidades com menor exposição. Esportistas que chegaram às disputas com poucos seguidores puderam ampliar suas audiências após bons resultados.

Hugo Calderano foi um desses casos. Na época, o mesatista saltou de aproximadamente 480 mil seguidores para mais de um milhão.

Comportamento

A influência das redes também chegou ao mercado de transferências. Segundo Claudio Fiorito, presidente da P&P Sport Management Brasil, especializada no gerenciamento da carreira de atletas, clubes europeus passaram a observar o comportamento digital dos jogadores antes de negociações.

“Atualmente, os grandes clubes europeus têm departamentos voltados para observação das redes sociais. Para que a gente possa desenvolver uma transferência de alto nível, como a do Vitor Reis [do Palmeiras para o Manchester City], o atleta passa por uma série de entrevistas com os clubes para que eles entendam a postura dele fora de campo, familiar, o que ele pensa, como agiria em momentos de crise”, afirma.

O uso das plataformas também interfere na rotina dos atletas. Thiago Freitas, COO da Roc Nation Sports no Brasil, agência que gerencia a carreira de atletas, aponta o impacto sobre o tempo de descanso.

“Poder chamar e ser chamado, a qualquer momento, por quaisquer pessoas, tem reduzido consideravelmente o número de horas de sono de jovens atletas, e a qualidade desse sono. Em outro nível, menos relevante, mas também importante, a exposição de preferências e rotinas pessoais aumenta a possibilidade de que esses gerem insatisfação do público quando de resultados insatisfatórios”, explica.

Limites nas redes

A questão, portanto, não passa apenas por de-

xar ou não as redes sociais. Para Priscila, limitar o contato com as plataformas pode ser uma estratégia de proteção em determinados momentos.

“Desativar temporariamente as redes sociais, limitar o tempo de uso ou deixar a conta sob responsabilidade de uma equipe de comunicação pode ser uma estratégia saudável de proteção psicológica. Isso não significa fraqueza ou fuga. Em alguns momentos, afastar-se é uma forma de recuperar o equilíbrio, proteger o sono e voltar a concentrar energia no treino, no jogo e na vida pessoal”, comenta.

Os cuidados também podem partir dos clubes. Segundo Priscila, as instituições podem contribuir com acompanhamento psicológico contínuo, educação digital e orientação para atletas e familiares, além de estabelecer protocolos para situações de ameaça.

Para os profissionais, algumas atitudes simples também ajudam a reduzir os efeitos da exposição.

“O objetivo não é fazer com que atletas e treinadores ignorem tudo o que é publicado, mas ajudá-los a estabelecer limites saudáveis”, afirma.

Entre as medidas, ela cita evitar comentários logo após os jogos, silenciar palavras e perfis, limitar os horários de acesso e desligar notificações.

A psicóloga ainda destaca a importância de buscar apoio quando a exposição ultrapassa os limites. Segundo as suas palavras, pessoas de confiança e profissionais de saúde mental podem ajudar atletas e treinadores a lidar com situações que deixem de ser apenas críticas esportivas e passem a afetar a rotina pessoal.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Ontem melhor do que hoje

Uma das histórias que eu mais ouvi de amigos mais velhos que têm, comigo, a ingloria vocação de amar o futebol da Paraíba foi sobre a final do Campeonato Paraibano de 1992, entre Treze e Auto Esporte. Por algumas razões. Primeiro porque foi uma das finais mais malucas da história do futebol brasileiro. Quicá do Paraibano.

Segundo porque o Auto Esporte conquistava ali seu último grande título no futebol do estado. Vivia o seu grande último momento de uma história regada a glórias que, hoje, ficaram realmente em outros tempos. Então, nos estudos sobre nosso futebol, o título de 1992 do Auto Esporte é disciplina obrigatória para entender o contexto da vida alvirrubra no futebol paraibano.

Terceiro porque foi no ano que eu nasci. Então, naturalmente, é um ano que chamaria minha atenção inevitavelmente em relação a como era o mundo antes desse mundo me expelir para fora de um útero. Mas vamos juntos, agora, lembrar daquele passado, de alegrias mais fortes do que as de agora para trezeanos e automobilistas.

O Treze ganhou o primeiro turno após vencer a primeira fase do primeiro turno e a final desse turno depois de vencer o Nacional de Patos. No segundo turno, foi o Auto Esporte quem levou a primeira fase. Mas o Galo, que fazia uma grande competição naquele ano, venceu a segunda fase do segundo turno. E teve a chance de ser campeão antecipadamente.

Acontece que Galo e Auto fizeram a final do turno, que poderia dar o título do Estadual para o clube de Campina Grande, e a decisão já foi uma loucura. Teve que ser resolvida na prorrogação, algo muito incomum naquela época. Coisas que hoje a gente só vê na Liga dos Campeões da Europa e na Copa do Mundo, porque, no Brasil mesmo, a turma vai logo para os pênaltis, para não ter que correr mais meia hora.

Pois bem, o jogo terminou sem gols. Na prorrogação, o Auto Esporte marcou um, venceu o jogo e levou a decisão do título para mais partidas finais. É aí que a mágica maluca acontece. O Treze tinha até ali a melhor campanha. Logo, o segundo jogo da grande final do Campeonato Paraibano seria em casa. O primeiro, em João Pessoa, foi vencido pelo Clube do Povo por 1 a 0. O Treze tinha que ganhar. Ou até empatar. Isso mesmo: se o Galo da Borborema apenas empatasse, ainda forçaria uma terceira partida.

E foi o que aconteceu. O placar terminou em 0 a 0 no Estádio Amigão, na segunda partida. Atualmente, o resultado agregado seria de 1 a 0 para o Macaco, com a taça indo para o Mangabeirão, sem mais delongas. Mas antigamente a turma se superava em fazer regulamento. E simplesmente o empate forçou um terceiro jogo.

Ocorre que agora a vantagem dentro da final era do Auto Esporte. O jogo seria em Campina Grande porque o Treze fez a melhor campanha. Mas, como o Auto tinha vencido um jogo e empatado outro, jogava pelo empate para ser campeão na derradeira partida. E mais! Se o Auto Esporte perdesse para o Treze, haveria uma prorrogação na partida para decidir o campeão. Independente do placar. Uma loucura maravilhosa. Sobre tudo para quem era Auto Esporte ou não tinha um time na final.

O Treze atropelou. Meteu 4 a 0 no Auto Esporte nos 90 minutos. O que não adiantou de nada. O clube pessoense, após levar uma enfiada de 4 a 0, simplesmente venceu a prorrogação por 1 a 0 e foi campeão em pleno Amigão. Perdendo o jogo, digamos, de 4 a 1. Mas estava tudo previsto no regulamento. Azar do Galo. Sorte do campeão, o Auto Esporte, que naquela altura iria levantar a sua última taça de campeão paraibano até hoje. Troféu que nasceu com este escriba, que tem 34 anos, e nunca viu o Auto Esporte levar a primeira divisão.

Amanhã Treze e Auto Esporte fazem 101 e 90 anos, respectivamente. Cheios de histórias para contar. Cheios de troféus em suas salas de taças para contar também. Mas com futuros incertos e um presente complicado, em medidas diferentes, claro, afinal a crise do time de Campina Grande não se compara com a da equipe de João Pessoa. Será que ainda veremos uma final de Paraíba entre Galo e Clube do Povo? Queria eu ver um 1992 no futuro.

90 ANOS

Auto Esporte vive glórias do passado

Clube atravessa uma de suas maiores crises e não consegue se manter na Primeira Divisão do futebol paraibano



Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Seis vezes campeão paraibano, primeiro clube da Paraíba a jogar um Campeonato Brasileiro e um dos mais tradicionais times do Nordeste, o Auto Esporte tem um passado distante de se orgulhar. Mas o presente e o passado mais recente seguem no mesmo diapasão. O clube vem sendo uma gangorra no futebol do estado, colecionando quedas para a Segunda Divisão do Campeonato Paraibano e retornos que duram pouco para a elite do futebol estadual. Amanhã, o Clube do Povo chega a seus 90 anos atravessando esse momento bem menos glorioso.

O time, aliás, prepara-se para jogar mais uma divisão de acesso. Como é de costume quando disputa a divisão menos importante do futebol da Paraíba, é um dos favoritos para subir e voltar ao que foi historicamente seu lugar. Sob o comando, mais uma vez, do diretor de futebol Joacil Júnior, um abnegado que segue à frente do principal departamento da instituição.

Mas não só dele. Joacil é uma espécie de mandatário do clube. Dono é uma palavra que o atual principal diretor automobilista rechaça. Mas não dá para negar que o Alvirrubro vem funcionando ano a ano por conta do dirigente, que foi torcedor de arquibancada e agora é o responsável por montar os elencos do clube a cada tempo-

rada e cuidar de diversos outros setores.

“Vamos fazer um time para subir, mas outros clubes também vêm forte para essa competição, como o Santa Rita, a Desportiva Guarabira, Cruzeiro de Itaporanga. Espero que nosso time possa ir bem, mas a gente sabe como é futebol”, analisou o dirigente.

De fato, faz tempo que o Auto Esporte não passa por mudanças e não gera expectativas maiores em seu torcedor. O que vai, inevitavelmente, fazendo o Clube do Povo se afastar dos seus. Para além disso, os resultados também não ajudam para atrair a massa que já encheu estádios em João Pessoa. E a dúvida persiste: o Auto Esporte não se transforma porque não tem bons resultados ou não tem bons resultados porque não faz uma transformação antes?

Recentemente, um grupo de torcedores, composto ainda por ex-jogadores e ex-dirigentes, autointitulado “Por amor ao Auto Esporte”, tem buscado diálogo com o clube e feito discussões sobre o presente e o futuro da agremiação. Um desses integrantes é o ex-presidente Manoel Demócrito.

“Hoje o Auto Esporte é como se fosse uma igreja, fechado, com poucas pessoas, com uma pessoa que praticamente manda em tudo. O Auto Esporte tem uma torcida pequena, mas que merece respeito. Não pode ser assim. O Auto Esporte vai chegar a 90 anos”, analisou o ex-dirigente.

Feijoada e samba

O Auto Esporte comemora seu aniversário

no dia 7 de setembro. A sua fundação é debatida. Isso porque Walfredo Marques, ex-dirigente da Federação Paraibana de Futebol e importante memorialista do futebol paraibano, cravou que o clube nasceu em novembro de 1936 e não em setembro.

Outro ex-dirigente, Henrique Bernardo Cordeiro, por outro lado, refuta a tese e em entrevista no ano de 1997, ao *Jornal O Norte*, garantiu que o clube nasceu mesmo na data que comemora a Independência do Brasil.

“Nas minhas pesquisas, encontrei uma entrevista do ex-presidente do Auto Esporte, Henrique Bernardo Cordeiro, em que ele explica sobre a fundação. Segundo ele, a confusão nas datas se deu porque, dois meses depois da fundação, em novembro, o clube começou a jogar com uniformes, de maneira organizada. Provavelmente na Liga Suburbana”, conta o historiador George Henrique Vasconcelos.

Para comemorar o seu aniversário, a diretoria vai organizar uma festa com muita música e festa, amanhã, no Estádio Mangabeirão, sede do clube. A partir de 13h30, começam as atrações musicais e a tradicional feijoada de comemoração. A atração principal é o Clube do Samba.

O Auto Esporte Clube foi fundado por iniciativa de trabalhadores que faziam parte do Sindicato dos Motoristas de João Pessoa. Disputou o Campeonato Paraibano pela primeira vez em 1938. O time foi campeão estadual em 1939 (invicto), 1956, 1958, 1987, 1990 e 1992. Conquistou ainda a Copa Paraíba de 2011 e as segundas divisões do Paraibano em 1968, 2006 e 2024.

Treze também comemora aniversário sem muita empolgação

Outro clube paraibano importante faz aniversário no dia 7 de setembro. O Treze Futebol Clube, dono de uma das maiores torcidas da Paraíba, e o terceiro maior campeão estadual chega ao seu primeiro ano após o centenário. Fundado em 7 de setembro de 1925, o Galo da Borborema chegou a 100 anos no ano passado.

Agora faz 101 anos e também vive um momento aquém de suas glórias passadas. O clube fracassou mais uma vez na busca pelo acesso à Série C do Campeonato Brasileiro deste ano, sendo eliminado em casa para o São José-RS, e segue com impasses em relação ao formato de sua Recuperação Judicial.

Atualmente, o clube optou por formalizar uma Sociedade de Propósito Específico (SPE) para comandar o departamento de futebol com outra razão

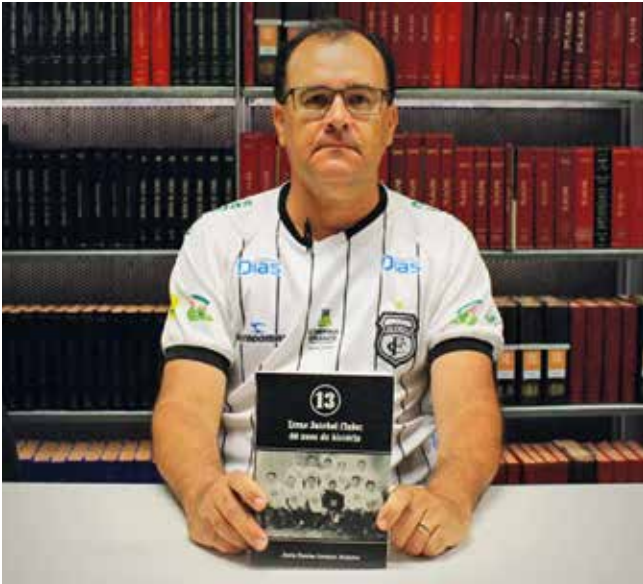
social, separada do clube no ponto de vista jurídico. É o clube, no entanto, que deve cerca de R\$ 20 milhões e que tem a obrigação de pagar aos credores. A SPE, no entanto, promete fazer repasses para abater dívidas. Essa relação, no entanto, foi questionada na Justiça e, semanas atrás, o Poder Judiciário impediu que a SPE e o próprio Treze contratem novos jogadores e sigam trabalhando dessa forma. Desse modo, até o momento, a instituição está forçadamente parada, sem poder administrativo. E isso com a Copa Paraíba, que vai ser disputada em novembro, batendo às portas.

Fundação

O Treze Futebol Clube foi fundado por 13 homens que se reuniram em uma casa em Campina Grande a fim de criar

um time de futebol, sob o comando de Antônio Fernandes Bióca, introdutor do futebol na cidade. A sugestão do nome, de acordo com a história oficial, aconteceu justamente em virtude da quantidade de pes-

soas que estavam na reunião definitiva. O primeiro jogo de futebol do novo clube aconteceu apenas em 1926; ou seja, neste ano fez 100 anos da primeira entrada em campo do Galo da Borborema. O historiador



Mário Vinícius com livro sobre a história do Treze

Mário Vinícius, autor de belas obras sobre o clube, explica a certa demora para o primeiro jogo oficial do time. “O material foi comprado em São Paulo. Alguns atletas também compraram chuteiras que só vendiam lá em São Paulo. E o roteiro da chegada dos materiais era: de São Paulo levavam para o Porto de Santos; de Santos, eram trazidos até o Recife; e, do Recife, chegavam a Campina Grande de trem. Então tudo isso aí demandou tempo, até mesmo para que o pessoal se preparasse financeiramente para adquirir os produtos”, explicou.

A primeira vez que o Galo da Borborema disputou o Campeonato Paraibano foi em 1939, 14 anos depois do seu nascimento. Em 1940, no entanto, um ano depois de disputar o Estadual pela primeira vez, o Treze conquistou seu primei-

ro título da competição. De lá para cá, o Alvinegro de Campina Grande venceu 17 vezes o Paraibano. Tem ainda um título da Copa Paraíba, em 2009.

Camisa comemorativa

Em alusão ao seu aniversário de 101 anos, o clube lançou uma camisa comemorativa. A nova blusa tem a cor branca como predominante, com finas listras pretas verticais, além de detalhes dourados e patches na gola e no número das costas registrando o aniversário. A versão masculina pode ser comprada pelo valor de R\$ 179,90, enquanto a feminina custa R\$ 170,90. Ambas estão sendo vendidas na loja oficial do Galo, que fica no Centro de Campina Grande. A loja também vai receber os torcedores amanhã, a partir das 8h, para comemorar o aniversário do Alvinegro em um evento especial.

Busólogos registram evolução urbana

Prática de fotografar frotas e coletar dados atua como um valioso acervo histórico para pesquisadores de mobilidade

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Sozinhos ou em grupos, eles registram, em vídeos, fotografias e descrições, o transporte público por ônibus e a mobilidade urbana de uma região. Mais do que interessados no assunto, os busólogos, como são popularmente conhecidos, são entusiastas de uma prática que vem ganhando cada vez mais espaço em plataformas como Facebook, Instagram ou TikTok. Na Paraíba, os perfis individuais e coletivos se multiplicam para registrar frotas, linhas, terminais, modelos e sistemas operacionais de ônibus.

José Domyunnyck de Almeida e João Vitor Vitorino, dois jovens paraibanos de 19 anos, confessam que a paixão pela prática nasceu ainda na infância. Conheceram-se a partir de publicações nas redes, trocaram contato e ainda hoje costumam agendar encontros em pontos específicos da cidade para, junto a outros busólogos, fotografarem os veículos de transporte coletivo.

“Não temos um dia específico, é muito aleatório. O dia mais certo que a gente podia era domingo, mais especificamente nos bairros da Penha e Seixas, quando tem os ônibus de turismo que fazem excursão de vários locais do interior da Paraíba ou de estados vizinhos, como Pernambuco e Rio Grande do Norte, ou até de mais longe, como Maranhão e Bahia. Era um prato cheio! Tinha tanto ônibus que, às vezes, era difícil fotografar, porque o espaço era pouco”, conta Domyunnyck.

A maior parte dos registros desse tipo de veículo, no entanto, são do serviço de viagens intermunicipais ou interestaduais, feitos no Terminal Rodoviário de João Pessoa, ou da frota interurbana. Os vídeos dos dois podem ser dos ônibus passando em avenidas conhecidas, como a Epitácio Pessoa, em terminais como o da Lagoa ou até mesmo nas garagens das empresas, quando há algum evento para os quais os

busólogos são convidados.

A paixão do jovem morador de Bayeux (PB) pelo modal rodoviário vem de longa data. Quando era criança, fazia das caixinhas de creme dental o seu brinquedo, desenhando o prefixo do veículo e o nome da empresa. Já adolescente, aproveitava os trocados que sobravam para passear na linha de ônibus, sem destino. Mais recentemente, logo que completou a maioridade, fez uma viagem sozinho até Recife (PE), mas não saiu do Terminal de Passageiros, onde permaneceu apenas para fotografar os ônibus que chegavam e partiam.

Relações afetivas

Todo esse processo fez crescer certa amizade com os motoristas, que até gostam de ser registrados durante o trabalho. Os vídeos, aliás, são os que mais conseguem engajamento nas redes, de acordo com Domyunnyck. A história do rapaz tem ganhado novos contornos com a busologia, já que, há pouco mais de uma semana, foi contratado como jovem aprendiz para atuar na área de logística de um dos consórcios de transporte coletivo urbano da Região Metropolitana de João Pessoa.

No caso do amigo João Vitor, a relação com os ônibus nasceu com o pai, que, durante muito tempo, foi motorista do transporte e o levava, ainda pequeno, para acompanhá-lo no trabalho. Hoje, já aposentado, o pai estimula o filho com o *hobby*, acha interessante — até segue os perfis

— e conversa sobre modelos de ônibus ou sobre as empresas, mas nunca incentivou o jovem a seguir a mesma profissão, em razão da precariedade e dos baixos salários. Apesar disso, a amizade cultivada com os companheiros de profissão do pai continua, e até oferece algumas vantagens para ele fazer os registros.

Para João, que também é jovem aprendiz, mas em um setor diferente daquele de Domyunnyck, a busologia tem um forte componente afetivo. “O principal é você gostar de ônibus, ter alguma ligação. Todo busólogo tem

uma história com ônibus. A minha, no caso, vem do meu pai. Qualquer registro que eu faço eu me lembro do meu pai; é como se o ônibus tivesse algo que me ligasse a ele”, observa. Para ele, o bom da busologia é poder fazer amizades e encontrar pessoas com gostos semelhantes.

Informações e reações

Apesar de não ser pré-requisito aprofundar-se em mobilidade urbana para ser considerado busólogo, João Vitor percebeu que, nas redes sociais, as pessoas pediam mais informações sobre linhas, modelos e empresas dos ônibus que apareciam nas publicações. A partir de então, tanto ele quanto o amigo adotaram a prática de acrescentar esses dados. O compartilhamento entre busólogos de outros estados também justifica essa descrição mais detalhada, que os jovens conseguem nos *sites* das empresas ou com pessoas mais antigas no *hobby*, que já dispõem das informações.

As reações ao que os busólogos publicam vão de um extremo a outro. Há os que elogiam e parabenizam ou interagem para tirar dúvidas, mas há também aqueles que criticam e consideram a prática uma perda de tempo. José Domyunnyck relata que há comentários dizendo que os registros são coisa de desocupados, de quem não tem o que fazer, ou associa a prática a pessoas com autismo, atribuindo a essa condição um valor pejorativo. Ele admite que, em alguns casos, perdeu a paciência.

“Eu conheço autista que é busólogo, e nem por isso eu fico ‘zoando’ porque ele é autista. Quando eu não estou num dia bom, eu acabo dando uma resposta ofensiva. Mas eu sei que não deveria fazer isso, que deveria me dar o respeito”, assume Domyunnyck. O amigo João Vitor recorda que as plataformas divulgam, com seus algoritmos, publicações que as pessoas gostam e outras mais aleatórias, mas isso não justifica comentários afirmando que a busologia é

coisa de doido. “Caberia um pouco mais de respeito, porque todo mundo gosta de alguma coisa. Tem gente que gosta de ônibus, e tem que respeitar”, defende João.

Memória e nostalgia

Os comentários quase sempre são positivos quando eles publicam fotos ou vídeos de ônibus antigos. Os dois jovens alertam que esse não é o objetivo de suas práticas como busólogos, sobretudo, porque é difícil obter tais registros. Mas, quando o fazem, furam a bolha e atraem outro tipo de público, aquele tomado pela nostalgia. “Dizem que a foto lembrou quando era mais novo e pegava aquele ônibus. Aí um comentário vai puxando outro e outro, e acaba trazendo até o público que não é engajado com nosso *hobby*”, explica João Vitor.

Foi justamente assim que a professora Maria Helena Azevedo, do programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), soube da existência dos busólogos: a partir de uma fotografia antiga de um ônibus da Setusa, empresa de ônibus mantida pelo Governo Estadual, em João Pessoa. Ela recorda que estudava no Instituto João XXIII, no bairro do Roger, e, ainda adolescente, precisava se deslocar até a Lagoa para apanhar o ônibus. “Quando o Setusa aparecia, era uma alegria, porque estudante fardado não pagava a passagem”, relembra.

Como já trabalhou alguns anos com pesquisa sobre fotografias, coordenando a digitalização de mais de quatro mil imagens do Acervo Humberto Nóbrega, Maria Helena desenvolveu a habilidade de observar detalhes das pessoas e suas vestimentas, assim como dos modelos de automóveis e de transporte público registrados. Nesse trabalho, ela às vezes se perguntava se aqueles que fotografavam tinham dimensão da repercussão e da importância da documentação que produziam para a posteri-

dade, especialmente para os pesquisadores de campos do conhecimento, como a história e a memória, atividade que associa à dos busólogos.

“Eles têm uma preocupação em documentar os ônibus, os modelos que vão sair de linha, os bilhetes de passagem, enfim, eles guardam a memória dos transportes coletivos com uma dedicação extraordinária. O trabalho que eles fazem já nos conta muito sobre a cidade de ontem. Isso tudo, alinhado aos recursos tecnológicos que temos hoje, torna-se um receptáculo que pode armazenar preciosas informações sobre os meios de transporte coletivo ou sobre como nos deslocamos na dinâmica da vida urbana”, reflete a urbanista.

O transporte coletivo por ônibus em João Pessoa teve início em 1929, convivendo por décadas com os bondes e as marinetes. Com o crescimento urbano, a partir dos anos 1960, os trajetos e as tarifas aumentaram, sob a fiscalização do Governo Municipal. A insatisfação da população culminou em manifestações, em agosto de 1988, levando à criação da empresa estatal Setusa, que oferecia trajetos mais populares (linhas interbairros), tarifa única e gratuidade para estudantes. Apesar de funcionar por nove anos sem gerar prejuízos efetivos, a empresa teve a sua frota reduzida e foi extinta em 1996, quando seis das sete linhas da estatal foram concedidas ao setor privado.

No Rio de Janeiro, a Lei Municipal nº 9.418/2026 estabeleceu o dia 22 de junho como o Dia do Busólogo, data que passou a integrar o calendário oficial da cidade. No projeto de lei, argumentava-se que os registros dos busólogos constituem importante acervo histórico que auxilia pesquisadores, gestores públicos, empresas e outros entes interessados no desenvolvimento de políticas públicas eficientes e sustentáveis. Também destacam as atividades desenvolvidas por eles para a manutenção da identidade urbana.



Busologia é o estudo e a paixão por ônibus e pelo sistema de transporte coletivo, geralmente praticada como um hobby

Foto: Leonardo Ariel



Foto: Leonardo Ariel

Domyunnyck (acima) e João Vitor (E) enfrentam incompreensão na internet enquanto transformam o interesse por ônibus em amizades e oportunidades de carreira



Foto: Arquivo pessoal



José Rafael enveredou pela literatura, pela crítica cinematográfica e até pela política, mas era no magistério que encontrava a “energia do seu ser”

José Rafael de Menezes

Acima de tudo, um professor

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Cientista social, parlamentar, romancista, ensaísta e crítico — mas, acima de tudo, professor, porque dizia que tudo o que tinha ensaiado na vida fracassara, menos o magistério. A lista das ocupações do sertanejo “paraibucano” José Rafael de Menezes é longa, e inclui mais de mil artigos e dezenas de livros, contribuições que revelam o intelectual imortalizado nas academias de letras dos estados irmãos da Paraíba e de Pernambuco.

Natural de Monteiro, no Cariri paraibano, José Rafael de Menezes nasceu em 23 de agosto de 1924, filho do casal Alcindo Bezerra de Menezes e Maria das Dores Rafael de Menezes. Depois dos primeiros estudos na terra natal, seguiu, aos 13 anos, para Recife, onde realizou a formação secundária nos tradicionais colégios Salesiano, Nóbrega e Oswaldo Cruz. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife, em 1944, sendo o primeiro colocado no vestibular, e concluiu o bacharelado em 1948, como orador da turma. Foi quando quebrou a tradição e, em vez de ler o seu discurso, preferiu falar de improviso. Um ano antes, o paraibano já havia se diplomado nos cursos de Geografia e História, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega, atual Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Como acadêmico de Direito, participou, ao lado do também paraibano Felipe Tiago Gomes e de outros colegas e mestres, da fundação da Campanha do Ginásio Pobre, no Recife, que viria a se tornar a Campanha Nacional das Escolas da Comunidade (Cnec). A iniciativa espalhou-se por todo o país e transfor-

mou-se na maior obra de ensino comunitário das Américas. A notoriedade na imprensa recifense aconteceu, segundo Felipe Tiago, quando ele e José Rafael concederam uma entrevista para divulgar um evento que pretendia buscar apoio financeiro e dar visibilidade política ao projeto — no qual Menezes também ministrou cursos.

Concluída a formação superior em Pernambuco, ele retornou à Paraíba, por razões de saúde. Nomeado promotor público da comarca de Monteiro, prosseguiu como professor e levou adiante a fundação do Ginásio de Monteiro. De 1951 a 1954, exerceu o mandato de deputado estadual, na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB). No magistério, consolidou a carreira acadêmica na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como professor titular das disciplinas de Didática, Filosofia da Educação e Filosofia da História, assim como na antiga Universidade Autônoma de João Pessoa (atual Unipe), onde lecionou Sociologia do Desenvolvimento e Psicologia Social. Na esfera administrativa e pública da Paraíba, exerceu ainda as funções de diretor de Ensino do Estado, auditor da Justiça Militar e diretor do Departamento Cultural da UFPB.

Com a expansão dos movimentos cineclubistas no Brasil, José Rafael de Menezes e os padres Antônio Fragoso e Luís Fernandes organizaram um grupo de jovens interessados pelas discussões em torno do cinema e criaram o Cineclub de João Pessoa. A eles juntaram-se Linduarte Noronha, Vladimir Carvalho, João Ramiro Mello, Wills Leal, Wilton Veloso, Geraldo Carvalho e outros. A partir desse grupo, formou-se, em 1955, a Associação de Críticos Cinematográficos da Paraíba, uma dissi-

dência do movimento local de orientação estritamente católica.

Magistério

A estreia nas letras foi na ficção, impulsionado pelas experiências vividas nos anos do flagelo da seca. As obras *Êxodo* (1952) e *Miragem do Sol* (1954) nararam as venturas e desventuras dos retirantes sertanejos que migravam do Nordeste em busca de melhores condições de vida, e são consideradas parte de um mesmo projeto do Ciclo dos Paus de Arara. De espírito crítico, José Rafael considerava-se um ficcionista fracassado, ainda que esses primeiros escritos tenham-lhe aberto as portas da Academia Pernambucana de Letras (APL-PE), tomou posse em 1985, com um discurso que recordou a sua atuação social na Cnec, na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) — sobretudo, na defesa dos direitos da pessoa humana —, assim como em iniciativas católicas pernambucanas, como a Obra de Frei Francisco, fundada por Dom Hélder Câmara, e a Organização do Auxílio Fraterno (OAF), obra social voltada à educação de crianças e adolescentes em situação de rua.

Seu sucessor na entidade, o médico Astênio Fernandes, destacou, em discurso de posse na APL-PB, tanto a paixão que seu antecessor tinha pelo magistério, ideário ao qual se dedicou de corpo e alma, quanto a autocrítica severa, que creditou a um perfeccionismo mesclado de generosidade. Na ocasião, citou o próprio José Rafael, ao dizer: “Tudo aquilo que ensaiei fora do magistério fracassou (...). Fui medíocre em tudo que não se acalorou do eros pedagógico. Esse eros pedagógico é em mim uma energia de meu ser. Com toda sua beleza e risco”.

Astênio ressaltou as concepções pedagógicas de José Rafael, fundadas numa relação dialógica que se aproxima das desenvolvidas por Paulo Freire — uma educação que vai da prática à teoria e, desta, retorna à prática, traduzindo-se como extensa e multifacetada. “O devotado professor escreveu, além de livro didático, artigo jornalístico, romance, ensaio, poesia e memória”, completou.

Em 1961, José Rafael fixou residência no Recife, onde consolidou a sua trajetória como professor universitário em instituições como a Unicap, a Faculdade de Filosofia do Recife (Fafire) e as faculdades de Administração e de Direito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Eleito para a Academia Pernambucana de Letras (APL-PE), tomou posse em 1985, com um discurso que recordou a sua atuação social na Cnec, na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) — sobretudo, na defesa dos direitos da pessoa humana —, assim como em iniciativas católicas pernambucanas, como a Obra de Frei Francisco, fundada por Dom Hélder Câmara, e a Organização do Auxílio Fraterno (OAF), obra social voltada à educação de crianças e adolescentes em situação de rua.

Literatura

Ana Maria César, sucessora do paraibano na APL-PE, relata que, insatisfeito como romancista, José Rafael enveredou pelo ensaio, que considerava o instrumento da historicidade que mais contribuiu para a civilização. “O ciclo dos ensaios teve início com *Caminhos do Cinema*, resultado de sua fascinação pela sétima arte, e teve continuidade em obras das mais importantes para o resgate da história contemporânea”, relatou a escritora.

Ela destacou, entre essas obras, *Jackson de Figueiredo, Cristianismo e socialização, Linha democrática, Paraibanos na Faculdade de Direito do Recife, História do Lyceu Paraibano* e *O mestre-escola brasileiro*. Ana Maria acrescentou que, de acordo com palavras do próprio José Rafael, ele buscou, “nas biografias dos homens ilustres, a marca do professor solitário e ascético, erudito e rigoroso

que definiria destinos de estadistas e de intelectuais”.

Os ensaios foram também didáticos, como *Filosofia Social do Desenvolvimento, Sociologia no Nordeste, Fundamentos Básicos da Sociologia, Sociologia e Administração*, e biográficos — possivelmente, a maior parte de sua produção —, indo de *José Américo: um homem bom*, passando por *O filósofo de Luiz Delgado, Aproximações da obra estética de Evaldo Coutinho, Vasconcelos Sobrinho: o ecólogo místico* e *O humanismo socialista de Joaquim Nabuco* e chegando em *Aníbal Bruno: professor e escritor*, dentre outros.

Na poesia, escreveu *Poéticas* e *Alter/nâncias*, livro que explora nuances da vida, de forma profunda e sensível, capturando a complexidade das emoções humanas e das inevitáveis transformações que ocorrem ao longo da vida. A obra integra a coleção Paraíba Literária, projeto de extensão universitária que visa à preservação da memória e à visibilidade da produção literária paraibana.

José Rafael foi também pioneiro na crítica cinematográfica regional, caminha pelo qual ingressou na crônica jornalística, colaborando assiduamente com veículos como *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco* (Recife), *O Diário* (Belo Horizonte), *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), *A União* e *Correio da Paraíba* (ambos de João Pessoa). “No campo jornalístico, atuou como cronista em diversos jornais, contam-se mais de dois mil artigos. Dizia haver, na maioria dos escritores brasileiros, um jornalista ampliado”, pontuou Ana Maria César, em seu discurso de posse na APL-PE.

Humanismo

No início deste século, ele concentrou as suas atividades na cidade de

Monteiro, onde instalou uma biblioteca e criou uma fundação empenhada na criação de uma faculdade voltada para a formação de professores. Publicou, ainda, *A inteligência telúrica* (2000), no qual desenvolveu a tese do “homem mineralógico”. Embora sem pretensões científicas, ele realiza uma investigação histórico-cultural e sociológica sobre a identidade nordestina a partir de grandes personalidades que teriam se beneficiado, graças a uma dosagem mineralógica de vales e encostas dessa região, de uma inteligência “que se abastece do Sol, da Lua, das constelações, do verde dos campos, das águas...”.

A escritora Ana Maria compartilhou, ainda, outras características desse humanista de fé católica, como a luta contra as desigualdades e o hábito de se deslocar a pé até as faculdades onde ensinava. Ela contou que era possível encontrá-lo pelas calçadas esburacadas ou em ruas congestionadas, passando “com um livro na mão”, até topar com algum ex-aluno que lhe oferecia carona. Nas viagens mais longas, utilizava o ônibus como meio de transporte para romper as estradas entre cidades e estados nordestinos. Ao fim do seu discurso, ela assim o definiu: “Um homem singular, ao mesmo tempo plural; um regionalista universal; um erudito pragmático; um pacifista carbonário”.

José Rafael de Menezes faleceu no Recife, no dia 23 de junho de 2009, deixando viúva e quatro filhos. Amante de livros, seu nome foi dado à Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), localizado em Monteiro. Em Pernambuco, recebeu da Assembleia Legislativa o título de Cidadão Pernambucano, em novembro de 2000.

Denise Fleury

Por que precisamos falar de saúde mental na primeira infância

Desde os primeiros anos de vida, a saúde mental das crianças é tecida nas relações que estabelecem com o outro e com o meio. Medos, perdas e lutos fazem parte do cotidiano infantil e são fundamentais para o desenvolvimento de recursos simbólicos e linguageiros. A psicanálise considera o bebê um sujeito de linguagem, cujo amadurecimento emocional depende da relação com o outro — especialmente da voz e do olhar que o invocam para o mundo. É desse vínculo que a subjetividade começa a se formar.

Podemos pensar na moleira, que termina de se fechar após o nascimento, como uma metáfora da maleabilidade psíquica do bebê diante do outro. Pela voz, especialmente, ele recebe o colo onde é embalado e nutrido por palavras. Aos poucos, vai sendo apresentado ao mundo que o cerca. Por isso, vínculos afetivos com familiares, professores e cuidadores funcionam como uma ancoragem, oferecendo segurança para que a criança se arrisque, explore e experimente o mundo com todos os desafios que isso implica.

Desconstruindo mitos

Um dos equívocos mais comuns sobre a saúde mental infantil é acreditar que o bebê nasce como uma “tábula rasa”, ideia difundida por John Locke. Mesmo no início da vida, há um sujeito de linguagem e de desejo, e reconhecer isso é essencial para compreender sua formação psíquica e emocional. Outro mito persistente é o imperativo de que a criança deve



Segundo Denise, bebês precisam de vínculo

ser feliz o tempo todo. Por trás dele, esconde-se a crença de que é possível poupá-la do sofrimento. Mas a tristeza e a angústia são partes inevitáveis — e necessárias — da experiência humana. É preciso permitir que as crianças sintam, expressem e elaborem os sentimentos.

A escola, nesse contexto, é um espaço fundamental de convivência e socialização, especialmente em tempos em que as relações presenciais e as brincadeiras livres tornam-se cada vez mais escassas. As crianças precisam

vivenciar o mundo com o corpo, em contato com outras pessoas e com o ambiente — a rua, o bairro, a natureza. O brincar e o faz-de-conta são formas de experimentação e construção de sentido. A escola, portanto, deve ser uma aliada na promoção da saúde emocional, garantindo o tempo e o espaço necessários para essas experiências.

A sociedade ainda não compreendeu plenamente que as experiências da primeira infância são determinantes para o desenvolvimento

■ Um dos equívocos mais comuns sobre a saúde mental infantil é acreditar que o bebê nasce como uma “tábula rasa”

futuro. Investir nas relações afetivas e simbólicas dos primeiros anos é investir na saúde emocional e social de toda uma geração. É também sustentar redes de apoio que garantam continuidade e cuidado, ampliando o olhar para além do presente imediato.

Clinica e literatura

Na minha trajetória clínica e literária, observo com preocupação a naturalização dos diagnósticos e da medicalização na infância. O aumento de diagnósticos anda lado a lado com a redução dos espaços de convivência e do tempo de brincar. Já ouvi de um pai que retiraria o filho da escola porque lá ele “só brincava”. É urgente desconstruir essa noção: brincar é, em si, um modo de aprender, elaborar e crescer.

A literatura pode ser uma grande aliada nesse processo. Em *Benjamin*, meu livro infantil mais recente, utilizo uma narrativa poética e lúdica para tratar da ansiedade de separação — um tema universal da primeira infância. A história acompanha a relação entre mãe e filho por meio da metáfora de dois elefantes, cujas trombas se entrelaçam como símbolo do vínculo afetivo. A narrativa oferece tanto o acolchoado da proximidade quanto a abertura para a separação. Histórias assim dão voz às crianças e ajudam a tratar temas delicados, como a ansiedade e o medo, de forma simbólica e acolhedora.

Denise Fleury é psicóloga, psicanalista, pedagoga e mestre em Educação, especialista em Infância.

A jornalista Angélica Lúcio, que escreve neste espaço aos domingos, voltará na próxima semana.

Tocando em Frente

The Beatles Forever — III — Paul McCartney

A República da Irlanda, localizada no noroeste da Europa, tem Dublin como sua capital e integra a Comunidade da União Europeia. O país, apesar de anos de luta com a Inglaterra, marcados por conflitos separatistas, mantém, após a chamada “Guerra da Independência” (1919–1921), uma relação de cooperação diplomática e econômica com o Reino Unido, do qual faz parte a Inglaterra e, obviamente, a cidade de Liverpool.

Essas divagações de natureza geopolítica têm tudo a ver com a mudança da família McCartney para a cidade de “nascimento” dos Beatles. Explico-me melhor: o ainda jovem irlandês James McCartney, ou simplesmente Jim, quando resolveu mudar de residência para Liverpool, buscava expandir as suas aptidões no ramo do comércio algo-deiro, algo que a cidade portuária de Liverpool então oferecia.

Foi ali que desposou a mãe de Paul, Mary Patricia Mohin, quando, em 1941, ele já contava a idade de 40 anos, e ela, 30. Ela trabalhava como inspetora de saúde do distrito e parteira (a título de curiosidade: ela faleceu, vítima de um câncer, em 1956, quando Paul estava com apenas 14 anos, por isso, evidentemente, não chegou a vivenciar o sucesso do filho famoso). Paul teve um irmão mais novo, Peter Michael McCartney, conhecido como “Mike McCartney” ou “Mike Gear”, que também seguiu

carreira artística, fazendo parte de um grupo pouco conhecido, o Scaffold. Ruth McCartney, sua meia-irmã, é fruto de um segundo matrimônio do pai, Jim.

O dom musical dos filhos certamente se deveu a uma espécie de gosto ou herança musical do pai, pois se, durante o dia, ele dedicava-se ao comércio algo-deiro; à noite, era o pianista de um grupo local de jazz.

James Paul McCartney, primeiro dos dois filhos dela, nasceu em 18 de junho de 1942, e seu irmão, Michael, veio dois anos depois, portanto, em plena II Guerra Mundial. O evento bélico decretou a falência da Bolsa de Algodão de Liverpool, mas, ao que se sabe, os filhos não chegaram a sofrer com as dificuldades oriundas da miséria provocada pela guerra.

Apesar das atribulações domésticas, Paul sempre foi bem-sucedido nos estudos públicos primários e chegou, com certa facilidade, ao ingresso no elitista Liverpool Institute, a maior escola da cidade.

Vencidas as amarguras da guerra, em 1955, os McCartney fixaram residência em Allerton, no local conhecido como Forthlin Road, um dos subúrbios mais respeitáveis de Liverpool. Ali, a família prosperou, apesar da morte prematura da mãe de Paul.

Depois de perder a mãe, Paul buscou refúgio no mundo da música, passando a ouvir Elvis Presley — e, mais ainda, os Everly Brothers — e aprendendo

sozinho a tocar guitarra, instrumento que havia adquirido com sacrifício. Era uma Zenith Model 17, fabricada na Alemanha. Embora se saiba que ele não era canhoto, ele quis inovar, invertendo-a de ponta-cabeça, mudando, evidentemente, a posição das cordas, o que, de novidade, persistiu como normal para ele.

Oirmão de Paul, Michael, chegou a afirmar que aquele “estava perdido. Não tinha tempo para comer ou pensar noutra coisa... [que não fosse musical]”. A primeira composição foi “I lost my little girl”, datada dos anos de aprendizagem de Paul, e que foi também apresentada para Lennon.

Foi em uma festa religiosa, ocorrida nos jardins da St. Peter’s Church, localizada na zona suburbana de Woolton, na Menlove Avenue, em Liverpool, que Lennon encontrou Paul pela primeira vez, tendo sido apresentado pelo amigo comum, Ivan Vaughan, que era colega de escola de Paul e tocava com Lennon no grupo de *skiffle* The Quarrymen. Foi a interpretação de Paul para o *hit* “Twenty flight rock”, de Eddie Cochran (1938–1960), que despertou a atenção de Lennon. O dia era 6 de julho de 1957, época do verão inglês. Ele começou a fazer parte dos Quarrymen, mas esse dia costuma ser comemorado, pelos fãs dos Beatles, como a data de nascimento da banda inglesa.



Paul, ainda um garotão, mas já com sua Hofner 500/1

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

NEGÓCIOS

WhatsApp: de canal a desafio operacional

Plataforma encara missão de gerenciar redes de pequenas e médias empresas

Agência Estado

O avanço do WhatsApp como canal de contato entre empresas e consumidores também aumentou a pressão sobre pequenas e médias empresas que precisam responder rápido, manter histórico das conversas e distribuir atendimentos entre diferentes pessoas da equipe. Segundo pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), 82% dos pequenos negócios brasileiros usam o WhatsApp como principal canal de comunicação e vendas, à frente de outras plataformas digitais.

O fenômeno não é apenas local. Dados da AppMagic, levantados pelo Mobile Time, mostram que o WhatsApp registrou crescimento de 81% em *downloads*, de junho a julho de 2026, saltando de 32 milhões para 58 milhões de instalações no mundo e passando da sexta para a terceira posição entre os aplicativos mais baixados. O WhatsApp Business, versão voltada a pequenas e médias empresas, também avançou no *ranking* e entrou na *top 10* global, com 23 milhões de instalações no período, um sinal claro de que cada vez mais negócios estão estruturando suas operações de atendimento dentro do aplicativo.

Ao mesmo tempo, esse protagonismo do canal também ampliou um desafio operacional: como organizar o atendimento quando a operação depende de múltiplos atendentes, alto volume de mensagens e interações espalhadas entre diferentes canais digitais? É nesse cenário que a Whaticket estrutura a sua



Proposta é transformar o processo em uma operação organizada

operação no Brasil. Com raízes brasileiras, a plataforma foi desenvolvida para apoiar pequenas e médias empresas que precisam centralizar conversas, distribuir atendimentos entre equipes e ganhar mais visibilidade sobre a rotina de comunicação com clientes.

A proposta da empresa é transformar um processo que ainda acontece de forma fragmentada em uma operação mais organizada, com histórico preservado, continuidade no atendimento e mais clareza para quem responde e para quem gerencia a equipe. Em um único ambiente, a solução reúne canais como WhatsApp, Instagram, Facebook, TikTok, Telegram e *chat do site*, permitindo que diferentes atendentes acompanhem o mesmo fluxo de comunicação com mais contexto e agilidade.

Além da centralização das conversas, a plataforma oferece, de forma simples e fácil de configurar, recursos de automação, distribuição de atendimentos e organização da operação, com foco em negócios que dependem de respostas rápidas e acompanhamento

constante da jornada do cliente, sendo desenvolvida para pequenas e médias empresas.

Fluxos

Segundo a companhia, um dos diferenciais está justamente na adaptação à realidade brasileira. A plataforma foi pensada para empresas que usam o WhatsApp como ferramenta central do dia a dia e precisam de uma operação simples de acompanhar, implementar e escalar, sem

perder a proximidade que o canal exige.

“Nosso papel é ajudar as equipes a organizar as suas conversas, ter mais contexto e manter a proximidade em cada interação. Quando a tecnologia facilita a comunicação, é possível criar conexões mais fortes e construir comunidades mais próximas e duradouras”, diz Gabriel Schmidt, fundador da Whaticket.

Na prática, isso envolve desde a distribuição das conversas entre diferentes atendentes até a manutenção do histórico de cada cliente, passando por fluxos automatizados, ganho de agilidade no primeiro atendimento e mais previsibilidade para equipes que lidam com alto volume de contatos ao longo do dia.

A empresa disponibiliza um período de teste de 14 dias para empresas que queiram conhecer os recursos de multatendimento e automação. Mais informações estão no *site* oficial da Whaticket no Brasil.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: rosto (2) = face + está (1) = tá. **Solução:** aspecto peculiar (3) = faceta.

Charada de hoje: No Festival Internacional da Canção (1), em momento próximo do início do *show* (2), simpatizantes, namorados, ou o neologismo da moda (3) conversavam animados.



Ilustração: Bruno Chioffi

Tiras

O Conde

Antônio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Curiosidades linguísticas

A língua portuguesa e os idiomas do mundo guardam fatos surpreendentes sobre sua evolução, regras e variedade. Vamos dar uma espiada em alguns deles?

Uma gigante alfabética

A maior palavra da língua portuguesa tem 46 letras: pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico. Ela descreve quem sofre de uma doença pulmonar causada pela aspiração de cinzas vulcânicas. Ainda bem que não temos vulcões no Brasil...

Palavras que só existem no português

Muita gente acha que “saudades” é uma palavra exclusiva da nossa língua, o que não é 100% verdade (outras línguas têm conceitos parecidos). Porém, o termo “cafuné” (o ato de coçar a cabeça de alguém) é uma herança cultural banta (do quimbundo) praticamente única do nosso idioma.

Usos muito próprios

Além de cafuné, o português do Brasil possui vários termos de origem e regionalismos que não são usados (ou não existem) com o mesmo sentido em Portugal e em outros países lusófonos, como “gambiarra” (uma solução improvisada ou um reparo provisório feito de forma engenhosa), “xodó” (pessoa ou coisa de quem se gosta muito), “mindinho” (o dedo mínimo da mão ou do pé) e “perrengue” (situação difícil, aperto ou contratempo).

Idioma feito de assobios

Em La Gomera, nas Ilhas Canárias, existe o silbo gomero. Não é um dialeto com palavras faladas, mas uma língua inteiramente baseada em assobios, usada historicamente para comunicação através de vales profundos.

Palavras intraduzíveis

Iktsuarpok (do inuíte): a antecipação que faz você sair de casa para ver se tem alguém chegando.

Komorebi (do japonês): a luz do sol filtrada pelas folhas das árvores.

Turtle (do escocês): aquele pânico ou hesitação quando você vai apresentar alguém e esquece o nome da pessoa.

Hygge (do dinamarquês): um estado de conforto, aconchego e bem-estar compartilhado com pessoas queridas.

Toska (do russo): uma dor na alma ou angústia profunda sem uma causa clara.

Waldeinsamkeit (do alemão): o sentimento de paz ao estar sozinho em uma floresta.

Do maior ao menor

O idioma *khmer* (falado no Camboja) possui o maior alfabeto do planeta, composto por 74 letras. Em contrapartida, o idioma *rotokas* (da Papua-Nova Guiné) tem apenas 12.

9 diferenças

Antônio Sá (Tônio)



Solução

1 - cavanhague; 2 - baba; 3 - rólho; 4 - orelha; 5 - dente do retrato; 6 - dente do conde; 7 - pedra; 8 - cauda do gato; 9 - penna dos cncilos.